



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**MONIELLY SUELEN GOMES BARBOZA**

**LUZES DA DOMINAÇÃO: A Usina hidrelétrica de Xingó e as relações de poder da Chesf  
na cidade de Piranhas/AL (1980-2000)**

**MACEIÓ  
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**MONIELLY SUELEN GOMES BARBOZA**

**LUZES DA DOMINAÇÃO:** A Usina hidrelétrica de Xingó e as relações de poder da Chesf na cidade de Piranhas/AL (1980-2000)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Aruã Silva de Lima

**MACEIÓ  
2020**

**Catálogo na fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Central  
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

B2391 Barboza, Monielly Suelen Gomes.

Luzes da dominação : a usina hidrelétrica de Xingó e as relações de poder da Chesf na cidade de Piranhas/AL (1980-2000) / Monielly Suelen Gomes Barboza. – 2020.  
135 f. : il. color.

Orientador: Aruã Silva de Lima.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.  
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 85-90.

Anexos: f. 91-135.

1. Piranhas (AL) - Poder (Ciências sociais). 2. Companhia Hidroelétrica do São Francisco. 3. Relações sociais. 4. Coronelismo. 5. Modernização. I. Título.

CDU: 316.46.058.4

FOLHA DE APROVAÇÃO

MONIELLY SUELEN GOMES BARBOZA

**LUZES DA DOMINAÇÃO:** A Usina hidrelétrica de Xingó e as relações de poder da Chesf na cidade de Piranhas/AL (1980-2000)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas.

Aprovada em 31 de Agosto de 2020.

**BANCA EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Aruã Silva de Lima (Orientador)  
Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Eltern Campina Vale  
Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão  
(Examinador externo)



Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida  
Universidade Federal de Alagoas  
(Examinador interno)

*À minha família, por sempre acreditar em mim e me passar a confiança necessária para encarar novos desafios e não desistir dos meus sonhos, esse trabalho também é de vocês.*

## AGRADECIMENTOS

Fazer pesquisa no Brasil é difícil, principalmente no momento atual do nosso país, quando a educação - em especial a educação superior - não está sendo valorizada. Por isso, ter pessoas, parceiros de vida que te apoiem nessa jornada é primordial. Não tenho como deixar de agradecer, logo de início, aos meus pais e meus irmãos, pelo apoio diário, por aguentar e sempre ouvir as minhas angústias, reclamações e minhas felicidades durante esse processo. Não poderia ter metade das realizações que tenho na minha vida se não fosse pela força, pelo amor e pelo companheirismo deles.

Aos meus amigos, agradeço a leveza que me trouxeram quando precisei me desconectar um pouco por causa da correria da pós-graduação. Posso ter sumido muitas vezes para dar a atenção necessária à minha pesquisa, mas a alegria por ter momentos com vocês me deixava com mais energia para estudar. Espero que saibam a importância de eu os ter por perto, mesmo que não nos encontremos muito. Em especial deixo aqui meu agradecimento a Taynnan, que passou esses dois anos, todos os dias sendo meu parceiro, me ouvindo e incentivando, lendo o que eu escrevia, sendo meu corretor gramatical muitas vezes, você faz parte da minha trajetória acadêmica, e minha gratidão é enorme.

Agradeço também a meu orientador, por encarar mais essa jornada junto a mim, pela confiança no meu desempenho, pelas trocas nas conversas sobre a pesquisa, desde a concepção do projeto inicial, a força que me deu durante o processo de seleção, por acreditar na minha pesquisa, agradeço imensamente. Não posso deixar de agradecer aos meus professores, sejam eles da educação básica ou da minha vida acadêmica, tenho um pouco de todos em mim através do conhecimento que transmitiram, serão sempre lembrados com imenso carinho.

A realização de um mestrado é muito solitária, são dois anos de uma solidão estranha, cheia de realizações, mas é, talvez, o primeiro momento em que estamos sozinhos levando uma pesquisa a frente. No entanto, lembro da concepção de Halbwachs de memória, quando diz que a memória é massivamente coletiva porque na verdade nunca estamos sós, até quando estamos fisicamente sozinhos, várias pessoas nos completam por todas as memórias, conselhos, a vivência de uma forma geral, tudo isso faz com que você nunca esteja realmente só. Portanto, por mais solitária que essa jornada tenha sido, nunca estive verdadeiramente só, o apoio de todos me fez companhia. Esse trabalho pode ter sido escrito a duas mãos, mas foram várias mentes que o conduziram. Obrigada a todos.

## **RESUMO**

A construção de uma hidroelétrica no Baixo São Francisco implica em diversas ações de impacto social e estrutural no local onde a obra foi realizada, criando-se então, no caso estudado, em sua estrutura, um avanço modernizador, porém, causando divergências no âmbito social. O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações de poder ocorridas em Piranhas/AL no período de 1980 a 2000 a partir dos impactos sociais que a presença da Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) causou. A pesquisa se deu por meio de fontes como entrevistas, bibliografia e relatórios da Chesf, seguindo um caminho já iniciado em trabalhos anteriores. Busca-se nesta pesquisa, testar a hipótese da existência de práticas oligárquicas utilizadas pela Chesf com os grupos subalternos da cidade de Piranhas e entorno do lago de Xingó. Uma delas foi o desencadeamento de formas de separação que os piranhenses não estavam acostumados a vivenciar. Essas mudanças acabaram sendo incorporadas no dia a dia da população, e até os dias de hoje eles existem.

**Palavras-chave:** Sertão. Relações de poder. Corporações. Chesf.

## **ABSTRACT:**

The construction of a hydroelectric on the lower San Francisco implies several actions of social and structural impact in the place where the work was carried out, creating, in the case studied, in its structure, a modern advance, however, causing divergences in the social sphere . The present work aims to analyze the power relations that occurred in Piranhas / AL in the period from 1980 to 2000 from the social impacts that the presence of Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) caused. The research was carried out through sources such as interviews, bibliography and Chesf reports, following a path already started in previous works. The aim of this research is to test the hypothesis of the existence of oligarchic practices used by Chesf with subaltern groups in the city of Piranhas and around the Xingó lake. One of them was the triggering of forms of separation that the piranhenses were not used to experiencing. These changes ended up being incorporated into the daily lives of the population, and even today, they exist.

**Keywords:** Sertão. Power relations. Corporations. Chesf.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

FIGURA 1: MAPA DE PIRANHAS/AL.....	27
FIGURA 2: MAPA DE PIRANHAS/AL COM AS SUBDIVISÕES DO ACAMPAMENTO CHESF.....	27
FIGURA 3: LOCAL ESCOLHIDO PARA A CONSTRUÇÃO DA USINA HIDROELÉTRICA DE XINGÓ. ....	43
FIGURA 4: LOCAL ESCOLHIDO PARA RECEBER A USINA APÓS SUA CONSTRUÇÃO. ....	44
FIGURA 5: ACAMPAMENTO CHESF.....	46
FIGURA 6: ACAMPAMENTO CHESF VISTO DE OUTRO ÂNGULO.....	47

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Mapeamento socioeconômico da vila Alagoas em 1997.....	55
Tabela 2. Resultado da percepção populacional da vila Alagoas (casas tipo C) quanto a Chesf em 1997 .....	56
Tabela 3. Resultado da percepção populacional da vila Alagoas (casas tipo D) quanto a Chesf em 1997 .....	56
Tabela 4. Quantidade de questionários aplicados pela Chesf .....	74

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1. Poder e relações sociais em Piranhas - 1980/2000</b> .....	14
<b>1.1 Desdobramentos da modernidade em Piranhas/AL a partir dE Berman</b> .....	14
<b>1.2 – A Modernidade do Subdesenvolvimento</b> .....	16
<b>1.3 – A Chesf em Piranhas/AL</b> .....	25
<b>2. A Chesf em Piranhas: Intervenção e usos políticos</b> .....	37
<b>2.1. A questão das moradias</b> .....	45
<b>2.2. Impasses econômicos para a construção da Usina de Xingó</b> .....	61
<b>2.3 Olhar municipal – Relação da Chesf com a prefeitura de Piranhas</b> .....	65
<b>3. Memória e História da população piranhense de 1980-2000</b> .....	68
<b>3.1 – As fontes orais</b> .....	68
<b>3.2 – O olhar modernizador da Chesf</b> .....	72
<b>3.3 – Construção das narrativas da cidade pelas fontes</b> .....	77
<b>Considerações Finais</b> .....	84
<b>ReferênciaS Bibliográficas</b> .....	87
<b>Anexos</b> .....	93

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho a discussão central será sobre a vida em sociedade. Colocar-se-ão questões sobre uma sociedade arcaica<sup>1</sup>, e como se estruturou uma dita modernidade para a mesma. Contaremos, em princípio, com as reflexões proporcionadas por Marshall Berman<sup>2</sup>, que trata do surgimento da modernidade<sup>3</sup> através da análise de alguns autores, como, por exemplo, Karl Marx. Contaremos também com a ideia de modernidade trabalhada por Marcel Bursztyn<sup>4</sup>, que traz uma abordagem mais regional sobre o assunto.

A melhor alegoria do surgimento da modernidade em Berman é sua análise de Johann Goethe. O autor de *O Fausto* atravessa o período de transição da época medieval para a modernidade. Para Berman,

O fausto começa num período cujo pensamento e sensibilidade os leitores do século XX reconhecem imediatamente como modernos, mas cujas condições materiais e sociais são ainda medievais. [...] O fausto de Goethe expressa e dramatiza o processo pelo qual, no fim do século XVIII e início do seguinte, um sistema mundial especificamente moderno vem à luz.<sup>5</sup>

Berman mostra os momentos que Fausto passa para se tornar um homem moderno, e Goethe os distribui em três, são eles: O sonhador, o amador e o fomentador. Em todos esses momentos, Fausto vivenciou conflitos em si e também nas estruturas até “renascer” na modernidade. Nesses três estágios acima citados, vemos, pelos olhos de Fausto, a “evolução”, as mudanças que estão sendo feitas estruturalmente e como isso afeta o homem medieval, que se encontra necessitando adaptar-se ao mundo moderno que se apresenta. A cada um desses estágios, Fausto aparece mais distante do comportamento e do que seria a vivência medieval. Mas é no estágio fomentador que Goethe apresenta um ser individualista, ou seja, Goethe quer mostrar que Fausto se tornou moderno. Desse modo, Fausto torna-se alheio ao sentimento dos outros, o coletivo já não o contempla como antes. Podemos dizer que suas reações modernas têm *links* com as relações de exploração entre burguesia e proletariado seguida, mais tarde, por Marx. Vejamos abaixo alguns trechos que mostram essa transformação de Fausto:

<sup>1</sup> Nesse sentido, a palavra traz o entendimento de uma sociedade piranhense ainda muito rural, sem acesso a tecnologias e processos modernos, por exemplo, no comércio, algo que a Chesf desenvolve na cidade.

<sup>2</sup> Cf. BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

<sup>3</sup> Modernidade aqui é tratada como algo que dentro de uma sociedade, ou mesmo a própria sociedade que se desenvolve, em termos tecnológicos e estrutura física, porém, as relações sociais e a cultura da mesma permanece “não moderna”.

<sup>4</sup> Cf. BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos: Planejamento e clientelismo no Nordeste**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Garamond; Fortaleza, BNB, 200.

<sup>5</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das letras, 2007, p. 52.

Os problemas de Fausto não são apenas seus: eles dramatizam tensões mais amplas, que agitaram todas as sociedades europeias nos anos que antecedem a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. A divisão social do trabalho na Europa moderna, da Renascença e da Reforma ao tempo do próprio Goethe, produziu uma vasta classe de produtores de cultura e ideias, relativamente independentes. Esses especialistas em artes e ciências, leis e filosofia produziram, ao longo de três séculos, uma brilhante e dinâmica cultura moderna. [...] Fausto participa de (e ajuda a criar) uma cultura que abriu uma amplitude de desejos e sonhos humanos que se situam muito além das fronteiras clássicas e medievais. [...] Quando Marx, no *Manifesto Comunista*, descreve as autênticas e revolucionárias conquistas da burguesia, a primeira delas é que a burguesia “pôs fim a todos os condicionalismos feudais, patriarcais e idílicos”. A primeira parte do *Fausto* se dá num momento em que, após séculos, esses condicionalismos feudais, patriarcais e sociais estão vindo abaixo. [...] No entanto, essas pequenas cidades celulares começam a ruir: primeiro, através do contato com explosivas figuras marginais, de fora – Fausto e Mefisto, acenando com dinheiro, sexo e ideias, são os clássicos “agitadores alienígenas”, tão caros à mitologia conservadora [...].<sup>6</sup>

Como fomentador, os traços modernos se estreitam na personalidade de Fausto,

[...] Fausto se torna obcecado com o velho casal e sua pequena porção de terra [...] Eles precisam ser afastados para dar lugar àquilo que Fausto passa a ver como a culminação do seu trabalho [...] Ele oferece a Filemo e Báucia uma importância em dinheiro ou sua transferência para outra propriedade. Mas, na sua idade, que fariam eles com dinheiro? E, depois de viver toda sua vida aí, próximos do fim da vida aí, como poderiam começar nova vida em outra parte? Eles recusaram se a mudar [...] Nessa altura, Fausto comete de maneira consciente seu primeiro ato mau. Convoca Mefisto e seus “homens fortes” e ordena-lhes que tirem o casal de velhos do caminho. Ele não deseja vê-lo, nem quer saber dos detalhes da coisa. Só o que lhe interessa é o resultado final: quer que o terreno esteja livre na manhã seguinte, para que o novo projeto seja iniciado. Isso é um estilo de maldade caracteristicamente moderno: indireto, impessoal, mediado por complexas organizações e funções institucionais. [...]

7

Portanto, o fomentador, o homem moderno, afunda em seus medos e torna-se cada vez mais alheio ao outro, e para se fixar no novo mundo, procura mudá-lo de alguma forma,

[...] A segunda forma envolve atos aparentemente gratuitos de destruição – a eliminação de Filemo e Báucia, seus sinos e suas árvores, por Fausto – destinados não a gerar qualquer utilidade material, mas a assinalar o significado simbólico de que a nova sociedade deve destruir todas as pontes, a fim de que não haja uma volta atrás [...] Filemo e Báucia podiam perfeitamente servir de modelo para os milhões de camponeses assassinados entre 1932 e 1934 porque se postavam no caminho do plano estatal de coletivização da terra que eles haviam ganho durante a Revolução, havia pouco mais de uma década.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Ibid, p. 56-57, 75-76.

<sup>7</sup> Ibid, p. 85.

<sup>8</sup> Ibid, p. 95-96.

Considerando a leitura em relação ao que ocorre em Piranhas, a análise de modernidade que Goethe faz é a de uma pessoa que se encontra no início de uma nova ordem social e, assim, passa a se ‘misturar’ e absorver os novos princípios sociais de um lugar, até ficar totalmente imerso naquela vida. Em Piranhas isso também acontece, pois, a população local se vê dentro de uma dinâmica totalmente diferente da que se tinha na cidade e a, partir disso, se transforma com o passar do tempo.

Esse trabalho constitui-se em torno de três capítulos. O primeiro deles trata das relações de poder, tendo como base o tipo de modernização aplicada em Piranhas. A ideia de uma “modernização do subdesenvolvimento”<sup>9</sup> foi central para analisar os comportamentos efetivados na cidade tanto pela Companhia como pelos diferentes estratos da população. Desse modo, foi possível compreender a dinâmica social à época e identificar a forma que o poder foi utilizado por parte dos grupos dirigentes. Nesse capítulo, trabalha-se principalmente com Marshall Berman, em relação à modernidade, para dar contextualização sobre as formas de modernidade existentes, e assim subsidiar a hipótese do que aconteceu em Piranhas, em como se desenvolveu esse aspecto moderno na cidade no período da Chesf.

Outra fonte utilizada nesse capítulo é a tese de doutorado de Ely Souza Estrela, em que a autora estuda a intervenção da Chesf em Sobradinho, em especial, como foi essa intervenção para os beraderos<sup>10</sup> que tiveram que ser relocados por conta dos reservatórios construídos pela Companhia. Esse trabalho nos ajuda entender a forma da Chesf operar nas cidades em que se instala, permitindo assim, uma comparação com o que ocorreu em Piranhas.

Seguindo esse pensamento, o segundo capítulo busca exatamente se debruçar sobre a intervenção da Chesf na vida social da população piranhense. Nesse capítulo, é estudado como e o porquê das separações por classe social feitas pela Chesf; vê-se mais atentamente as relações pessoais e profissionais decorrentes da instalação da Companhia e as consequências dessa intervenção em Piranhas. Ainda nesse capítulo, as fontes principais serão os relatórios da Chesf que demonstram tanto a preparação da Companhia para a construção da usina bem como o planejamento que foi feito para a construção dos bairros. Além desses, há relatórios que foram feitos pela Companhia após a construção ser finalizada, reunindo aspectos sociais e econômicos que mudaram em Piranhas, baseando-se na população *estrangeira*<sup>11</sup> que se instala na cidade para trabalhar na usina hidroelétrica.

---

<sup>9</sup> O termo nos foi apresentado por Marshall Berman no livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*”.

<sup>10</sup> Termo utilizado pela autora para denominar a parcela da população mais atingida pela Chesf no período em que a Companhia esteve em Sobradinho.

<sup>11</sup> O termo ‘estrangeiro’ será utilizado neste trabalho para denominar os trabalhadores que se estabelecem em Piranhas durante a década de 1980 porventura da construção da usina de Xingó. Esse termo foi utilizado por uma

Salienta-se que durante todo o trabalho, as fontes orais são utilizadas também como fontes principais, é através dos entrevistados que obtemos dados empíricos da forma como a Chesf agia em Piranhas. Os depoimentos colhidos são essenciais para entendermos o uso oligárquico da Companhia, bem como para se desenvolver na pesquisa a face positiva que existe na cidade atualmente da Chesf, mesmo percebendo o controle e o poder que era desempenhado sobre a população. Tais entrevistas foram realizadas entre os anos 2016 e 2019, pois foram utilizadas entrevistas realizadas para outros trabalhos que condiziam com o tema desta pesquisa. Feitas com um questionário base, os entrevistados se sentiram à vontade para desenvolver sobre suas vivências no período; foram feitas adaptações para alguns entrevistados por motivos de agenda dos mesmos, mas a entrevista foi realizada. Junto com a fonte oral, trabalha-se também com as referências bibliográficas e com jornais, o principal deles sendo o Diário de Pernambuco.

Dessa forma, verifica-se que a hipótese levantada sobre existir a prática oligárquica ou mesmo um “neocoronelismo” em meados do século XX, na cidade de Piranhas, que foi comandado pela Chesf aparece na pesquisa de forma positiva. Considera-se aqui as práticas de dominação social que a Companhia utiliza na separação da população local e *estrangeira* seja nas moradias, no lazer e etc. Para exemplificar o que seria esse termo “neocoronelismo”, pois ocorre a dominação de um pequeno grupo em relação a uma população, porém, o que difere do coronelismo clássico, ao que se entende pelas fontes, é que a questão social está sendo desenvolvida pela Chesf sem estar baseada na vida política local, a questão política destoa da econômica e do social, bem mais presentes na atuação da Companhia em Piranhas.

---

das pessoas que cederam entrevista para o desenvolvimento dessa pesquisa, e, por isso, preferiu-se usar o termo que um morador da cidade construiu ao invés de utilizar a criação de autores que estão distantes do objeto de pesquisa deste trabalho.

## **1. PODER E RELAÇÕES SOCIAIS EM PIRANHAS - 1980/2000.**

Tratar das formas de relações de poder existentes em Piranhas no fim do século XX, em especial as formas de poder praticadas pela Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) na cidade, é a base desse trabalho. Para tanto, será necessário abordar e contextualizar como o poder foi exercido em diferentes períodos históricos. A questão da modernidade aparece e com ela se amplia – e/ou modifica – a relação de uma sociedade com o poder político e com quem está representando essa força. Faz-se isso estabelecendo uma relação entre a sociedade moderna e “não moderna”, tal como concebe Marshall Berman. A partir disso, poderemos tratar das relações de poder em Piranhas durante o período de maior atuação da Chesf na cidade, ou seja, na década de 1980 até o início dos anos 2000.

### **1.1 DESDOBRAMENTOS DA MODERNIDADE EM PIRANHAS/AL A PARTIR DE BERMAN.**

Em relação ao caso piranhense, tendo como base o que foi colocado com a obra de Goethe, a modernidade se manifesta, nas décadas de 1980 e 1990, a partir do coletivo e isso “transforma” o indivíduo. Como vemos acontecer com Fausto, quando Goethe nos mostra que as ações externas passam a modificar o ambiente em que se vive, e - como diante dessas modificações, torna-se necessário também a mudança do indivíduo -, de forma mais consistente, o indivíduo piranhense viu a necessidade de mudanças em certos comportamentos em resposta ao que estava sendo implantado pela Chesf na cidade, por exemplo, as noções de mercado, como conduzir o comércio em Piranhas etc. Outro ponto que corrobora para a “entrada na modernidade” da população local piranhense é o contato com a população *estrangeira*, muitas vezes já acostumada em como a Chesf trabalha, pois, muitos desses trabalhadores seguiam o fluxo das construções da Companhia. Por mais que houvesse, de início, um estranhamento, a população local acaba se familiarizando com esses *estrangeiros* “modernos”, através dessa nova dinâmica social aplicada em Piranhas. É importante mencionar que essa resistência entre os moradores de Piranhas com os *estrangeiros* é posta, primeiro por um receio dessa população local, por não se sentirem “a altura” desse grupo, e em segundo lugar porque os próprios *estrangeiros* não buscam por uma relação com esses moradores.

Vemos então, voltando a Fausto, não a construção de um burguês, de um capitalista, mas sim, a construção do espírito moderno, alguém que enxerga as mudanças pelas quais o mundo está passando, entende que é necessário, e com essa percepção, promove, da forma que

pode, a construção desse novo mundo, sem saber ou entender as implicações sociais dessa modernidade que ele mesmo está incorporando em alguns momentos, como o faz com Filemo e Báucia, apenas para não permitir a volta do velho mundo que tanto o assombrou. Esses elementos de percepção do indivíduo ocorrem - colocadas as suas devidas proporções -, também em Piranhas.

*O Fausto* de Goethe nos proporciona a entrada no mundo moderno, e, em princípio, como se moverá as relações dentro dessa nova dinâmica social, econômica e política. Marshall Berman trata da modernidade em Marx. Sugere que a leitura do mesmo passa pela economia e pela política, algo bem mais ligado a materialidade, ao que o autor chama de “modernização”, ao invés de se ter um trato mais artístico em suas obras, como outros de seu período, a citar Baudelaire, por exemplo, ao que Berman chama de “modernismo”. A obra de Marx vem da sua percepção do que a burguesia fez de produtivo, como se desligar da ideia de sucessão entre líderes, o que era a ordem estabelecida nos períodos históricos anteriores, mas sim, erguerem-se através da força própria, e, a partir disso, construir sua crítica ao entender as explorações feitas por essa mesma burguesia. Segundo Berman, para Marx, o importante era a análise do ser humano feita em meio ao que estava estabelecido na modernidade, vejamos:

Marx não é o primeiro, nem o último a celebrar os triunfos da moderna tecnologia burguesa e sua organização social. Mas sua louvação é peculiar, tanto no que enfatiza como no que omite. Embora se apresente como um materialista, Marx não está primordialmente interessado nas coisas criadas pela burguesia. O que lhe interessa são os processos, os poderes, as expressões de vida humana e energia: homens no trabalho, movendo-se, cultivando, comunicando-se, organizando e reorganizando a natureza e a si mesmos – os novos e interminavelmente renovados meios de atividade que a burguesia traz à luz.<sup>12</sup>

Ou seja, para Marx, as novidades que interessam para o mesmo no século XIX eram, basicamente, as ligadas à materialidade, por exemplo, o tráfego de mercadorias, a indústria em si e as consequências do tratamento dessa nova ordem na sociedade. Para ele, a construção burguesa na modernidade, junto com o capitalismo, acaba diluindo certos valores humanos, o que podemos constatar na obra de Goethe trabalhada por Berman. Essa nova ordem também resulta em transformações que o próprio personagem passa, tornando-se cada vez “menos humano”, ou seja, tendo seus valores, convicções e princípios deixados de lado para viver do que Mefisto e Mefistófeles ajudam-no a ter, através, entre outras coisas, do poder econômico e do status social que lhe permeia no mundo moderno. Marx, no Manifesto do Partido Comunista,

---

<sup>12</sup> BERMAN, Marshall. Ibid.p. 116.

coloca essa questão da diluição do ser humano dentro do sistema capitalista, Berman expressa isso,

“Tudo que é sólido desmancha no ar”. A ambição cósmica e a grandeza visionária da imagem, sua força altamente concentrada e dramática, seus, seus (sic) subtons vagamente apocalípticos, a ambiguidade de seu ponto de vista – o calor que destrói é também energia superabundante, um transbordamento de vida -, todas essas qualidades são em princípio traços característicos da imaginação modernista.<sup>13</sup>

Quando então Marx diz, “tudo que é sólido desmancha no ar”, está se referindo a tudo aquilo de cultura que existia no modelo antigo de sociedade que se desfaz na modernidade em nome do capital. Nesse sentido, em Piranhas, temos essa mudança cultural que advém da situação econômica que a cidade estava passando no momento, isto é, a visão de um “milagre econômico” trazido pela Chesf foi o que deu base para todas as aplicações feitas pela Companhia, inclusive, veremos que em Piranhas, a modernidade “em nome do capital” não se desfaz de alguns dos elementos tradicionais de divisão social que na cidade não tinha muita representação antes da Chesf. Destacando tais percepções de modernidade, como a de Goethe e a de Marx, percebe-se que, para este trabalho, quando se fala em modernidade em referência à Piranhas, alguns elementos tradicionais permanecem nesse contexto, portanto, tratar-se-á da modernidade piranhense como uma modernidade conservadora<sup>14</sup>. Veremos essas questões a partir de agora.

## 1.2 – A MODERNIDADE DO SUBDESENVOLVIMENTO

Tendo a cidade de São Petersburgo como exemplo, o que Berman explicita, através da análise de, por exemplo, poemas, é que a modernidade subdesenvolvida traz consequências à sociedade. Depois de um desastre e da cidade ficar totalmente em pedaços, a mesma se reergue e traz elementos modernos para suas construções e sua arte, entretanto, sua vida cultural e social ainda está presa a antiga ordem, fazendo com que, dessa forma, se desenvolva uma relação material de modernidade e, junto com isso, um desenvolvimento social desconexo, de conflito entre o novo e o velho.

<sup>13</sup> BERMAN, Marshall. Ibid. p. 111.

<sup>14</sup> Tem-se como base para essa modernidade conservadora o que Berman discute no quarto capítulo de seu livro, trazendo o questionamento de uma modernidade do subdesenvolvimento, ou seja, um lugar que ascende na modernidade em um aspecto, mas permanece “primitiva” em outros, que, em sua maioria, o aspecto não moderno é o social. Cf. p. 204-333.

Em São Petersburgo, essa estrutura moderna é desenvolvida especialmente em uma rua, a Nevski. A cidade passa por um período de modernismo atribulado, já que, no reinado de Nicolau I, seu objetivo era reprimir o desenvolvimento da cidade, projeto iniciado por Pedro, o Grande.

Na Petersburgo de Nicolau, o espírito perigoso, porém dinâmico de Pedro foi reduzido a um espectro, a um fantasma, poderoso o suficiente para assombrar a cidade, mas sem poder para animá-la. Não é, portanto, de admirar que Petersburgo se firmasse como a cidade fantasma moderna arquetípica. Ironicamente, as mesmas incongruências resultantes da política de Nicolau – uma política de atrasos em meio a formas e símbolos de modernização imposta – fizeram de Petersburgo a origem e a inspiração de uma forma de modernismo distintamente, que poderemos chamar de o “modernismo do subdesenvolvimento”.<sup>15</sup>

Nesse processo de modernidade, a Nevski se torna o vislumbre desse novo mundo, e, principalmente, uma válvula de escape para a população que sofria com a repressão do czar Nicolau, pois, a Nevski funcionava como um espaço público de São Petersburgo. Entretanto, o Estado não possuía poder naquele espaço, e isso já nos mostra o quão grandiosa e importante essa rua foi para a cidade.

O Projeto Nevski foi, de muitas formas, um espaço urbano caracteristicamente moderno. Em primeiro lugar, a retidão, a largura, o comprimento e a boa pavimentação fizeram dele o meio ideal para a locomoção de pessoas e coisas, uma artéria perfeita para a locomoção de pessoas e coisas, uma artéria perfeita para os modos emergentes de tráfego rápido e pesado [...] Em segundo lugar, a Nevski serviu como vitrina das maravilhas da nova economia de consumo e a moderna produção em massa começava por tornar acessíveis: mobília e prataria, tecidos e vestuário, botas e livros, tudo era agradavelmente exibido pela multidão de lojas da rua. E, ao lado das mercadorias estrangeiras – mobília e modas francesas, tecidos e selas ingleses, louça e relógios alemães -, exibiam-se estilos, homens e mulheres estrangeiros, toda a fascinação proibida do mundo exterior. [...] Ademais, e isto é especialmente importante num regime repressivo como o de Nicolau, a Nevski foi o único espaço público não dominado pelo Estado. O governo pôde controlar a Nevski, mas não gerar as ações e interações que aí ocorreram. [...] A rua os uniu, os arrastou num turbilhão e deixou-se fazer o que pudessem de seus encontros e experiências. Os petersburgenses amavam a Nevski e a mitificaram inesgotavelmente, pois ela lhes abriu, no coração de um país subdesenvolvido, uma vista de todas as promessas deslumbrantes do mundo moderno.<sup>16</sup>

Berman debate a questão da modernidade do subdesenvolvimento principalmente pela obra “*O Projeto Nevski*” de Nikolai Gogol<sup>17</sup>, onde este discorre sobre a rua – a Nevski - era

<sup>15</sup> BERMAN, Marshall. Ibid. p. 226-227.

<sup>16</sup> BERMAN, Marshall. Ibid. p. 228-229.

<sup>17</sup> Nikolai Gogol, romancista russo do início do século XIX.

como um espelho das faces humanas de São Petersburgo, o que seria o real e o surreal dentro da Nevski, dessa forma, podemos fazer a leitura de como a modernidade do subdesenvolvimento se estrutura no real.

“O Projeto Nevski”, de Gogol, escrito em 1835, é quase contemporâneo de “O Cavaleiro de Bronze”, escrito dois anos antes, todavia os mundos que apresentam estão a anos-luz de distância. Uma das diferenças mais notáveis é que a Petersburgo de Gogol parece totalmente despolitizada: o confronto absoluto e trágico que Puchkin estabelece entre homem comum e autoridade central não tem lugar no conto de Gogol. O Projeto Nevski era, realmente, o único lugar de Petersburgo que tinha se desenvolvido ou estava se desenvolvendo independentemente do Estado [...] Nessa rua, os petersburguenses podiam se sentir como indivíduos livres; porém, na realidade, achavam-se confinados nos papéis sociais impostos pela sociedade mais rigidamente estratificada da Europa.<sup>18</sup>

Berman informa que a finalidade da rua essencialmente, é a sociabilidade, seja com outras pessoas ou mesmo das pessoas com o novo, com o moderno, nesse caso, é a contemplação da modernidade existente na rua Nevski e no que ela tem a oferecer.<sup>19</sup>

A modernidade conservadora, ou, usando o termo de Berman, a modernidade do subdesenvolvimento se baseia na dualidade que a rua estabelece, ou seja, o sentimento de liberdade e leveza provocado pelo espaço moderno, ou, como o autor mesmo coloca, “a rua age como um cenário para a fantasia das pessoas”<sup>20</sup>, e o retorno ao real, a volta a “vida não moderna”. Portanto, assim se estabelece a modernidade do subdesenvolvimento que, na visão colocada no livro, Berman sugere que esta surge quando há uma modernização (provavelmente espacial e estrutura física), porém, a estrutura social permanece imóvel ou sem grandes inovações de dinâmicas.

Partindo dessa modernidade do subdesenvolvimento trabalhada por Berman e trazendo a base da sua concepção para o período estudado, em Piranhas se manifesta um semblante de modernidade em meio a uma sociedade conservadora – em relação a continuar com os mesmos princípios e costumes -, a partir da construção do acampamento Chesf (onde se encontra o bairro Xingó) movido pelo retorno significativo de movimentação econômica na cidade. É visível a mudança na estrutura de Piranhas por conta dessas obras, em contrapartida, temos uma população *estrangeira* que participa dessa modernidade através da acentuada divisão social que se coloca para eles e uma população local que permanece no status “não moderno”, ou seja, sendo a parte subdesenvolvida do termo usado por Berman, por conta da intervenção da Chesf.

<sup>18</sup> BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. Ed. Companhia das letras, 2007, p. 239-240.

<sup>19</sup> Ibid, p. 230.

<sup>20</sup> Ibid.

Pensar em montar uma estrutura grandiosa destas em meio ao semiárido nordestino, nos anos 80, é um tanto quanto inusitado, causa um impacto gigantesco nas populações locais e altera significativamente as relações sociais e culturais estabelecidas localmente. O povo sertanejo da cidade de Piranhas sentiu sim, o peso da implantação desta grande obra, com o conjunto de informações e boatos gerados com a construção da usina, com grande volume de pessoas ocupando a região e de passagem, o índice de violência, e outros indicadores certamente foram acentuados e conflitos estabelecidos.<sup>21</sup>

Outro ponto interessante apresentado em “*Tudo que é sólido desmancha no ar*” é que ele apresenta uma sociedade despolitizada, muito atenta a vaidade, quem em suma, marca o homem moderno em seu individualismo, transparecendo na rua de São Petersburgo, nas formas e nas manifestações de liberdade.

Essa era a causa principal da aura de liberdade que a rua desfrutava – em especial no regime de Nicolau, quando a presença do Estado era tão uniformemente rígida. Contudo, a despolitização da Nevski também tornou sua luz mágica irreal, sua aura de liberdade algo semelhante a uma miragem.<sup>22</sup>

Vimos, através de Berman, diferentes manifestações do seu surgimento da modernidade. Em particular, chamou atenção a questão da “modernidade do subdesenvolvimento”, pois ao relacionar um crescimento estrutural e econômico em uma cidade subdesenvolvida, o crescimento de cidades se fará em parâmetros diferenciados, entretanto, com o conceito do termo acima citado, entende-se que a estrutura social estará no nível subdesenvolvido em relação a todo o resto que se possa avançar na sociedade, pois existe um período de adaptação social ao novo, e podemos ver isso Piranhas.

Todas as formas de pensamento e arte modernistas têm um caráter dual: são, ao mesmo tempo, expressão e protesto contra o processo de modernização. [...] Contudo, em países relativamente atrasados, onde o processo de modernização ainda não deslançou, o modernismo, onde se desenvolve, assume um caráter fantástico, porque é forçado a se nutrir não da realidade social, mas de fantasias, miragens e sonhos.<sup>23</sup>

A chegada da Chesf em Piranhas traz uma nova percepção de modernidade, desenvolvida de forma diferente da época da construção da ferrovia na cidade<sup>24</sup>. A cidade é

<sup>21</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Ex-morador da cidade de Piranhas, que vivenciou, na década de 1990 as ações da Chesf na cidade. Entrevista concedida à autora em 15 abril de 2019.

<sup>22</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das letras, 2007, p. 240.

<sup>23</sup> Idid, p 275.

<sup>24</sup> É importante destacar que Piranhas passa por uma mudança grande em um período anterior por conta da ferrovia. Esta atua como representação, durante o século XIX de uma modernidade sendo aplicada em Piranhas, assim como em cidades vizinhas por onde a ferrovia passava, falamos em modernidade trazida pela Chesf nesse trabalho, porém, com o sentido de a Companhia trazer, já no século XX, uma evolução tecnológica para a cidade através do maquinário, por exemplo, para a produção de energia elétrica.

estruturada a partir de uma perspectiva dos séculos XVIII e XIX de tal modo que mesmo o processo de emancipação pelo qual passa em finais do século XIX não encaminha uma modernização. Isso ocorre quando a Chesf nela se estabelece, assim, as relações e as estruturas sociais começam a se modificar.

É comparável o que acontece em Piranhas, em certo nível, com o que ocorreu em Sobradinho, principalmente com os *beraderos*, que Ely Souza Estrela estudou em sua tese de doutorado. Nesse caso, a forma de vida que se levava anteriormente às obras da Chesf era mais ligada à terra no sentido de produção, por exemplo, a pesca e a agricultura. Essas eram atividades preponderantes em Piranhas considerando também o período anterior à chegada da Chesf. Esse período “mais rural” de Sobradinho significava “abundância socioeconômica” para tal população, em especial para os *beraderos*, que são ênfase do trabalho de Ely de Souza Estrela, por serem a parcela que mais sofre intervenções da Companhia.

*O modus vivendi e o modus operandi do homem do campo constituem importante área/viés de estudos para as ciências sociais e econômicas. De modo geral, estes são apreensíveis/operados através das categorias socioeconômicas. Dependendo da linha à qual se filia o pesquisador/estudioso, as categorias socioeconômicas assumem denominações variadas: campeonato, agricultura familiar, pequena agricultura, pequena produção mercantil. É a partir das categorias socioeconômicas que emergem os qualificativos: camponês, pequeno produtor rural, agricultor familiar ou simplesmente agricultor. No Brasil, em que pese polêmicas, as categorias socioeconômicas carecem de precisão e de aprofundamento. [...] Dentre os pontos que se afirmam com superioridade, destacam-se a disponibilidade de recursos naturais – “livre acesso” à terra e à água – e a abundância de víveres. Desse modo, enfatizam os entrevistados, a fome, na beira do rio, inexistia, campeando a fartura e a ventura camponesa. Não é por outra razão que a maioria dos entrevistados associa a vida nos antigos povoados *beraderos* à felicidade. Felicidade que a barragem veio destruir e arrasar, na medida em que desorganizou a base ecológica da relação entre o rio e o homem. Felicidade, em contraposição à infelicidade da vida atual marcada pela dependência das chuvas (caso dos moradores da Serra do Ramalho) e da Chesf (caso dos habitantes da borda do lago), que regulariza o fluxo do lago em razão de interesses energéticos.<sup>25</sup>*

A autora mostra, de início, o quão simples é a vida dos *beraderos* e como os mesmos dependem diretamente do rio para sua subsistência. Relacionando com Piranhas, o rio, principalmente após a desativação da ferrovia, cresce em importância na sobrevivência da população piranhense, que vive, a partir da década de 1960, um período de estagnação econômica em virtude dessa desativação.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano:** A experiência dos *beraderos* de Sobradinho em Serra do Ramalho – BA. Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004, p. 45-49.

<sup>26</sup> A ferrovia era o canal oficial, por assim dizer, da economia piranhense desde sua construção, no fim do século XIX, fazendo assim, com que sua desativação em meados de 1960, deixasse Piranhas em uma instabilidade

Era o desenvolvimento familiar, e o giro do comércio né, o capital de giro do comércio que era pessoas de Piranhas, mas tinha também de Delmiro Gouveia, que era tecido, vendia tecido, o outro vinha com alimentação, e também vinha de Pão- de – Açúcar e de Penedo, mais de Pão – de – Açúcar, pra feira de Piranhas mesmo era mais de Pão – de – Açúcar, vinha fazer feira, fazer a feirinha, vender seu, seu comerciante trazia sua barraquinha, armava, botava seu produto lá, que era alimentação, era tecido, é só mais isso mesmo, alimentação...<sup>27</sup>

Visto que a população estudada por Estrela vivencia uma espécie de invasão da Chesf, tendo sua rotina modificada já que deixa de ter na agricultura de subsistência o centro de sua existência e, agora, tem que se adaptar a lógica do capital, comercializando seus produtos para se manter nessa “nova ordem” que está se formando. É preciso destacar também o processo de modernização que conseqüentemente ocorre.

[...] Além do aumento da capacidade de energia para o Nordeste, segundo o projeto governamental, a construção da represa atendera aos vários projetos de irrigação que seriam implantados na região, criando pólos de desenvolvimento agrícola, gerando, em consequência, emprego e renda, garantindo, inclusive, a continuidade da navegação das famosas gaiolas ou vapores do rio São Francisco.

A formação do lago de Sobradinho provocou a submersão de ampla faixa de terra propícia à agricultura, submergiu 26 povoados e quatro sedes municipais – antigas vilas tradicionais – como Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado e Remanso e desterrando, aproximadamente 70 mil pessoas.<sup>28</sup>

Em Sobradinho, vemos como a intervenção da Chesf se “consagra”. Estrela mostra como o projeto idealizado trouxe muito atrito, sentimento de perda, problemas com indenização que os reassentados não receberam entre outras coisas. Ressalta-se, por exemplo, a perda de autonomia dos *beraderos*, vejamos:

A farinha tinha importância fundamental no cardápio do *beradero*. O produto nunca faltava na barrica de sua despensa. Após o deslocamento compulsório do *beradero*, o produto tornou-se escasso, fator de humilhação, de vergonha e de revolta; fator determinante na rejeição a tudo quanto se relaciona às mudanças introduzidas na região da chegada à mesma da “besta fera” (CHESF).<sup>29</sup>

---

econômica bem como social, já que a ferrovia também atuava como desenvolvidora do âmbito social piranhense, fazendo o transporte de pessoas e não só o de mercadorias.

<sup>27</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Morador local que sempre residiu em Piranhas, e que no período estudado foi funcionário da Chesf, atuando na parte administrativa. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>28</sup> ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano: A experiência dos *beraderos* de Sobradinho em Serra do Ramalho – BA.** Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004, p. 84-85.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 68.

Em certo nível, essa situação dos *beraderos* da Bahia com as ações chesfianas nos remete ao que se passou, em média uma década depois, com o povoado de Canavieiras<sup>30</sup>, em Piranhas. Como a própria Estrela coloca, os *beraderos*, de início, não tinham ideia do que aconteceria a eles com tal intervenção da Chesf.

A movimentação da CHESF na região de Sobradinho antecedeu à construção da barragem. No entanto, os *beraderos* que teriam suas vidas “reviradas”, por conta da grande represa, nada sabiam a respeito dela. Na verdade, sequer imaginavam a possibilidade de que uma obra dessa natureza pudesse se realizar.<sup>31</sup>

A barragem em Sobradinho não foi bem recebida pela população, em especial os *beraderos*, que, segundo Estrela, foram os mais afetados pelo projeto da Chesf, sendo sua chegada aos reassentamentos construídos muito problemática, como podemos ver abaixo:

A desorganização do modo de vida nos anos que antecederam a partida causou prejuízos significativos à população deslocada. A indenização mal deu para suprir as necessidades básicas durante uns poucos meses. Assim, muitos vieram de seus povoados sem recursos para garantir a sobrevivência.<sup>32</sup>

Em Canavieiras, algo semelhante ocorreu, durante a década de 1980, mais precisamente entre os anos de 87/88. O povoado era pequeno, como informa o ex-morador, o local era composto por cerca de 13 de famílias<sup>33</sup>. Logo a Chesf se direcionou ao povoado, analisando-o para a transformação do local em reservatório. Em entrevista concedida em 2017, um antigo morador de Canavieiras explica como receberam a notícia de que seu povoado viraria reservatório.

Foi a Chesf mesmo, quando ela fez a pesquisa e deu tudo, analisou tudo direitinho, que, deu a rocha aqui pra fazerem a barragem, eles começaram a entrar em contato com a gente, eles mesmo desciam, abriram estrada na serra, e desciam pra lá, pro berço do rio e lá entrava em contato, sentava e conversava [...] sempre explicando que quando chegasse a data determinada, já tava se aproximando, e até que um dia chegou mesmo, e, a gente assinando alguns documentos, e através da indenização.<sup>34</sup>

<sup>30</sup> Pequeno povoado de Piranhas onde viviam em média 13 famílias até 1987/1988, quando a Chesf se apropria do espaço para a criação do seu reservatório.

<sup>31</sup> ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano: A experiência dos *beraderos* de Sobradinho em Serra do Ramalho – BA.** Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004, p. 86.

<sup>32</sup> Ibid, p.146.

<sup>33</sup> Dado colhido em entrevista com ex-morador do povoado.

<sup>34</sup> OLIVEIRA, J.G. Ex-morador do povoado Canavieiras, local que se tornou reservatório para a usina de Xingó, atualmente reside em Piranhas, na residência que obteve como indenização. Entrevista concedida à autora em 25 de março de 2017.

Através desses relatos e/ou trabalhos pode-se conceber que a Chesf, ao não dirigir-se à população – à parcela da população mais afetada – e vemos isso ocorrendo, no mínimo, em duas cidades em momentos diferentes nos possibilita a leitura de um comportamento padrão da Companhia. Ao mesmo tempo que em Piranhas ocorria o desligamento dos moradores de Canavieiras, entre 1987/88, na cidade, a construção do acampamento Chesf (vilas Sergipe e Alagoas) estava em andamento, e, com isso, o fluxo de pessoas aumentando e se adaptando, junto à população local piranhense, ao novo, ao tipo de modernidade que estava se estabelecendo na cidade, como coloca Berman, uma “modernidade do subdesenvolvimento”. Como Estrela diz em sua pesquisa, as relações pessoais que se estabelecem no período Chesf são, “a partir dos trabalhos da ‘equipe social’, indivíduos culturalmente diferentes e vivenciando temporalidades distintas se encontraram frente a frente. A relação entre ambos, além de marcada pelas dissonâncias e descompassos foi marcada pela desconfiança, estranheza e pela arbitrariedade”.<sup>35</sup> Neste trabalho, as pesquisas da autora a levam para a confirmação de um comportamento padrão por parte da Chesf, e como seu maior interesse era servir à elite local.

[...] após a nomeação de Antônio Carlos Magalhães para a presidência da ELETROBRÁS, a CHESF empreendeu, claramente, uma política de cooptação das elites locais da área de Sobradinho, que não se limitou ao atendimento de suas demandas (muitas vezes contrárias aos interesses da maioria dos desapropriados), mas através da contratação de seus serviços no campo jurídico, médico, comercial e de construção civil. Junto aos *beraderos* – principais prejudicados com a transferência – a estatal soube capitalizar a expressiva oferta de emprego – guardadas as proporções locais – acarretada tanto pela construção da obra com pela reconstrução das cidades que seriam submersas.

A CHESF visava deixar claro que sua atuação em nada feria aos interesses das elites, trazendo investimentos, valorizando suas propriedades e criando oportunidades de negócios rentáveis. Para Siqueira, embora discordasse da transferência de sua clientela eleitoral, as elites políticas dos municípios atingidos apoiaram a CHESF porque todas queriam manter seus esquemas de poder.<sup>36</sup>

A vida dessas pessoas que se viram necessitando sair de seus povoados – usaremos os dois exemplos citados anteriormente -, passa por um período de adaptação, principalmente em sua relação com o rio, que, conseqüentemente, muda sua condição de subsistência e subjetiva, através do que ele representa.

Os *beraderos*, por mais que se gabassem de possuir *status* social e cultural superior ao do *catigueiro* (Siqueira, 1992, p. 156), jamais conceberam que a natureza, um dia, fosse drasticamente modificada. A alteração do leito natural do rio, “a cheia que vem de baixo”, o “afogamento do rio pelo lago”, tudo isso

<sup>35</sup> ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano:** A experiência dos *beraderos* de Sobradinho em Serra do Ramalho – BA. Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004, p. 88.

<sup>36</sup> Ibid, p. 92.

representou uma “violência simbólica” das mais marcantes, resultante em quebra de valores, crenças e concepções.<sup>37</sup>

Com a Chesf, essa relação com o rio se transforma. A Companhia comercializa a mão de obra, que, antes, era para uso próprio, e constrói, com isso, uma aura e discurso de crescimento e melhoria. Ela influencia, impõe um discurso sobre novas práticas de comercialização no sentido de uma nova dinâmica social que estaria aflorada na cidade, ou seja, traz para essas cidades ribeirinhas o discurso do moderno, o discurso de deixar o “primitivo”, o “velho” de lado. De certa forma, e por motivos que veremos à frente, boa parte da população – em referência, nesse momento, ao que ocorre em Piranhas -, abraçou esse discurso. Entretanto, os atingidos de Canavieiras percebem as coisas de forma diferente:

[...] pra melhor lhe dizer, foi a pior coisa que aconteceu no mundo, pra nós de Canavieiras, não só pra nós, talvez pra todos os reassentados da beira do rio que a Chesf indenizou, muito embora que ela deu direito a uns e não deu a outros, aquele que é analfabeto, que não entende de outra coisa, como nós, fiquemo (sic) quieto e perdemo isso aqui<sup>38</sup>, então de qualquer maneira, você sabe o que é a senhora nascer e se criar no seu setor com pai e mãe irmã e irmão e tudo, e ser levantado, ver a água chegar na sua casa de uma hora pra outra, e o lazer que nós tinha dentro de Canavieiras, que esse conhece demais, em peixe, saia daqui pra ali, dois ou três (inaudível) nós ia pegar o saco de peixe, era muito importante, pra hoje se vê não (?), descemos pra cá e encontrar as consequências que nós enfrentamos, porque quando chegamos aqui, o peixe começou já a fracassar, quando fecharam a barragem pronto, a tendência foi que o peixe só vinha e voltava, ficava que nem (sic) uma balança (?) e a tendência foi nós cair, até hoje,... sem pegar peixe porque justamente, e o pior é que ainda fechavam e botaram uma regra aí de mil e tantos metros pra gente não chegar no pé da barragem por fato que é arriscado, a Chesf não aceitava, e nem a Marinha, e ficamo (sic) nessa, aonde justamente se localiza o peixe no pedal da comporta o caba não pode ir lá pra pegar, pescador vai, prejudicou demais, pescador vai porque o pescador é bicho teimoso e arriscando a vida, mais, é, por lei ele não aceitam isso, pra isso botam as praça (sic) né [...] eles não se responsabilizam, e a coisa foi assim, quero dizer, enquanto, até enquanto eu não me aposentei, eu sofri muito aqui embaixo pra arrumar o pão de cada dia, de uma pescaria, de um peixe espantado por dia e noite com tanta gente localizando rede e tarrafa e (inaudível) e até hoje que justamente acabaram, e hoje nós se encontra com esse rio praticamente, abriu falência praticamente entre água e peixe, ta só o riachinho, essa situação da a gente, mas fazer o que? Isso é a companhia hidrelétrica do São Francisco faz isso né [...]<sup>39</sup>

Complementando sobre a nocividade que a construção da usina causou ao próprio rio São Francisco, temos a visão de Luciano Cristovam dos Santos Júnior, ex-morador de Piranhas, que passou a adolescência no período final da construção da usina, durante a década de 1990, e pelo seu relato, vemos que a ação direta da Chesf nessas famílias prejudicou-as em vários

<sup>37</sup> Ibid, p. 95.

<sup>38</sup> Sinalizou que perderam dinheiro.

<sup>39</sup> J.G. Entrevista concedida à autora em 25 de março de 2017.

sentidos, incluindo o profissional, mas, sobretudo de subsistência, pois, com a intervenção da barragem, a pesca foi dificultada.

Na questão ambiental, como o fluxo do rio manteve-se constante com a construção das usinas ou pautado pela demanda de geração de energia das indústrias, interferiu consideravelmente nas espécies nativas, com o pitu, surubim, dourado entre outros, adoção de espécies não nativas (exóticas) como tucunaré e tilápia, causaram impacto gigantesco no ecossistema do Rio São Francisco, os tucunarés espécies carnívoras dos rios do Norte do país inserido para limpar entrada das máquinas da usina no lago de Xingó (para comer peixes mortos) desceram o rio e se proliferaram em todo Baixo São Francisco, se alimentam de outros peixes crustáceos e principalmente à seus filhotes impedindo a reprodução de espécies nativas, as tilápias bem adaptadas à região dos lagos demandam para sua produção uma grande quantidade de ração e insumos agrícolas, são confinadas em gaiolas em uma grande quantidade por metro cúbico, e produzem muitas vezes que infectam a água e alteram sua qualidade [ ...] Como a vazão é controlada, o Rio São Francisco perdeu seu período de cheias e secas, a cadeia produtiva da rizicultura quebrou, existiam produtores de arroz em áreas alagadas com as cheias, e esta produção foi extinta no Baixo São Francisco, ainda em relação ao fluxo do rio constante, fez com que perdesse força e o mar está invadindo, várias áreas da foz estão sendo invadidas pela força do mar, comunidades sendo removidas e água salgada invadindo o rio, espécies marinhas estão sendo encontradas constantemente em Piranhas e na região, como cação em Canindé de São Francisco, crustáceos de água salgada, tubarão em áreas mais abaixo (Brejo Grande), entre outras espécies, são situações de desequilíbrio ambiental que impactam não somente o município de Piranhas como a região como um todo.<sup>40</sup>

### **1.3 – A CHESF EM PIRANHAS/AL**

A Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), criada para realizar construções de usinas pelo Nordeste com o uso da força de rios, principalmente do rio São Francisco, representa, na sociedade e nas pequenas cidades em que geralmente se instala, uma modernização, traz a presença de tecnologias para cidades do interior nordestino que, por vezes, e de várias maneiras, entrou em conflito com hábitos que existiam nessas cidades. Devido à chegada da Chesf nessas cidades interioranas, foram realizadas mudanças físicas, sociais, entre outras, formando novas identidades nas cidades, pautadas pelo o que a Chesf tinha a oferecer. Traz-se aqui dois exemplos de como foram feitas essas variações com a presença da Companhia, sendo ocorridas nas cidades de Sobradinho e Piranhas, vejamos abaixo:

No período em que se deu a construção da represa, o Brasil vivia a fase denominada de internacionalização da economia nacional e a construção da gigantesca obra estava em total consonância com os planos elaborados pelo governo militar de criar obras de infraestrutura voltadas para a viabilização do

---

<sup>40</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

projeto de “Brasil grande potência”. Para implementar uma política de expansão do setor elétrico do Nordeste, planejada desde meados da década de 40 do século passado, a CHESF se propunha a aumentar o potencial energético da empresa [...] A formação do lago de Sobradinho provocou a submersão de ampla faixa de terra propícia à agricultura, submergiu 26 povoados e quatro sedes municipais – antigas vilas tradicionais – como Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado e Remanso e desterrando, aproximadamente 70 mil pessoas.<sup>41</sup>

Para atender toda esta demanda (por moradia e serviços), a CHESF como vem fazendo em seu histórico de implantação deste tipo de empreendimento, teve que fazer investimentos em infraestrutura para comportar estes trabalhadores e suas famílias, sendo assim, foi necessária a construção do Bairro Xingó, organizado em duas Vilas (Sergipe e Alagoas, separadas pela Av. São Francisco)[...] Todo este investimento e intervenção local, gerou outras externalidades, que foi a ocupação e criação de espaços fora deste perímetro administrado pela CHESF, que foi o hoje, Bairro Nossa Senhora da Saúde, Padroeira de Piranhas e na época chamada de Piranhas Nova ou Nova Piranhas, e o Centro Histórico de Piranhas já existente, chamado de Piranhas Velha. Nunca entendi ao certo esta subdivisão, acredito que por conta da tradição de outros empreendimentos da CHESF, em que várias áreas eram alagadas ou desocupadas, como Canindé de São Francisco/SE, Glória/BA, Petrolândia/PE, Rodelas/BA, entre outras, eram chamadas ou apelidadas de Nova e Velha, com o nome da cidade, em Piranhas não houve a remoção da sede do município, mas criou-se uma Nova e uma Velha Piranhas.<sup>42</sup>

Salientamos que neste trabalho, o intuito não é dizer se foi intencional ou não as mudanças levantadas pela Chesf em Piranhas/AL, mas sim, entender o processo realizado na cidade, buscando testar a hipótese levantada da existência de uma ressignificação das práticas oligárquicas dentro da esfera de comportamento e relação que a Companhia desempenhava com a população. Essa relação construída entre população e Chesf tem nuances bem pontuadas de demonstração de poderio pela Companhia. Um deles é já de início: a distribuição das moradias. Tais moradias foram construídas para abrigar essa população remanescente de outras localidades, onde a Chesf delimita o espaço que essas pessoas vão ficar, além de identificar as pessoas a partir de sua classe social.

---

<sup>41</sup> ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano:** A experiência dos *beraderos* de Sobradinho em Serra do Ramalho – BA. Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004. p. 84-85.

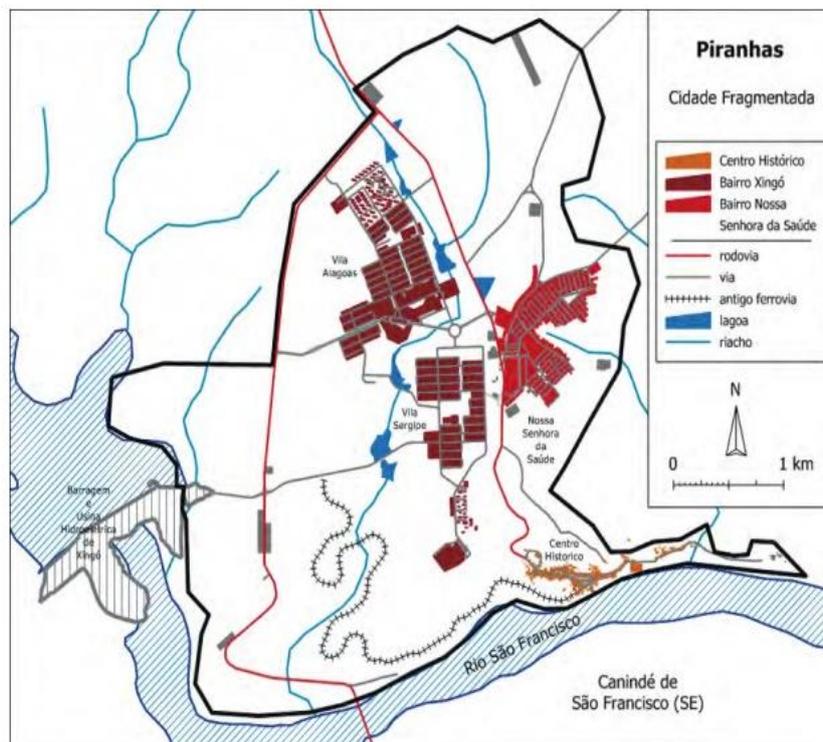
<sup>42</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

Figura 1: Mapa de Piranhas/AL



Fonte: Atlas Xingó/ Eleotério Fernandes... [et.al]. Canindé do São Francisco, SE: Instituto de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Xingó, 2006.

Figura 2: Mapa de Piranhas/AL com as subdivisões do Acampamento Chesf.



Elaborado por Scott e Lins para os processos integrados PDP, GEO e AVA Piranhas (2005 - 07)

Fonte: LINS, Regina Dulce Barbosa (coord.). Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Piranhas. Alagoas, Maceió, 2010, p. 87.

Na época da construção da UHE - **Usina Hidrelétrica** <sup>43</sup>de Xingó, era um movimento muito grande, tínhamos profissionais ligados à construção civil de todo o país empenhados no trabalho de construção da Usina, a CHESF como a proponente da construção da Obra e as empresas empreiteiras, organizadas em consórcios, Construtora Xingó e a XML - Xingó Montagens LTDA, também haviam outros profissionais em menor proporção em relação aos da construção civil que eram, médicos, engenheiros, advogados, professores, odontólogos, profissionais de saúde, comerciantes, entre outros, para atender as demandas do bairro e região, atraídos por incentivos salariais ou promessas de prosperidade à partir da implantação da grande obra.

Para atender toda esta demanda (por moradia e serviços), a CHESF como vem fazendo em seu histórico de implantação deste tipo de empreendimento, teve que fazer investimentos em infraestrutura para comportar estes trabalhadores e suas famílias, sendo assim, foi necessária a construção do Bairro Xingó, organizado em duas Vilas (Sergipe e Alagoas, separadas pela Av. São Francisco).

A Vila Sergipe com casas maiores (tipo A, B e E) e com acabamento melhor para atender os profissionais da CHESF e empreiteiras, que possuíam formação técnica e superior, como médicos, engenheiros, técnicos em edificação, mecânica, entre outras, e a Vila Alagoas com casas menores (tipo C e D) e com acabamento diferenciado para os demais trabalhadores da CHESF e Empreiteiras de nível médio, como eletricitas, pedreiros, motoristas e ajudantes da construção civil. Nestas duas Vilas ainda tinham alojamentos, para profissionais temporários, solteiros, que passavam a semana, e na Vila Sergipe o alojamento cascavel, comportava os professores, profissionais de saúde, em geral profissionais de nível técnico e superior e na Vila Alagoas o alojamento desde a época chamado de fazendinha, hoje bairro Nossa Senhora das Graças, que recebia profissionais de nível médio ou de baixa escolaridade, (comumente chamados na época de peão de obra).<sup>44</sup>

É importante compreender que durante o período que a Chesf se instalou em Piranhas, a cidade vinha de um grande período de estagnação e, por esse motivo, entende-se que não houve uma grande resistência ao que a Companhia estava planejando e executando na cidade, pois, alimentava-se a esperança de uma volta econômica, o que deixou “mais fácil” o espaço ao qual a Chesf se adaptou, pouco semelhante com o que ocorreu em Serra do Ramalho e Sobradinho<sup>45</sup>. Porém, como a Chesf seguia um padrão no modo de agir nas cidades que se instalava, vemos que o “projeto civilizatório”<sup>46</sup> da empresa era aplicado de forma homogênea, e partia de “políticas de desenvolvimento”.

A precariedade da vida em Serra do Ramalho, nos primeiros anos do Projeto, colocou os reassentados numa posição de total dependência em relação ao executor, criando margem para as práticas clientelistas e de mandonismo. As arbitrariedades e as práticas clientelísticas, adotadas pela maioria dos executores, abriram precedentes para que funcionários do INCRA ou de prestadoras de serviços se arvorassem em “autoridades praticando desmandos.”<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> Grifo nosso.

<sup>44</sup> Ibid, entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

<sup>45</sup> ESTRELA, Ely Souza, op.cit. Tese de doutorado apresentada na Pontifícia Universidade de São Paulo, 2004.

<sup>46</sup> Termo encontrado na tese de Ely Souza Estrela, ver página 134.

<sup>47</sup> Ibid, p. 143.

Esse tipo de relacionamento, desenvolvido com essa intensidade de sentimentos, seja dos reassentados em Sobradinho, ou da população já residente, em Piranhas, causa um efeito de dependência para com a Chesf tão intenso, que é possível, principalmente nas fontes orais, que se constrói uma narrativa comum a todos, onde não se percebe a parcela de nocividade que a Companhia apresenta e alimenta na população. Como citado acima, a dependência dos reassentados cria uma linha de clientelismo que não ocorre apenas com os novos moradores de Serra do Ramalho, mas sim, esse tipo de sujeição é uma constante no que diz respeito a interação entre população e empresa, no nosso caso, a Chesf. Em relação ao que foi feito pela Chesf e o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em Serra do Ramalho com os reassentados de Sobradinho, as construções e alguns cuidados a mais foram observados em Piranhas, como a questão da educação e saúde – negligenciadas em Serra do Ramalho.

Cada dia mais as relações entre reassentados e os agentes do INCRA se tornavam tensas. De forma geral, nos seus povoados, o contato com o Estado era mediado pelos grupos dominantes locais. Assim, os deslocados de Sobradinho se incomodavam com a presença ostensiva do Estado em seu cotidiano. O “cativeiro”, do qual reclamam com tanta veemência os deslocados, era representado não só pela figura do gerente-executor, mas do gerente do banco que, através do crédito, determinava o que deveriam plantar e do técnico agrícola que dizia como fazer.<sup>48</sup>

Através da citação acima, podemos ver que a relação entre os reassentados de Sobradinho e o INCRA não era amigável. Em paralelo, em Piranhas acontece o contrário, ou seja, nesta cidade, a população, seja ela local ou *estrangeira*, acolhe a Chesf, tem um olhar positivo sobre a mesma, por exemplo, não questionam suas imposições – não generalizando -, mas, em um senso comum, a população piranhense estabelece uma visão positiva da Companhia e uma posição de submissão a ela, diferentemente do que acontece com os reassentados de Sobradinho.

Por outro lado, a relação da população entre si, ou seja, na interação social diária, é semelhante nos dois casos. Em Piranhas, a relação dos *estrangeiros* com a população residente foi de estranhamento e isolamento desta, já entre os *estrangeiros* entre si, ocorreu uma disputa, por um tempo uma disputa silenciosa, uma “guerra fria”, por assim dizer, mas que com o passar do tempo e com a percepção de cada um dentro do que se vivia nos bairros da Chesf, houve conflitos.

O Bairro Xingó era uma bolha, e quem estava fora da bolha era e se sentia excluído, tudo isso gerava um sentimento de segregação e exclusão, e quem está incluso era

---

<sup>48</sup> Ibid, p. 169.

beneficiado pelo equipamentos públicos e serviços, gozavam de privilégios jamais oferecidos pelos serviços públicos e privados na região. Mesmo o público dito privilegiado no bairro vivia uma situação de segregação, uma vez que eram estabelecidos padrões de consumo entre as pessoas, era visível um materialismo no dia a dia das pessoas para enquadrar-se nos padrões de vida do bairro, um classismo exacerbado que não refletia a condição de vida real das pessoas, existia uma juventude numerosa e pujante, foram feitos muitos investimentos em entretenimento e esportes, existiam vários shows, campeonatos nos clubes, festas anuais como garota sertão, baile do Havaí, as tardes dançantes, manhãs de Sol, show de artistas de renome nacional e regional, entre outros eventos.

Mesmo assim, todo este formato de segregação e separação social gerou conflitos significativos, alguns jovens se organizavam em grupos ou gangs, que se enfrentavam no fim das festas dos clubes, existia certa violência, brigas, conflitos, isso não só se estendia aos grupos da Vila de baixo-pobre (Vila Alagoas) e Vila de Cima-ricos (Vila Sergipe) como chamavam na época, mas também à jovens de cidades vizinhas, como Canindé de São Francisco, Olho D'água do Casado, Delmiro Gouveia, Poço Redondo entre outras. Tudo isso porque os mesmos também se propunham a acessar os serviços ofertados no bairro, participar das festas, frequentar os clubes, instalados em sua região, mas muitas vezes se depararam com dificuldades e até barrados no acesso, sem serem acolhidos, tudo isso tornava-se uma situação muito difícil para populações locais originárias da região.<sup>49</sup>

Pelo que foi explanado por Estrela, algo semelhante acontece em Serra do Ramalho, pois, assim como em Piranhas, o cenário estabelecido era explorador, e isso acaba afetando a população de várias formas, como vemos abaixo:

Entre os reassentados as relações não eram menos tensas. A chegada de indivíduos provenientes de vários pontos do país, vivendo temporalidades e culturas diferenciadas, muito fortemente marcados pela experiência da desterritorialização e do desenraizamento, deu margem à criação de um clima de desconfiança e temor entre os reassentados. Os descompassos entre o planejado e o vivido, para usar expressão de Lídia Rebouças, além das dissonâncias, provocaram inúmeros conflitos envolvendo os reassentados. Desse modo, Serra do Ramalho ficou conhecida no seu entorno como terra da violência e do medo.<sup>50</sup>

Vendo o que aconteceu em Sobradinho, com os reassentados da cidade, até mesmo com Paulo Afonso, que foi submetida a uma segregação maior, sendo construídos até muros para separar a população das vilas da Chesf do restante da população, entende-se o que foi colocado pelo entrevistado Luciano a respeito da Chesf em Piranhas, “...segundo fala de colaboradores da CHESF que vivenciaram outros processos de implantação, é a mais democrática de todas, e citam vários exemplos da maior segregação social na implantação de Paulo Afonso, Itaparica, Sobradinho entre outras ...”<sup>51</sup>, dentro dessa fala, percebemos que os próprios colaboradores da Chesf tinham conhecimento da forma com que a Companhia trabalhava, de como ela podia agir discriminatoriamente com a população da cidade em que se encontrasse. É importante destacar

<sup>49</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

<sup>50</sup> ESTRELA, Ely Souza, op.cit, p. 169.

<sup>51</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

que a cada cidade que a Chesf passava, essas ações “antidemocráticas” mudavam um pouco, por exemplo, em Paulo Afonso, como dito acima, foram construídos muros para auxiliar na separação das pessoas. Em Piranhas esses muros não existiram, mas, sua concepção sim, já que os moradores dos bairros construídos tinham limitações de trânsito livre, principalmente na vila Sergipe. Um exemplo disso era a entrada no Clube Atalaia, que se localizava na vila Sergipe, onde era necessária autorização para que pessoas de outras localidades do acampamento Chesf pudessem frequentá-lo, além das dificuldades geográficas que complementavam essa utilização do clube por pessoas que não morassem na vila Sergipe, como Luciano Cristovam diz,

dois clubes construídos com esta mesma perspectiva de classe com o Atalaia na Vila Sergipe e Pajuçara na Vila Alagoas, não havia restrição para as pessoas frequentar e/ou associar aos clubes em relação às suas classes, mas a distância geográfica entre os mesmos e vilas era grande, e por aí já segregava, por exemplo, a utilização de suas instalações do Clube Atalaia por pessoas que moravam na Vila Alagoas ficava mais difícil por conta da distância, mas precisavam estar associados, o que dificultava mais.

O impacto do muro, no entanto, não esteve presente em Piranhas. Exigências que Estrela demonstra na sua tese que eram feitas aos reassentados também vieram para Piranhas “disfarçadas”, entre outros pontos. Talvez, Piranhas ter sido a “mais democrática” experiência seja uma nuvem feita pela Companhia que não temos como indicar necessariamente o motivo, mas, saber da importância da última e maior hidroelétrica do complexo Chesf -até o momento-, seja importante destacar.

Isso, como já visto, não significa que não tenha ocorrido em Piranhas posições adversas da Companhia, tampouco que a Companhia e mesmo a população local possa se vangloriar de não ter sofrido igualmente aos outros locais, já que a percepção das coisas vivenciadas é individual. Além de que, como já mencionado, a segregação em Piranhas, e os conflitos trazidos e alimentados pela Chesf também existiram. Porém, ao mesmo tempo, por ter sido “o mais democrático de todos os processos da Chesf pelo Nordeste”, ocorreu um olhar não adverso à presença da Companhia na cidade, e isso implicou em alguns pontos, como por exemplo, o teor clientelístico que também esteve presente na relação entre Chesf e a população piranhense, ajudando na manutenção dessa ‘segregação social’. Além disso, uma contínua e crescente modernização na cidade, vindos do comércio e do aproveitamento desse crescimento estrutural, utilizando-o no turismo, aquecendo a economia local.

Se pensarmos na modernidade do subdesenvolvimento que Berman cita, vemos que esse termo se constrói por se manter a estrutura social ainda não desenvolvida e harmonizada com o ambiente que está em contato direto com traços modernizados. Em Piranhas, a dinâmica

construída entre a população e a Chesf se faz nesses termos, guardadas as devidas especificidades. Desse modo, vemos uma cidade em contato com o moderno, mas sua estrutura social não se encontra no mesmo lugar.<sup>52</sup>

Dentro desse novo convívio social em Piranhas, as atitudes da Companhia para com a população local (incluindo os nascidos em Piranhas e os *estrangeiros*), remetem-nos a situações vividas no período oligárquico brasileiro, ou pelo menos, no período em que as oligarquias tinham maior representatividade no Brasil, sendo esse período a Primeira República (1889-1930). Nesse ponto, temos três conceitos que precisamos desenvolver para entender as características do exercício do poder em Piranhas.

José Murilo de Carvalho escreve sobre os conceitos de mandonismo, clientelismo e coronelismo. Carvalho faz isso para que esses termos não sejam utilizados em contextos diferentes de seus significados, algo que ele constata que acontece com certa relevância. A partir desse texto de Carvalho, podemos analisar melhor o que se passou em Piranhas.

Carvalho tem como base em seu artigo o conceito de coronelismo usado por Victor Nunes Leal, onde, para esse autor, o coronelismo é

Resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica inadequada. Não é, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constituiu fenômeno típico de nossa história colonial. É antes uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa [...] Desse compromisso fundamental resultam as características secundárias do sistema “coronelista”, como sejam, entre outras, o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais.<sup>53</sup>

A partir desse conceito, o autor analisa as formas com que podem ser desenvolvidos o próprio coronelismo, mas também o mandonismo e o clientelismo, mostrando ao leitor as diferenças desses três processos e o porquê de eles serem, por muitas vezes, confundidos.

---

<sup>52</sup> A década de 1860 constitui um marco divisório na história da Rússia. O evento decisivo é o decreto de Alexandre II a 19 de fevereiro de 1860, libertando os servos. Contudo, política e culturalmente, pode-se dizer que a década de 1860 começou alguns anos antes, no princípio do reinado de Alexandre II, quando, após o desastre da guerra da Crimeia, fez-se claro para todo o mundo que a Rússia teria de passar por transformações radicais. Os primeiros anos de Alexandre foram marcados por uma liberação significativa da cultura, por nova abertura na discussão pública e por grande fermento de expectativas e esperanças, que resultaram no 19 de fevereiro. Entretanto, o decreto de emancipação produziu frutos amargos. Logo se constatou que os servos continuavam aprisionados a seus senhores, que recebiam ainda menos do que lhes era anteriormente destinado, que estavam expostos a toda uma nova ordem de obrigações emanadas das comunas das vilas e que eram, na verdade, livres apenas nominalmente. [...] Os russos haviam esperado com fervor que o decreto de emancipação levasse a Rússia a uma nova era de irmandade e regeneração social e que fizesse dela um exemplo para o mundo moderno; em vez disso, obtiveram uma sociedade de castas apenas um pouco modificada [...] BERMAN, Marshall, op.cit, p. 250.

<sup>53</sup> LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. O município e o regime representativo no Brasil. 7 ed. São Paulo, 2012, p. 43-44.

Sempre com a linha buscada por Victor Nunes Leal em mente, nos é apresentado que o coronelismo é um sistema político que envolve o nacional, ou seja, todo o Brasil, e que o mesmo se baseia na relação dual governo x coronéis. Carvalho coloca, assim como Leal, o fim do coronelismo em conjunto com o fim da Primeira República, em 1930.

Sendo o coronelismo um sistema político, o mandonismo se detém às estruturas de poder que existem na política nacional, portanto, é uma característica política, existente dentro do sistema coronelista como também fora dele. Nas palavras de Carvalho, “A história do mandonismo confunde-se com a história da cidadania”<sup>54</sup>, podendo sumir cada vez mais com a emancipação civil, ou seja, quando os direitos civis bem como os políticos alcançarem todos os cidadãos. Nessa linha, o conceito de clientelismo trazido por Carvalho é bem semelhante ao conceito de mandonismo, porém, no clientelismo existe a “moeda de troca”, ou seja, enquanto no mandonismo é exercido o poder, ou o domínio de uma população por conta de posses, no clientelismo se tem a troca. Para exemplificar, e isso acontece atualmente muito em cidades pequenas, é trocar o voto por algo que se precise muito, seja um emprego, ajuda em reformas, etc. Em princípio é e não é ao mesmo tempo um voto de cabresto, pois se permanece a relação dual em que o governo tem a vantagem.<sup>55</sup>

Marcel Bursztyn, em *O poder dos donos* nos mostra como essa ação clientelística do governo funciona para o autoritarismo que o mesmo pratica e como, durante o século XX este se modifica:

[...] De uma maneira geral, os grupos sociais de poder local, nas diferentes regiões do país, não tinham antagonismos latentes entre si (salvo após a independência), uma vez que cada região apresentava suas particularidades econômicas. Cada grupo (ou cada região) esteve mais próximo do poder central em épocas diferentes. O único antagonismo notável entre grupos econômicos hegemônicos durante o período colonial foi a disputa entre os grandes produtores agrícolas e os comerciantes portugueses do Nordeste (Guerra dos Mascates). Esses últimos, na maioria lusitanos, tiveram papel importante enquanto instrumento do bonapartismo das autoridades metropolitanas. Ao contrário do que ocorria no sistema português, grandes senhores de terras, que gozavam até então do monopólio da elegibilidade. [...] É a partir das relações paternalistas da sociedade patriarcal que a estrutura social rural se constitui. O paternalismo se torna um mecanismo ideológico e social fundamental para contrabalançar o autoritarismo tanto do Estado quanto do patriarca local. [...] é a partir do governo de Vargas que o Estado começa a transformar seu caráter “autoritário por omissão” em “autoritário ativo”, com a intensificação do intervencionismo, processo este que se acentua mais ainda no último pós-guerra. Paulatinamente, os tentáculos do poder central começavam a se estender no rumo das áreas interioranas onde, até então, o Estado só chegava mediatizado pela figura do coronel. No caso específico do Nordeste, esse

<sup>54</sup> CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma conceitual. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>>. Disponível em: <[www.scielo.org](http://www.scielo.org)>. Acesso: 03 de junho de 2019.

<sup>55</sup> Ibid. Acesso em 03 de junho de 2019.

processo se torna mais evidente a partir do início dos anos 1970, mas suas origens remontam ao início do século XX.<sup>56</sup>

José Murilo de Carvalho ainda coloca que o clientelismo é o que existe com mais força em finais do século XX, já que, ele considera neste artigo, assim como Leal, o fim do coronelismo ter ocorrido em 1930:

De algum modo, com o mandonismo, o clientelismo perpassa toda a história política do país. Sua trajetória, no entanto, é diferente da do primeiro. Na medida em que o clientelismo pode mudar de parceiros, ele pode aumentar e diminuir ao longo da história, em vez de percorrer uma trajetória sistematicamente decrescente como o mandonismo. Os autores que veem o coronelismo no meio urbano e em fases recentes da história do país estão falando simplesmente de clientelismo. As relações clientelísticas, nesse caso, dispensam a presença do coronel, pois ela se dá entre o governo, ou políticos, e setores pobres da população. Deputados trocam votos por empregos e serviços públicos que conseguem graças à sua capacidade de influir sobre o Poder Executivo. Nesse sentido, é possível mesmo dizer que o clientelismo se ampliou com o fim do coronelismo e que ele aumenta com o decréscimo do mandonismo. À medida que os chefes políticos locais perdem a capacidade de controlar os votos da população, eles deixam de ser parceiros interessantes para o governo, que passa a tratar com os eleitores, transferindo para estes a relação clientelística.<sup>57</sup>

Diferenciados os três conceitos acima, podemos fazer uma leitura do processo desencadeado pela Chesf em Piranhas, buscando entender como essas práticas oligárquicas na cidade no final do século XX aconteceram paralelo ao processo de modernização. Para isso, precisamos de um outro olhar sobre o coronelismo, sendo este o olhar de Eul-Soo Pang. Ele define oligarquia da seguinte maneira:

“Oligarquia” é definida neste trabalho tanto como um sistema de domínio político por uma ou mais pessoas, representando um clã ou grupo consanguíneo ou não mantido unido por metas econômicas comuns, interesses políticos e crenças ideológicas e religiosas, ou pelo desejo coletivo de glorificação de um líder carismático, tudo para promover e defender o bem comum.<sup>58</sup>

Pang procura deixar claro em seu livro *Coronelismo e oligarquias*, onde desenvolve um estudo sobre a Bahia durante a Primeira República, a existência de vários tipos de coronel, não resumindo o mesmo a apenas o proprietário de terras da época. Ele escreve:

<sup>56</sup> BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos: Planejamento e clientelismo no Nordeste**. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2008, p. 40 à 42.

<sup>57</sup> CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma conceitual. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581997000200003>>. Disponível em: <[www.scielo.org](http://www.scielo.org)>. Acesso: 03 de junho de 2019.

<sup>58</sup> PANG. Eul-Soo. **Coronelismo e oligarquias 1889-1943: A Bahia na Primeira República Brasileira**. Editora. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979, p. 07

[...] claramente que nem todos os coronéis brasileiros se encaixam no mesmo molde de coronel-fazendeiro. A suposição de que todos os coronéis eram donos de terras é simplesmente falsa. A ascensão do coronel dependia de muitos fatores externos característicos de sua profissão, domínio e recursos pessoais. É possível, conseqüentemente, separarmos sete tipos de coronéis, que podem ser divididos em duas categorias amplas: a ocupacional e a funcional.<sup>59</sup>

Partindo dessa divisão, Pang nos apresenta o coronel industrial, que, pelo nome, já indica onde e como opera tal coronel, que, apesar de raros, existiam no Nordeste. A partir desse olhar ampliador, e incluindo a visão do autor sobre a existência de novos e velhos coronéis, ele nos diz que o coronelismo não chegou ao fim de 1930, mas que o mesmo passa por uma certa “renovação”.

Como foi demonstrado em estudos anteriores, o estudo de caso de Minas Gerais confirma que o coronelismo não declinou, mas evoluiu para nova forma de domínio oligárquico. A sobrevivência dos coronéis na Bahia era tão surpreendente quanto em Minas, pondo em questão, conseqüentemente, a teoria de Victor Nunes Leal, segundo a qual o coronelismo declinou depois de 1930. A outra hipótese é a de que enquanto o sistema político brasileiro girou em torno de componentes familiares, o coronelismo floresceu. Um estudo recente confirma que o coronelismo, na década de 1960, simplesmente voltou ao nível local, confinando ao município o exercício tradicional de poder por um homem, e evitando um confronto entre a autonomia local e os poderes em expansão do governo central.

Portanto a modificação, e não o declínio do coronelismo, deveria ser o tema da história política depois de 1930. O impacto da explosão demográfica, a industrialização substituindo a importação e a conseqüente urbanização, a ascensão de um sistema multipartidário em 1945, e as crescentes tendências centrípetas da presidência federal, contribuíram para a modificação do coronelismo.<sup>60</sup>

Nessa linha de pensamento, Douglas Apratto Tenório, no livro *Metamorfose das Oligarquias* também faz sua análise sobre o período em que o sistema coronelista se esvai da República sob a ótica regional, mais especificamente, do estado de Alagoas. Para ele, a consideração de alguns historiadores de que o período oligárquico chega ao fim com o término do governo dos Malta<sup>61</sup> é equivocada, já que, os governantes que vieram depois também se estruturam do mesmo processo. A oligarquia para ele sofre uma metamorfose, como vemos a seguir:

O que importa falar é que não houve até 1930 uma quebra a estrutura oligárquica. Permanece, na essência, a mesma que gerou Euclides Malta e Fernandes Lima,

<sup>59</sup> Ibid, p. 57.

<sup>60</sup> Ibid, p. 62.

<sup>61</sup> Governo direcionado por Euclides Malta, que esteve no poder político alagoano por volta de uma década (1900/1912). A oligarquia maltina é a mais longa era de poder exercida por um homem e sua família na história de Alagoas, transitou na política entre governos estaduais, federais como deputado além de governador do Estado. Douglas Apratto Tenório fala sobre esse governo no livro *Metamorfose das oligarquias*.

atravessando ano a fio. A metamorfose das oligarquias, ocorrida quando da passagem do período imperial para o período republicano, continua a repetir-se quando da emergência das “salvações”, da queda dos Malta, da também longa era de Fernandes Lima e dos seus sucessores rebeldes [...] Por via de consequência, o fenômeno oligárquico é mais complexo; não se restringe apenas a indivíduos ou a famílias que governam indefinidamente o Estado. É preciso também sentir as transformações por que passa uma sociedade que sai aos poucos do casulo agrário-isolacionista para uma tímida urbano-industrialização [...] <sup>62</sup>

Se seguirmos com o conceito e a dimensão do coronelismo e das oligarquias trabalhada por Pang e Douglas Apratto, além de saber como funciona e quais são as características do mandonismo e clientelismo, vemos que algumas ações da Chesf se enquadram nesse exercício de poder político. Temos como alguns exemplos: 1) a designação autoritária quando divide a população dos *estrangeiros* por classe social dentro do bairro Xingó; 2) a remoção das famílias do povoado Canavieiras. Tais medidas, entre outras, levaram a população à beira do “colapso social”. A Chesf operou no sentido de mudança de comportamento no exercício do poder político aumentando a subordinação e a necessidade da cidade em relação à Companhia, remontando, em nossa análise, a uma ação oligárquica da Companhia em Piranhas.

Pensar em montar uma estrutura grandiosa destas em meio ao semiárido nordestino, nos anos 80, é um tanto quanto inusitado, causa um impacto gigantesco nas populações locais e altera significativamente as relações sociais e culturais estabelecidas localmente. O povo sertanejo da cidade de Piranhas sentiu sim, o peso da implantação desta grande obra, com o conjunto de informações e boatos gerados com a construção da usina, com grande volume de pessoas ocupando a região e de passagem, o índice de violência, e outros indicadores certamente foram acentuados e conflitos estabelecidos. <sup>63</sup>

A utilização de mecanismos oligárquicos no exercício do poder não tornou menos importante as ferramentas modernas da política. Portanto, em Piranhas, a defesa do bem comum como sinônimo de estrutura e avanço econômico, foi o discurso prevalente para justificar a presença da Chesf.

A economia básica do município está apoiada na atividade agropecuária. A grande concentração de propriedades rurais, a insuficiência de recursos naturais aproveitáveis, a baixa produtividade da lavoura - em razão da escassez de solos adequados à agricultura - , além da falta de infra-estrutura e da intensidade do processo migratório do meio rural, são fatores que influenciam a atividade econômica municipal. Some-se a isso a deficiência hídrica da região e chuvas mal distribuídas, a falta de sementes selecionadas e melhoradas, o manejo e uso inadequado do solo e a não utilização de controle fitossanitário.

A atividade comercial predominante no município é o comércio varejista, ocorrendo uma significativa melhoria no setor comércio do município com a construção da UHE Xingó.

<sup>62</sup> TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das oligarquias**, ed. Edufal, 2009, p.108-109.

<sup>63</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

O setor industrial, como gerador de uma transformação estrutural do sistema econômico de um estado ou país, inexistente na região e município, devido às inúmeras limitações, como a desintegração dos órgãos governamentais, ausência de pesquisa para o conhecimento potencial econômico, falta de recursos na implementação de ações, apoio do poder aos pequenos e médios produtores. Estas limitações inibem o dinamismo do setor e conseqüentemente o desenvolvimento da região. A partir da implantação da UHE de Xingó, surgiram micro indústrias de pré-moldados, olarias, panificadoras, sorveterias, restaurantes etc., de pequena expressão, em atendimento à população recém chegada.<sup>64</sup>

Entende-se, contrariamente a uma parte da bibliografia, que, para caracterizar o coronelismo, o cenário rural e a subordinação da população precisam estar presentes. Não necessariamente essa relação precisa existir ou, pelo menos, não de maneira decisiva. Mesmo em uma cidade do interior em que o comércio urbano é parte fundante e onde a vida é pautada pela agropecuária desde seus primórdios temos na forma de modernização implementada pela Chesf um teor autoritário clientelista e mesmo mandonista que transforma a população piranhense.

Sabemos bem que a vitalidade do coronelismo é “inversamente proporcional ao desenvolvimento das atividades urbanas” (LEAL, 1975, p.251), mas isso não impede que a estrutura de poder possa adaptar-se quase que automaticamente às novas necessidades de legitimação que lhe são impostas.<sup>65</sup>

Essa modernização, como Bursztyn coloca, traz para todo o Nordeste, portanto, também para Piranhas, de alguma forma o avanço tecnológico. Isso desfaz um pouco a força dos coronéis como tradicionalmente conhecemos na História, porém, essa mesma modernização “aprisiona” a população em outros sentidos. Tal situação de “aprisionamento” é amenizada paradoxalmente pelo uso dessa mesma modernização. Por exemplo, em Piranhas, a Chesf traz “ajuda” para a população no sentido de resolver o “problema” que ela mesma, a Companhia, causa. Dessa forma, mais uma vez se tem um processo de ação clientelística em que a população fica em desvantagem. No caso estudado, é a ação de crescimento econômico colocado à frente do bem-estar social para que não volte a existir outro período de estagnação como o que se teve com a desativação da ferrovia, esse processo clientelístico acontece assim em Piranhas.

## 2. A CHESF EM PIRANHAS: INTERVENÇÃO E USOS POLÍTICOS

<sup>64</sup> SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de cima, Nova Piranhas: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, História 2010, p. 59, pdf.

<sup>65</sup> BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos: Planejamento e clientelismo no Nordeste.** 3ª edição. Rio de Janeiro, 2008, p. 201.

Neste capítulo, pretende-se analisar de forma mais direta o que foram e como se desenvolveram as relações de poder na cidade de Piranhas durante o período de maior influência da Chesf, portanto, durante as décadas de 1980/1990. Nesse sentido, buscar-se-á verificar como aconteceu a interação entre Companhia e os círculos sociais piranhenses, as tratativas políticas durante o período para saber como aconteceram as negociações da ida da Chesf para a cidade, por exemplo. Além desses pontos, também será debatida a questão econômica em que se encontrava Piranhas, para que assim, possamos entender como que de imediato a Chesf conquista – através de suas estratégias econômicas pautadas nas mudanças que ocorreram por conta da sua presença - cresce na cidade e quais as consequências, especialmente as sociais para Piranhas e sua população.

Piranhas, cidade que se encontra no interior do Estado de Alagoas, quando se torna independente da cidade de Pão-de-Açúcar, em 1887, recebe um fluxo maior de pessoas circulando por conta da ferrovia de Paulo Afonso - iniciada a sua construção em 1879 -, gerando assim um aumento no âmbito econômico e social da cidade.

Em 5 de julho de 1879, através do decreto nº 7323, foi inaugurado o trabalho de construção da linha férrea de Piranhas e, cinco anos mais tarde era inaugurado o trecho final em Jatobá, atual Petrolândia.

A referida estrada abrangia os Estados de Pernambuco e Alagoas, possuía 116 km de extensão e margeava o rio São Francisco. Era constituída pelas estações ferroviárias de Piranhas (km 0), Olho D'água do Casado (km 28), Talhado (km 41), Delmiro Gouveia (km 54) e Sinimbu (km 70), em Alagoas; Volta (km 84), Quixaba (km 102), Petrolândia (km 116), em Pernambuco. O trem era misto, transportava passageiros e mercadorias – sendo na estação de pedra, atual município de Delmiro Gouveia, um grande entreposto comercial.<sup>66</sup>

Como podemos ver, a ferrovia passava por muitas cidades nordestinas. Isso trazia para essas cidades um grande fluxo de pessoas, e, conseqüentemente, existia uma interação social maior, bem como maior dinamismo econômico fruto de intensificação do comércio, tendo Piranhas um papel importante nesse quesito, já que era na cidade (km 0), que se abastecia o trem com produtos vindos de algumas cidades pelos barcos, através do rio, além de produtos feitos na própria Piranhas que eram comercializados, todos sendo transportados pela ferrovia.

Essa dinâmica acima comentada perdura por um período considerável em Piranhas, ocorrendo uma mudança de cenário durante a década de 1960 por ocasião da desativação da

---

<sup>66</sup> SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de cima, Nova Piranhas: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, História 2010, p. 35-36 pdf.

ferrovia<sup>67</sup>. A cidade volta a uma linha de crescimento apenas quando a Chesf nela se estabelece, no início da década de 1980.

A evolução urbana de Piranhas e de Vila de Entremontes compreendem as seguintes fases de ocupação: A primeira fase em Entremontes no início do século XVII e em Piranhas de Baixo em fins do século XVII que caracterizam o núcleo de povoação original. A segunda fase de desenvolvimento urbano aconteceu a partir da implantação da hidrelétrica pela CHESF o que alterou a configuração urbana do município quando na parte alta se construiu os bairros de Xingó e Nossa Senhora da Saúde.<sup>68</sup>

A Chesf surge na década de 1940 para atender a região Nordeste no que diz respeito a produção, transmissão e comercialização de energia elétrica<sup>69</sup>. A produção dessa energia, no entanto, não é a única questão pela qual a Companhia se destaca, pois, se tem um conhecimento de que a instalação da Chesf nas cidades – em sua maioria cidades pequenas -, causava mudanças estruturais, políticas, e principalmente sociais nos municípios onde se instalaram para a construção dessas usinas hidroelétricas.

... a 03.10.1945, o presidente Vargas assinou três decretos-leis relacionados com a criação da CHESF: a) o de nº. 8.031, autorizando a organização da empresa; b) o de nº 8.032, abrindo crédito especial de Cr\$ 200 milhões de cruzeiros (metade do capital inicial do negócio, sendo que a outra metade foi aberta à subscrição pública) ao Ministério da Fazenda para subscrever suas ações ordinárias; e com o de nº 19.706, outorgando à empresa a concessão, pelo prazo de 50 anos, do aproveitamento progressivo da força hidráulica do rio São Francisco, no trecho entre Juazeiro (BA) e Piranhas (AL), com a finalidade de fornecer energia elétrica em alta-tensão aos concessionários de serviço público na área compreendida por uma circunferência de 450km de raio, centralizada na cachoeira de Paulo Afonso.<sup>70</sup>

Buscando entender como se deu a análise do local onde seria construída a hidroelétrica, encontramos visões diferenciadas seja em trabalhos ou através das entrevistas. É colocado por alguns entrevistados, como por exemplo, pelo senhor Francisco Alves de Medeiros<sup>71</sup> que a Companhia mudou de local, sendo necessário assim, outro projeto, pois houve resistência da

<sup>67</sup> OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos trilhos da História do Baixo São Francisco**: Um ensaio sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso. Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Vol.4 nº 8 abril/setembro de 2003 – semestral, p. 275.

<sup>68</sup> SANTOS, Ronaldo José Ferreira Alves. SICG - M102 - Contexto Imediato documento IPHAN. Oficina de Projetos Ltda. Agosto de 2014, p. 02, pdf.

<sup>69</sup> VAINSENER, Semira Adler. *Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em 19 de março de 2019.

<sup>70</sup> OLIVEIRA, Rezilda Rodrigues. A Chesf e o papel do Estado na geração de energia elétrica. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.32, nº 1, p. 10-35, jan-mar, 2001. Acesso em 26 de março de 2019.

<sup>71</sup> Morador de Piranhas e ex-funcionário da Chesf que concedeu entrevista para a realização desta pesquisa.

população, já que, de início, onde a usina seria construída acabaria por inundar o que até então era o território de Piranhas.

É preciso mencionar as posições adversas para com a Chesf. Para tanto, temos que considerar que a Companhia colocou em prática um projeto modernizador em Piranhas, mas, ao mesmo tempo, um projeto colonizador no sentido de tentar engessar a população a sua ideia de sociedade. Isso acaba gerando resistências ao processo da Companhia. Podemos dizer que houve uma resistência cotidiana<sup>72</sup>, ou seja, atos pequenos que eram realizados no dia a dia. Um dos exemplos mais importantes que podemos mencionar diz respeito à resistência à construção da usina de Xingó que seria feita em outra localidade de Piranhas, e que, por pressão popular, isso não ocorreu, pois, o resultado seria a inundação do que conhecemos hoje como Centro Histórico<sup>73</sup> da cidade. É claro que dentro dessa narrativa existem várias visões aplicadas, que veremos a seguir.

O que nos intriga sobre o fato da mudança de local da construção da usina, de início, é o relatório produzido pela Chesf exclusivamente para testar, através de estudos, qual seria o melhor local para receber a usina. No entanto, as fontes orais explicitam a questão de uma possível troca de locais da usina, sendo que, o primeiro ponto escolhido inundaria toda a cidade, como podemos ver com a fala de Altamiro Barboza:

[...] o pessoal ‘tava’ na expectativa, vai ter geração de emprego, essas coisas, renda, e o pessoal falava que depois da hidrelétrica pronta o rio ia encher e ia tomar Piranhas, essas coisas, mas, depois mudaram os planos pra, porque antes a barragem que estava para ser feita antes abaixo de Piranhas, mais aí, Piranhas ia sumir. Sumia tudo. Tudo, sumia tudo, e aí fizeram outro projeto para ser aqui em cima; e aí a Chesf veio, a barragem chegou e foi, desenvolveu, [...].<sup>74</sup>

Temos também, a fala do senhor Francisco Alves, que expressa essa questão do sumiço de Piranhas, vejamos:

É, exatamente, aqui teve dois projetos aqui essa obra. O primeiro projeto não foi aceito porque ia inundar a cidade de Piranhas, aí eles fizeram novos projeto (sic), e aí num, num (sic) não inundou a cidade e [...] Exatamente é, o pessoal, a maioria não aceitaram (sic) sair de Piranhas, né, sair da cidade de piranhas, queriam ficar lá de qualquer maneira, e a Chesf fez outro projeto.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> Ver: SCOTT, James. *Formas cotidianas da resistência camponesa*. Raízes, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan/jun. Campina Grande, 2002.

<sup>73</sup> Espaço que totalizava a cidade anteriormente a chegada da Chesf, hoje parte da cidade tombada pelo IPHAN como patrimônio histórico cultural.

<sup>74</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>75</sup> MEDEIROS, Francisco Alves de. Trabalhador estrangeiro, que se estabelece em Piranhas em virtude das obras da usina de Xingó e permanece até os dias atuais. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

Se tomamos essas falas, podemos dizer que a população local fez ouvir sua voz para que a cidade não fosse inundada por completo, restando apenas o acampamento construído pela Chesf para abrigar a todos, o que, conseqüentemente, por conta do alto contingente de pessoas de fora que iria para esse acampamento trabalhar na construção da usina, acarretaria na saída de muitos da cidade.

Apesar dos depoimentos supracitados, a pesquisa não encontrou em outros entrevistados algo que reforçasse as falas dos senhores Altamiro e Francisco. Em contrapartida, tivemos o depoimento de Lázaro Galvão, que relata a existência da mudança de local da usina, porém, desconsidera que houve qualquer tipo de protesto da população para que essas mudanças ocorressem, em suas palavras, são “fake news da época”<sup>76</sup>, e exemplifica como foi feita a distribuição do lugar da construção da usina:

Na década de 1950 o local escolhido era nos arredores do riacho Xingózinho, município de Delmiro Gouveia, e por isso a usina se chamaria Xingó. Nome já conhecido há décadas na comunidade hidrelétrica internacional, quando nessa década de 1950 uma multinacional, a Reynolds, se "ofereceu" para construir a usina e usá-la para processar bauxita e produzir alumínio. A Chesf recusou. Em fins da década de 1970 o planejamento elétrico recomendou a construção de uma usina no Canyon após a usina Paulo Afonso IV, Sobradinho e Itaparica.

Havia dificuldades técnicas para a construção e em 1982, no mês de março, a Chesf sugeriu à Eletrobras novo eixo - no fim do Canyon, imediatamente a montante das sedes municipais de Piranhas (AL) e Canindé (SE), no local cachoeira dos veados e mantida a denominação Xingó. E isto foi feito.<sup>77</sup>

O que então aconteceu para que houvesse a mudança da localidade da usina, e, principalmente, o porquê de se contar que houve uma luta popular para que ocorresse tal mudança? Precisamos adentrar, primeiramente, no relatório que estuda as possibilidades de locais para a usina.

O documento “Relatório para escolha do local de implantação do aproveitamento hidrelétrico de Xingó” traz, de forma técnica, os locais estudados, desde a década de 1970, para que fosse construída a usina de Xingó, considerando as questões hídricas, econômicas, geológicas e morfológicas. A conclusão do documento é que se configura o melhor local o denominado Canindé I, entre as cidades de Piranhas/AL e Canindé de São Francisco/SE. Como se coloca no próprio fim do relatório, “face ao exposto, recomenda-se que a implantação do aproveitamento hidrelétrico de Xingó seja efetivado no sítio localizado a 3 km a montante da confluência do Riacho as Onças com o rio São Francisco e denominada nos estudos supra

<sup>76</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Funcionário da Chesf desde o período estudado até os dias atuais, também reside em Piranhas. Entrevista concedida em 08 de abril de 2019.

<sup>77</sup> Ibid.

relatados como Canindé I”<sup>78</sup>. Por ser um documento que aborda de forma muito mecânica a questão, o relatório supracitado não deixa espaço para debates que envolvam a participação da população nesse processo de escolha do local para a construção da usina. O que se firmou e foi posto nesse relatório acima citado, ganha o público através de um periódico do Diário de Pernambuco, de 1980, onde se noticia a decisão do local onde a hidroelétrica será construída. Vejamos uma passagem da reportagem:

O presidente da Eletrobrás, Costa Cavalcanti, anunciou ao governador Guilherme Palmeira que o projeto da construção da hidrelétrica de Xingó, no rio São Francisco, começará no ano que vem e recebeu do governador alagoano garantia de infraestrutura para o assentamento do novo conglomerado urbano que, nesse caso, ficará ao lado de Alagoas, promovendo o surgimento de uma nova cidade para o Estado.<sup>79</sup>

Com base nessas duas versões postas acima, ainda não se tem como apresentar a visão dos entrevistados como fato ou até mesmo eventos que foram ressignificados na memória popular. Para isso, um outro relatório, *Usina hidrelétrica de Xingó – impactos regionais*, de 1986, traz uma passagem que pode contemplar esses levantamentos.

No tópico em que aponta como se dará a integração do projeto da usina de Xingó na região alagoana, trata da expansão que acontecerá com o impacto do acampamento e da vila satélite, renda da cidade, e, chama atenção a dinâmica da interação social que deverá ocorrer, “destaca-se, em especial, a importância dessa integração – Acampamento/Vila Satélite/Núcleo Urbano – para a futura relocação da cidade de Piranhas em decorrência de sua inundação parcial, face a construção da UHE de Pão de Açúcar, prevista para a próxima década”<sup>80</sup>.

Com essa passagem, torna-se mais tangível a fala de Altamiro Barboza supracitada, levando em conta uma seletividade da memória, como diz Pollak. O que o relatório sobre os impactos regionais traz sobre a inundação de Piranhas não tem ligação com uma certa resistência da população para com esse acontecimento e, sim, com o planejamento da Chesf de continuar a produzir energia elétrica através da força do São Francisco, construindo assim um projeto para a cidade de Pão de Açúcar. Dentro desse contexto, o depoimento do senhor Luciano nos ajuda a entender melhor o porquê desse projeto não ter avançado, inundando assim Piranhas.

A CHESF ainda tinha um projeto para construção de mais uma usina hidroelétrica abaixo, no município de Pão de Açúcar, o projeto pretendia inundar mais áreas do São

<sup>78</sup> CHESF, relatório para escolha do local de implantação do aproveitamento hidrelétrico de Xingó, 1986, p.38.

<sup>79</sup> Acervo da Hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco: Recife, edição 00305, p. A-17, 1980.

<sup>80</sup> Relatório: **Usina hidrelétrica de Xingó: Impactos regionais**. Maio de 1986, p.36.

Francisco e cobrir a sede do Município de Piranhas, seu centro Histórico, que foi tombado pelo IPHAN, por isso o projeto não vingou, caso não houvesse o tombamento, seria mais uma cidade ribeirinha encoberta pelas águas do Velho Chico, através da ação do homem.<sup>81</sup>

Vimos, então, que o tombamento de Piranhas como patrimônio histórico impediu que a cidade fosse inundada quando a usina em Pão de Açúcar tivesse se estruturado, porém, esse fato também não aconteceu, dessa forma, Piranhas sobrevive a uma inundação.

Vemos que existem informações desencontradas dentro desse assunto, e que, pelos “canais oficiais”, a Chesf, apesar de ter mais de um projeto para a construção da usina em locais diferentes de Piranhas, acabou optando por um que ficasse entre as duas cidades de Alagoas e Sergipe, e nada mais que isso. Entretanto, os moradores de Piranhas que vivenciaram o período discorrem sobre essa resistência e que por isso houve a mudança de local. O projeto então se consolida para a usina se fixar entre Piranhas e Canindé. Após essa decisão, a Companhia começa o processo de coordenação da construção dos bairros para abrigar os trabalhadores, e, em meados da década de 1980, mais precisamente entre 1985/86, isso é feito.

*Figura 3: Local escolhido para a construção da Usina Hidroelétrica de Xingó.*



Fonte: Página de facebook Piranhas das antigas.<sup>82</sup>

<sup>81</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

<sup>82</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/794936187675468/>. Acesso em 15 de março de 2020.

*Figura 4: Local escolhido para receber a usina após sua construção.*



Fonte: Site Ferdinando de Sousa<sup>83</sup>

Previsto para ter suas obras civis iniciadas em 1983, somente em 20 de março de 1987 isso se concretizou.

Durante os cinco anos decorridos da Chesf entre 1982 e 1987, além dos trabalhos de engenharia de campo para apoio ao projeto, a Chesf, diretamente ou sobre contrato com empreiteiros locais, melhorou e implantou acessos viários, construiu instalações pioneiras de escritórios, depósitos, alojamentos, sistemas d'água e energia elétrica, relocou a sede municipal de Canindé de São Francisco no estado de Sergipe e adquiriu todas as áreas necessárias à implantação da usina, do canteiro e do acampamento, bem como contratou todos os equipamentos principais.<sup>84</sup>

Como comentado anteriormente, será analisada as relações de poder que existiram em Piranhas durante as décadas de 1980 e 1990 e entender, o seu impacto social na população piranhense à época e seus vestígios no presente. Nesse capítulo, em específico, trataremos das questões sociais desenvolvidas pela Chesf para com a população nativa e os desdobramentos que ocorrem por meio dessa interação. A divisão das moradias em Piranhas carrega essa carga social já citada neste trabalho.

<sup>83</sup> Disponível em: <https://ferdinandodesousa.com20190524a-usina-hidreletrica-de-xingo-e-seus-impactos-sociais-e-ambientais>. Acesso em 15 de março de 2020.

<sup>84</sup> SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. op.cit, p. 47 pdf.

## 2.1. A QUESTÃO DAS MORADIAS

A implantação da usina de Xingó fez, assim como em outras cidades, com que a Chesf ampliasse a geografia do local, pois era necessário um espaço para abrigar as centenas de trabalhadores que iriam para a cidade trabalhar na construção da usina. Em Piranhas, assim como em Canindé, foram construídos lugares para receber a população que chegava para trabalhar na construção da usina, 40.000 habitantes<sup>85</sup>. Com relação ao que foi feito em Piranhas, os bairros construídos demarcavam o modelo social que a Chesf transmitia. Em razão disso, ocorrem choques culturais entre a população local e a *estrangeira*, como também se acentuou a diferença econômica dessa população, a partir de uma decisão da Companhia na distribuição dessas moradias e na distinção, em específico do bairro Xingó, onde se dividia as pessoas entre as vilas Sergipe e Alagoas, sempre permanecendo na vila Sergipe os executivos da Chesf e outros funcionários que caminhavam com um status econômico e social elevados. Segundo o Sr. Francisco, “é o seguinte, na vila Alagoas, é porque morava aquele pessoal de nível mais inferior, é, vamos dizer assim, até feitor de, de, de (sic) setores, e aqui na vila Sergipe já morava de encarregado; encarregado de serviço, acima, entendeu”<sup>86</sup>. Não podemos deixar de citar que, por mais que os conflitos se destacassem no bairro Xingó, a distinção entre os bairros Nossa Senhora da Saúde e Xingó também existia.

[...] o Bairro Nossa senhora da Saúde, foi sendo ocupado e construído por pessoas que estavam à margem do Bairro Xingó, ou seja, comerciantes que não haviam conseguido aval da CHESF para ocupar as Vilas e instituir seus empreendimentos, trabalhadores e trabalhadoras que prestavam serviços às famílias, como trabalhadoras domésticas, jardineiros, vigilantes, tratadores de animais, comerciantes formais e informais (ambulantes), entre outras profissões. Existiam na época dois equipamentos públicos no bairro construídos pela CHESF, que eram, a UNEX – II Unidade escolar de Xingó II, escola estadual e conveniada com a CHESF para atender aos filhos dos trabalhadores que não estavam inseridos no Bairro Xingó, diretamente envolvidos com a construção da UHE em questão, e um posto de saúde, hoje administrado pelo município chamado até hoje de postinho.<sup>87</sup>

De que forma a Chesf consegue deliberar tais questões, como mudanças estruturais, impondo sua posição sobre parte desses 40.000 habitantes recém instalados em Piranhas, e ainda assim, consegue ter sua imagem, positiva? De imediato, a Companhia promove a construção do sistema habitacional, como já colocado, que faz com que a economia de Piranhas

<sup>85</sup> CHESF, relatório- **Usina hidrelétrica de Xingó**: Impactos regionais. Maio de 1986, p.1.

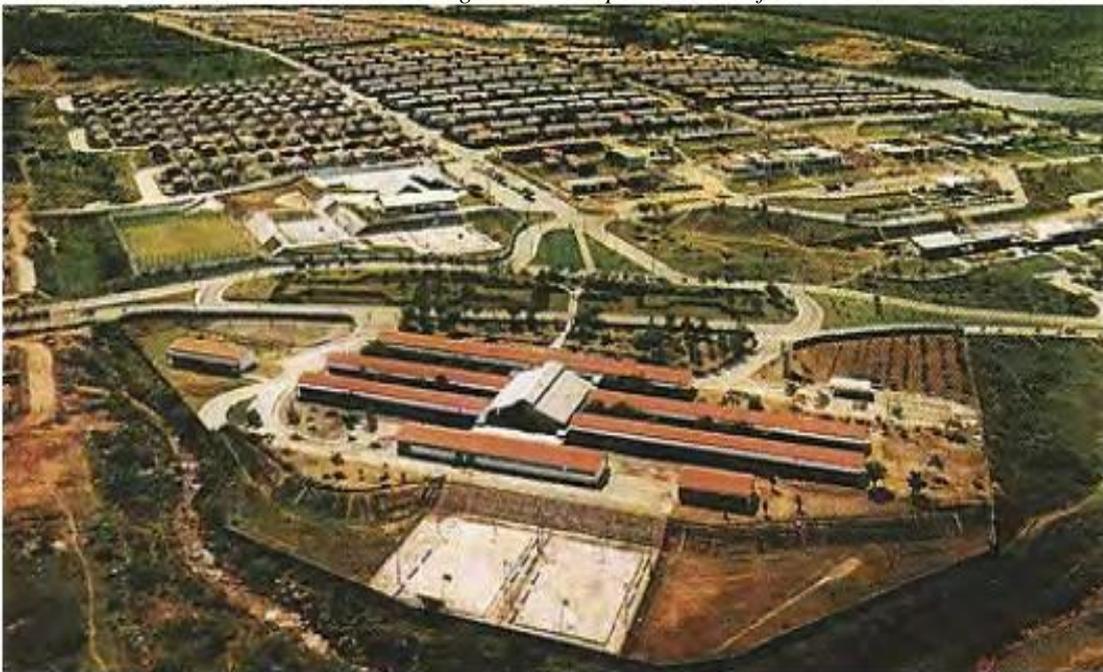
<sup>86</sup> MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

<sup>87</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

comece a se erguer novamente - em detrimento da geração de empregos da obra -, e a Companhia passa a ser vista como a empresa que levantou a economia piranhense, com isso, ganha espaço.

Piranhas antes da Chesf era, era uma catástrofe digamos assim. Porque antes da Chesf aqui o Centro Histórico, antes se chamava Piranhas Velha, e a vida do povo lá era nessa época, era só de comércio, comércio muito pequeno, e pesca, comércio e pesca e funcionário público, e, Piranhas só veio a se desenvolver mesmo depois da Chesf, mas antes era só, por exemplo, 'pra' se ir à Delmiro Gouveia, a estrada era de chão, tinha um carro por dia, o carro saía de manhã, cinco horas e voltava meio-dia, se você perdesse o carro em Delmiro, você ficava lá, só vinha no outro dia, se perdesse aqui também não ia mais porque não tinha outro, e acho que a vida econômica era muito pequena, não tinha, não tinha (sic) desenvolvimento.<sup>88</sup>

*Figura 5: Acampamento Chesf.*



*Fonte: Furtado e Zanchetti, 2003: 17*

Fonte: LINS, Regina Dulce Barbosa (coord.). Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Piranhas. Alagoas, Maceió, 2010.

<sup>88</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

*Figura 6: Acampamento Chesf visto de outro ângulo.*



Fonte: Página do facebook Piranhas das antigas.<sup>89</sup>

A Chesf tem um papel importante em Piranhas, pois, é a sua instalação na cidade que proporciona, principalmente no viés econômico, um salto em relação à estagnação que se vivia desde a desativação da ferrovia, e isso acontece em menos de 10 anos. Em função desse salto econômico, junto com o crescimento populacional e geográfico de Piranhas, a Chesf auxilia em uma modernização da cidade, a começar pela própria ampliação da área urbana, e os elementos que se fazem necessários a partir disso, por exemplo, a ampliação do comércio. Enfatiza-se aqui que a Chesf se responsabilizou pela construção de prédios para tratar de educação (com as escolas Unidades escolares de Xingó - UNEX-I e UNEX-II) e saúde (Unidade Mista de Saúde – UMSX) no seu acampamento e que as manteve até o fim das obras, após isso essas unidades passam para o domínio do Estado além de ser dever do município viabilizar o básico para sua população. Como expressa um ex-funcionário, que trabalhou no setor da contabilidade em finais da década de 1980 e início da década de 1990:

É, boa foi né, porque, porque aqui antes da Chesf não tinha nada, você chegava aqui e não tinha nada, então, assim, quem criou praticamente essa vila aqui, e a Alagoas, e deu vida a Xingó aqui, não a Piranhas Velha, me refiro aqui, Xingó, foi a Chesf. O hospital, a escola, tudo foi a Chesf, porque, ela investiu, quer dizer, ela botou dinheiro

---

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/794936187675468/>. Acesso em 15 de março de 2020.

aqui porque, eu acredito que pra eles não era problema, se fosse eles não tinham feito isso, entendeu; e de certa forma eles faturavam sim...<sup>90</sup>

Segundo o entrevistado Francisco Alves, a Chesf apenas somou benefícios em Piranhas, em geral, no espectro econômico:

Bom, a obra, a usina, cresceu muito Piranhas, porque antes, nem estrada tinha, nem estrada tinha aqui, era umas estradinha (sic) de chão né; essa estrada mesmo pra Canindé foi construída pela, pela Consórcio, pelas firma (sic) que veio construir a obra, foi quem construiu esse asfalto aqui da obra pra Canindé, e essa ponte também.<sup>91</sup>

Essa visão de benefício econômico que, de fato, ocorreu na cidade e foi proporcionado pela Chesf, de certa forma, pelo que vemos, esconde as decisões tomadas nas relações sociais e culturais, que poderiam não ser interessantes para a população, como é o caso das distribuições dos bairros da Chesf. A dinâmica e estrutura dos bairros, em especial, do bairro Xingó, representou a consolidação de um novo período em Piranhas, fosse em relação econômica ou mesmo cultural e social, pois, esses conjuntos habitacionais construídos pela Chesf – bairro Xingó (vilas Sergipe e Alagoas) e bairro Nossa Senhora da Saúde -, abrigaram relações de poder estruturadas pela Companhia e aplicadas em favor ou contra parcela dos *estrangeiros* que lá residiam. Nesse sentido, o bairro Xingó, em certo momento, ganha uma dimensão enorme na região, sendo reconhecido como cidade<sup>92</sup>, havendo ainda mais um silenciamento da população já estabelecida de Piranhas, ou seja, há um silenciamento do “antigo”, do que veio antes da Companhia.

Com a dimensão que o bairro de Xingó se tornou, passando a ser o centro das atenções e com a autonomia urbana do bairro de Xingó, concentração de comércios e serviços (não se falava mais em Piranhas como cidade, a escala do bairro assumia as proporções de cidade), e a parte mais antiga da cidade de Piranhas passa a ser frequentada por abrigar a Sede do Governo Municipal, pelo visitantes e pela sua prainha tida com a melhor da região. A vida em Piranhas continua calma e pacientemente acomodada sobre as terras rochosas[...]<sup>93</sup>

Para tentar amenizar de alguma forma esse reconhecimento do bairro Xingó como cidade, e mostrar a importância de Piranhas, algumas medidas foram tomadas, em especial pela prefeitura:

<sup>90</sup> LIMA, Paulo Pereira. Trabalhador administrativo durante o período das obras da usina, porém, passa a residir em Piranhas alguns anos após a construção da hidrelétrica, e continua na cidade atualmente. Entrevista concedida à autora em 06 de abril de 2019.

<sup>91</sup> MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

<sup>92</sup> SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. op.cit, p. 52.

<sup>93</sup> Ibid, p.54 pdf.

[...] mas o Centro Histórico teve uma participação muito grande, e por incrível que pareça, era eu o prefeito na época, e, tentei promover, um intercâmbio; eu irritava (sic) quando as pessoas diziam que iam à Xingó, Xingó é um bairro de Piranhas, “eu vou à Nova Piranhas”, que é o bairro Nossa Senhora da Saúde, bairro Nossa Senhora da Saúde é um bairro de Piranhas, então, começou com aquilo, e eu comecei, você vê que aqui tem em cada acesso tem “bairro Nossa Senhora da Saúde – Piranhas/AL”, “bairro Xingó”..., então, fui eu quem criei, e diante de tudo isso eu comecei a querer resgatar essa autoestima de, desse povo; integrar, promover a integração entre o Centro Histórico, bairro Nossa Senhora da Saúde, as duas vilas, Sergipe e Alagoas [...] <sup>94</sup>

Porém, a Chesf, a essa altura, já tinha conquistado um espaço considerável em meio a população piranhense, e, por isso, a dimensão do que foi construído pela empresa continua em destaque. É dessa forma que imediatamente a Chesf se destaca na cidade, e, por exemplo, se assegura de forma categórica, vinculando separações com a população *estrangeira* ali residente. A partir disso, é constituído em Piranhas diferentes tratamentos – de transportes diferenciados para os bairros e vilas até existir a proibição de que quem não fosse da vila Sergipe não podia frequentar o clube que na vila existia<sup>95</sup> -. Para essa população, com a Chesf estabelecendo esses *estrangeiros* em determinadas castas sociais, principalmente dentro do bairro Xingó, o que afeta as relações entre as pessoas das duas vilas. A pesquisa que fiz nos relatórios obtidos no escritório da Chesf, com sede em Piranhas, mostra como foram realizadas as construções dos bairros e da usina, ou seja, mostram, na pesquisa, todo o aparato realizado para encontrar o lugar onde seria possível haver a construção da usina, a demarcação de onde seriam construídos os bairros da Chesf, entre outras coisas.

A ELETROBRÁS, no relatório “Estudos energéticos do Nordeste”, de 1972, apresentou os estudos do inventário do Baixo São Francisco englobando o aproveitamento hidrelétrico de Xingó, procedendo a CHESF, a partir daí, a continuação dos estudos desse trecho e dando início, em 1981, aos estudos de viabilidade do aproveitamento de Xingó. [...] O aproveitamento hidrelétrico é constituído de uma barragem de enrocamento com face de concreto a montante com 140 m de altura, muros laterais, condutos forçados, casa de força do tipo semi-abrigada e subestação de 500 KV, situados na margem direita. O empreendimento será implantado em duas etapas, determinadas a partir dos estudos energéticos realizados pela CHESF [...] <sup>96</sup>

A partir da análise do relatório de origem da citação acima, vê-se que a Chesf calculou as possíveis mudanças que ocorreriam em Piranhas por razão da construção da usina. Além de

<sup>94</sup> FREITAS, Inácio Loiola Damasceno. Ex-prefeito da cidade de Piranhas, sendo que atuou no cargo na década de 1980. Entrevista concedida à autora em 10 de setembro de 2016.

<sup>95</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>96</sup> CHESF, relatório- **Usina hidrelétrica de Xingó**: Impactos regionais. Maio de 1986, p. 2 e 5.

tomarmos conhecimento de quais impactos gerados foram levados em consideração pela Companhia, é possível localizar e entender como a empresa absorveu as mudanças que provocou na cidade, quais os impactos gerados que foram levados em consideração. Podemos ver um pouco disso na apresentação de um desses relatórios, onde se evidencia o que se esperava alcançar com a instalação da Companhia na cidade:

Resultará para a região uma nova realidade, com oportunidades de desenvolvimento socioeconômico tanto mais amplas e potenciais, quanto mais integradas forem as ações dos governos da região e da Chesf.

Tais oportunidades são decorrentes dos elevados investimentos na implantação da Usina e de uma Infraestrutura Física e Social, e da geração de empregos diretos e indiretos; as mesmas se fortalecerão no mercado potencial gerado pela nova população a ser implantada e se multiplicarão no momento em que os programas, a nível de governo e iniciativa privada, venham a se incorporar ao processo.

A implantação do sistema habitacional, composto pelo Acampamento e Vilas Satélites, assim, como a população de 40.000 habitantes a ser alocada, resultarão em significativos impactos sobre os sertões dos Estados de Alagoas e Sergipe.<sup>97</sup>

Em partes sociais, os relatórios se destinam a falar da estrutura física dos conjuntos habitacionais construídos, como podemos ver abaixo, se dirigindo ao acampamento:

O Acampamento se compõe de dois setores habitacionais denominados de Vila Permanente e de Vila Temporária, os quais se constituirão numa área integrada, dotada de um centro de serviços, comércio de uso comum e de equipamentos comunitários, além de toda a infraestrutura interna necessária. [...] Compõe-se o espaço urbano do Acampamento de áreas de uso residencial, social e de serviços, repartido em quadras e lotes, dimensionado e desenhado segundo regras urbanísticas contemporâneas, buscando assegurar ao pedestre a máxima independência e conforto no seu percurso em relação ao trânsito de veículos, sem prejuízo do acesso destes às unidades habitacionais.<sup>98</sup>

Os dois relatórios mais trabalhados nesta pesquisa, sendo eles “Usina Hidrelétrica de Xingó – impactos regionais” (1986)<sup>99</sup>, e, “Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL, vila Alagoas” (1997)<sup>100</sup>, são pesquisas realizadas e/ou encomendadas pela própria Chesf em Piranhas, para obter informações a respeito das condições de vida da população *estrangeira*.

---

<sup>97</sup>Ibid.

<sup>98</sup> Ibid, p. 14 e 17.

<sup>99</sup> Relatório produzido pela FIPLAN (Fundação Instituto de Planejamento do Estado de Alagoas) e pela Chesf, com o intuito de entender os impactos regionais que poderão acontecer com a construção da usina, lembrando que esse relatório foi produzido em 1986, portanto, ainda no início da construção dos bairros.

<sup>100</sup> Relatório que teve um coordenador estadual, do programa PROGER (Programa de Geração de Emprego e Recuperação de Renda em Áreas de Pobreza do Estado de Alagoas) e outros pesquisadores que também estavam envolvidos.

Em relação ao relatório produzido em 1986, a Chesf procura mapear os impactos regionais que ocorreriam na cidade por conta da implantação da hidroelétrica e das mudanças estruturais também feitas em virtude da instalação da Companhia em Piranhas. O relatório, distribuído em tópicos, trabalha as questões acima citadas de forma muito direta, explicando desde o projeto da usina até as divisões das vilas, o que seria vila permanente e o que seria vila temporária. Para exemplificar, está dimensionado no relatório a composição das vilas, por exemplo, comércio, saúde, lazer, comunicação, transporte, detalhando suas construções. É neste relatório que podemos encontrar a visão que a Chesf tinha dos avanços e das mudanças que poderiam acontecer em Piranhas devido a mudança estrutural causada pela construção da usina.

Dentre as colocações feitas no documento, expõem-se alguns programas que estão para emergir em Piranhas, e também se dispõe o que eles chamam de “vetores potenciais de desenvolvimento”<sup>101</sup>. O relatório delinea esses vetores como o de geração de emprego, geração de demanda, geração de renda, entre outros, que podem se desenvolver e/ou aumentar a produção em Piranhas em detrimento da instalação da Companhia na cidade. Entre esses vetores, o que mais chama atenção para a pesquisa é o vetor cultural. Em poucas linhas, se faz presente o pensamento de formação e desenvolvimento cultural esperado pela Chesf.

A implantação de obras e o processo quase que instantâneo de alocação de numeroso contingente populacional, em um universo de costumes simples e tradições culturais próprias de pequenos aglomerados agro-urbanos, significarão vetores de transformações de cultura a partir do incremento de novos valores:

- Novos costumes e valores sociais da população migrante;
- Novos elementos de comunicação e a rapidez do seu processamento;
- Organização político-administrativa requerida e sua estrutura necessária;
- Inclusão de novas tecnologias;
- Percepção de conflitos de classe que emergirão nas novas relações de trabalho;
- Apropriação e uso, pela nova população, dos valores culturais e históricos existentes na região, a exemplo da cidade de Piranhas, no Estado de Alagoas.<sup>102</sup>

Na citação acima, entende-se que a Chesf já esperava mudanças culturais em Piranhas, por conta dos costumes trazidos pela população *estrangeira*. Esses vetores culturais transformados a partir do que está listado na citação, nos proporciona problematizar sobre tais mudanças e o porquê da Chesf tratar como algo comum todos os pontos colocados nesse relatório, principalmente dois deles, que são; a percepção de conflitos de classe nas relações de trabalho e a apropriação e uso, pela população *estrangeira*, de valores culturais e históricos já existentes em Piranhas.

<sup>101</sup> CHESF, relatório - **Usina hidrelétrica de Xingó**: Impactos regionais. Maio de 1986, p. 40.

<sup>102</sup> Ibid, p. 41.

O conflito estabelecido entre dois mundos, Piranhas Sede do governo e do bairro Xingó nos reporta as coisas da realidade vivenciada pelos seus (velhos e novos) moradores, verdadeiros atores dessa dinâmica que o espaço físico territorial sedimentou.<sup>103</sup>

Compreender esses ideais sociais da Companhia implica em entender as discriminações feitas pela mesma e qual o propósito delas. A Chesf procurou estabelecer classes sociais entre a população *estrangeira* de imediato. Ao ser provocado sobre a natureza das investidas da Chesf, o depoente Freitas diz o seguinte: “Olha, a Chesf tinha uma visão extremamente reacionária, discriminatória, [...] a Chesf construiu o seu acampamento e discriminava quem era engenheiro, quem era advogado, quem era do segundo escalão, uma coisa foi extremamente, é, inconstitucionalmente até [...]”<sup>104</sup>. A Chesf consolida assim, um modelo de sociedade discriminatório. Essa atitude estabelecida em Piranhas criou um clima tenso em que poderia surgir brigas, provocações etc., entre a população residente do acampamento, como o entrevistado Luciano diz, em um cenário como o que a Companhia construiu é inevitável não haver segregações e confusões desde brigas de jovens, em geral, das duas vilas principais até questões como padrões de consumo impostos para cada vila para manter um classismo aparente<sup>105</sup> enquanto a Companhia crescia ainda mais dentro da cidade, inclusive com a ajuda dessas pessoas, pois eram trabalhadores da Companhia.

O relatório “Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL Vila Alagoas procura, após o fim da construção dos bairros e enquanto se encaminha para o fim da construção da usina, através de uma pesquisa de busca, ocorrida em 1997, com uma análise quantitativa, identificar os moradores da vila Alagoas. Para isso, junto com o PROGER/AL (Programa de Geração de Emprego e Recuperação de Renda em Áreas de Pobreza do Estado de Alagoas), acrescenta-se à pesquisa as ações do Programa Xingó.<sup>106</sup> Por ser um relatório quantitativo, os organizadores da pesquisa aplicaram um questionário ao “representante oficial das casas”, onde, nesses questionários, perguntava-se renda total dentro da casa, escolaridade, vínculo empregatício, entre outras coisas, para se ter noção de quantas pessoas estavam habitando a vila Alagoas, e quais as pretensões dessas mesmas pessoas de continuar em Piranhas ao fim da construção da usina. Segundo esse relatório, seria possível se ter um melhor aproveitamento dos seus imóveis ao saber todas essas questões abordadas no questionário aplicado. Ressalta-se que essa pesquisa quantitativa foi

---

<sup>103</sup> Ibid, p. 68.

<sup>104</sup> FREITAS, Inácio Loiola Damasceno. Entrevista concedida à autora em 16 de setembro de 2016.

<sup>105</sup> JÚNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

<sup>106</sup> Programa composto em parceria pela Chesf, SUDENE e pelo CNPq, com o intuito de promover o desenvolvimento do semiárido nordestino.

aplicada apenas na vila Alagoas, por ser também conhecida como a vila temporária de Piranhas, mas essa informação já nos apresenta um cenário importante sobre a concepção de sociedade imaginada pela Chesf.

A Chesf, ao construir o seu acampamento (os bairros construídos pela Companhia eram conhecidos também dessa forma), dividiu a população *estrangeira* de Piranhas no período de construção da usina de acordo com a sua visão de classe social. No livro *Modernidade e pobreza*, de Manuel Correia de Andrade, ao analisar a questão da força de trabalho, expõe como eram distribuídos os trabalhadores nas usinas ou destilarias do início do século XX.

Uma usina ou destilaria é um empreendimento econômico que necessita operar com alta eficiência para poder concorrer no mercado. Para tanto, ela necessita manter a seu serviço um corpo técnico de nível superior, altamente qualificado. De seus quadros funcionais participam engenheiros – agrônomos, químicos, mecânicos, eletricitistas etc. -, advogados, economistas, contabilistas, administradores de empresa etc. Ligado a eles, e auxiliando-os, vem um quadro de nível médio formado por técnicos agrícolas, técnicos industriais, tratoristas, motoristas de caminhão etc [...] Deixa-se para o Estado certos custos que o capital privado desenvolvia, na primeira metade do século, antes da modernização industrial. A vida do operário de qualquer fábrica, no âmbito de trabalho[...].<sup>107</sup>

Existindo, nessas indústrias, a mesma separação feita no final do século XX em Piranhas, portanto, poucas mudanças ocorreram nesse sentido, e mais, em Piranhas, as divisões ultrapassam os muros da usina; as posições ocupadas pelos trabalhadores profissionalmente são utilizadas para dividi-los no espaço social piranhense.

A prática de se construir vilas operárias para abrigar os trabalhadores de usinas e fábricas era comum e foi uma prática estabelecida pela Revolução Industrial. A Chesf, então, pareceu adotar a mesma prática em suas ações, seja em Piranhas seja em outras cidades as quais ela se instalou. A lógica industrial perpassa as ações da Chesf já que “o mesmo ocorre com a categoria formada por operários industriais, que vivem, em geral, nas cidades próximas as usinas e destilarias, ou em vilas operárias construídas na implantação da indústria para abrigar os seus empregados”<sup>108</sup>.

A estrutura das moradias é o primeiro indício de como a Chesf tratou de forma discriminatória essa população, pois existiam diferenças nessas moradias, principalmente em relação a conforto, que se destacavam por suas diferenças, fosse no próprio tamanho das casas, ou mesmo a comodidade de se ter comércio perto. Essa é uma forma de construir uma divisão

<sup>107</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. **Modernidade e pobreza** – A expansão da agroindústria canavieira e eu impacto ecológico e social. São Paulo, 1994, p.199-200.

<sup>108</sup> Ibid, p. 200.

entre essa população, mas não é a única. A Companhia continuou a acentuar diferenças com os meios de transporte oferecidos para os trabalhadores, com a qualidade do lazer oferecido, sempre mais imponente para os moradores da Vila Sergipe<sup>109</sup>. Sobre isso, funcionários da Chesf discordam, para eles “[...] A inexistência de quaisquer barreiras impedindo ou dificultando o livre trânsito, foram decisivas para o bom relacionamento dos *estrangeiros* (o pessoal que chegou em função da obra) e os ‘nativos’.”<sup>110</sup> Esses casos transformam a convivência dessa população, que passam a brigar entre si, e muitas vezes passam a se isolar, enquanto os moradores da vila Sergipe viviam “protegidos em uma bolha”. As diferenças sociais ficaram muito mais acentuadas durante a década de 1990, mas, a Chesf não era responsabilizada por isso, obtendo nesse período um poderio maior na cidade, enquanto sua população vivenciava discriminações, mas, ao mesmo tempo, cegava-se sobre quem eram os responsáveis.

É, convivência tinha sua separação, já foi criado três tipos de residência justamente para alojar as pessoas de acordo com a classe né, [...] não a classe social assim, mas a classe empregatice (sic), por exemplo, se fosse doutor, um engenheiro e fosse daquela classe ali, tinha suas casas na vila Sergipe, morava na vila Sergipe, tinha o clube separado também [...] e o pessoal que trabalhava já ne (sic) outra área, por exemplo, a de encarregado, assistente administrativo, já morava na vila Alagoas, e, ainda tinha outras casas mais pequenas (sic) também na vila Alagoas[...].<sup>111</sup>

Essa divisão de classes que comumente aparece - mesmo que inconscientemente -, nas falas dos moradores de Piranhas que vivenciaram o período não ocorre da mesma forma no discurso da Chesf, ou de seus funcionários. Segundo um deles, que concedeu entrevista, a convivência entre esses *estrangeiros* era “normal, pois a maioria já havia trabalhado nos outros empreendimentos construídos pela Chesf/governo federal, os chamados ‘barrageiros’, onde sempre houve essa segmentação.”<sup>112</sup> Porém, através dos documentos da Companhia que tivemos acesso, e também, pelos relatos dos moradores entrevistados, percebe-se que a Chesf trabalhou de forma que separasse as pessoas do acampamento construído, e isso se refletia muito dentro do bairro Xingó, entre as vilas Alagoas e Sergipe.

[...] no tempo, vila Sergipe, a vila Alagoas era mais pra peão né, pra aquele peão, inclusive, não só o peão da Chesf, o peão da, do consórcio e tudo, que ele construiu já pra isso mesmo, ele separou vila Sergipe e vila Alagoas. Vila Sergipe era só pra os doutores, pra o engenheiro, esse pessoal assim, encarregado, chefe, inclusive, eu, eu não era da Chesf, eu como técnico, entendeu, eu tinha um alojamento aqui no Cascavel, negócio que um funcionário da Chesf não conseguia, pra você vê como era

<sup>109</sup> Ver o relatório Pesquisa sócio-econômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL de 1996 para entender as diferenças nas moradias. Ver também a entrevista do senhor Luciano Cristovam dos Santos Júnior.

<sup>110</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

<sup>111</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>112</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

a, o negócio. Não, quem tem direito a alojamento? Só técnico, encarregado, engenheiro, aqueles que não são casados.<sup>113</sup>

Com relação ao sistema habitacional, a Chesf possuía uma quantidade a ser seguida para realizar o que viriam a ser as casas do bairro Xingó (vilas Sergipe e Alagoas), sendo que as “... residências existentes no Acampamento poderão atingir 3.384 casas e 82 blocos com 3.741 vagas de alojamento para solteiros.”<sup>114</sup> Esse projeto se tornou moradia que se dividiam em 4 tipos de casas, ‘batizadas’ da letra A até D, e esses tipos de casas possuem tamanhos, diagramações diferenciadas, como podemos ver abaixo:

Casa tipo A, com 149 m<sup>2</sup> de área construída, contendo 3 quartos mais um opcional, sendo um suíte, área social, dependências e serviços completos;  
 Casa tipo B, com 133 m<sup>2</sup> de área construída, contendo 3 quartos, sendo um suíte, área social, dependências e serviços completos;  
 Casa tipo C, germinada, com 70 m<sup>2</sup> de área construída, constando de 3 quartos, sala, cozinha e terraço;  
 Casa tipo D, germinada, com 61 m<sup>2</sup> de área construída, constando de 3 quartos, sala, cozinha e terraço.<sup>115</sup>

Podemos, também, ver, nas palavras de pessoas que viveram esse momento, como era a percepção de tal diferença nas moradias.

[...] mas assim, eu ouvia dizer assim, o pessoal só comentar, que, ali é vila de playboy, é de madame, é só de quem tem dinheiro, é, e, se você pra isso mesmo, pra dividir mesmo, é, peão, com, é, chefe, com engenheiro, entendeu, advogado, coisa assim. É, uma divisão de classe, pra não misturar.<sup>116</sup>

A população designada para morar na vila Alagoas, possuía, então, através do que foi usado pela Chesf para separar, como vimos acima, uma vivência diferenciada, por questão de posição social. Nessa perspectiva, a Chesf, ao terminar as construções habitacionais e todos serem acomodados, resolveu montar um relatório, através de uma “pesquisa socioeconômica e ocupacional”, nome que dá título ao relatório.

Segundo o relatório supracitado, a Chesf resolveu fazer tal pesquisa, pois as informações nele apresentadas visavam subsidiar a Companhia para uma política de aproveitamento de seus imóveis em Xingó, notadamente na área pesquisada<sup>117</sup>. Após o estabelecimento da Companhia na cidade, em fins da obra da usina hidroelétrica, e, no documento, se coloca que é importante

<sup>113</sup> MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

<sup>114</sup> CHESF, op.cit, p. 18.

<sup>115</sup> Ibid, p. 18-19.

<sup>116</sup> LIMA, Paulo Pereira. Entrevista concedida à autora em 06 de abril de 2019.

<sup>117</sup> CHESF, relatório - Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL, vila Alagoas, p. 10. 1997.

para a Chesf saber do aproveitamento dos imóveis, pois, como a desocupação de algumas áreas iria acontecer um pouco mais a frente, era de interesse da Companhia saber quais moradores estavam satisfeitos e em que estavam satisfeitos dentro de Piranhas, além da necessidade de saber quem eram as pessoas que desejavam continuar na cidade após o término das construções. Sobre essa informação temos o seguinte relato:

O desejo Chesf (sic) de construir o núcleo de apoio (acampamento) no altiplano de Piranhas contou com o total apoio do então prefeito Celso Rodrigues. O pai do prefeito, sr. Francisco Rodrigues, dono da fazenda existente no altiplano instruiu o filho para proporcionar todo apoio ao desejo da Chesf. As denominações provisórias, de vila permanente e temporária, correspondiam ao que projetava-se como edificações que seriam usadas no futuro pelas equipes de operação (vila permanente) e vila temporária, que terminada a obra seria liberada para outras ocupações.<sup>118</sup>

A partir dessa fala e das informações do relatório vemos que a Companhia pretendia, se necessário, desocupar uma parte do acampamento construído, em fins da obra da hidroelétrica está concluída para outros projetos que fossem necessitar daquelas moradias. Mas, lança-se a pergunta, porque fazer tal pesquisa apenas na vila Alagoas? O que significa essa “política de aproveitamento” que é mencionada no documento? Talvez isso se responda, mesmo que em partes, através dessa necessidade de se deixar moradias para outros projetos, como falado acima, e, talvez por isso, a vila Alagoas, estruturada da forma que era, e ocupada com os trabalhadores “nômades”<sup>119</sup> e que poderiam sair para outras localidades assim como fizeram chegando a Piranhas.

Com base nos questionamentos aqui colocados, e sabendo que a Chesf proporcionou divergências entre a população *estrangeira* dentro do acampamento construído para abrigá-los, pode-se levar em consideração a pesquisa ter ocorrido apenas na vila Alagoas por conta da necessidade de emprego que poderia ocorrer em maior contingente para essa parcela da população quando fossem encerrados os trabalhos da Chesf na cidade, como também para mapear as condições, fossem elas sociais ou econômicas, das pessoas que continuariam morando em suas propriedades.

As casas na vila Alagoas se “dividem” em: Casas tipo C e D; casas “Mutirão” que foram (massivamente casas dadas em forma de indenização às famílias que residiam em locais que se tornaram reservatórios da Chesf) e alojamentos tipos B e D<sup>120</sup>. Os questionários aplicados foram semelhantes para todas as residências da vila Alagoas, e os mesmos buscaram saber sobre, entre outras coisas, a renda familiar, profissão, escolaridade de todos os moradores da casa, etc.

---

<sup>118</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

<sup>119</sup> Trabalhadores mais precarizados que eram colocados na vila Alagoas pela Companhia.

<sup>120</sup> Ibid. Essas nomenclaturas são usadas no relatório.

Esse mapeamento da Chesf mostra que mesmo dentro da vila Alagoas existem diferenças econômicas e sociais. A tabela a seguir demonstra essas diferenças.

TABELA DE MAPEAMENTO SOCIOECONÔMICO DA VILA ALAGOAS - 1997			
Renda Mensal (Com base no salário mínimo de 1997 – R\$ 120,00)		Casas tipo “C”	Casas tipo “D”
	1 a 1,5 salários	62 famílias	73 famílias
	2 a 2,5 salários	49 famílias	77 famílias
	3 a 3,5 salários	43 famílias	36 famílias
Escolaridade	Analfabetos	20 pessoas	19 pessoas
	Alfabetização	16 pessoas	19 pessoas
	Pré-escolar	36 pessoas	41 pessoas
	1º grau	320 pessoas	234 pessoas
	2º e 3º grau	57 pessoas	34 pessoas

\* Dados da tabela encontram-se entre as páginas 19 e 25 do relatório - Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL \*Vila Alagoas\*.

Ao ver essas diferenças dentro da própria vila Alagoas, percebe-se as nuances econômicas e sociais que essa população carrega, e como a divisão feita pela Companhia foi direcionada para o caminho das castas sociais.

Um outro ponto trabalhado nesse relatório é a percepção populacional no que diz respeito às necessidades da cidade (educação, saúde, etc), e estas também se mostram diferentes para os moradores das casas tipo C e D. Dentre as alternativas para os moradores tinha-se por exemplo, saúde, transporte, limpeza urbana, segurança, entre outros, sendo que três sobressaíram-se<sup>121</sup>, vejamos:

<sup>121</sup> CHESF, relatório - Pesquisa sócio-econômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL, vila Alagoas, p. 21 e 22. 1997.

TABELA DE PERCEPÇÃO POPULACIONAL	
	<b>Casas tipo “C”</b>
Desemprego	228 pontos
Saúde	208 pontos
Segurança	122 pontos

\* Dados da tabela encontram-se entre as páginas 19 e 25 do relatório - Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL \*Vila Alagoas\*.

TABELA DE PERCEPÇÃO POPULACIONAL	
	<b>Casas tipo “D”</b>
Desemprego	244 pontos
Saúde	227 pontos
Limpeza urbana	129 pontos

\* Dados da tabela encontram-se entre as páginas 19 e 25 do relatório - Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL \*Vila Alagoas\*.

A partir desses exemplos, vemos que esse mapeamento poderia vir a ser de grande ajuda para a Chesf identificar todos os moradores da Vila Alagoas, em caso, principalmente, da necessidade, de uma “desocupação induzida” já que a construção da usina estava próxima de encerrar, e começaria um contingente de desocupação. Levando em consideração que por essa pesquisa, a Chesf teve conhecimento de que “80% dos entrevistados desejam permanecer em Xingó”<sup>122</sup>, as informações do relatório seriam úteis caso fossem fazer a desocupação induzida, como colocado nas considerações finais desse documento<sup>123</sup>. Sobre essa questão, nos chama atenção uma fala do senhor Luciano Cristovam, onde ele traz informações sobre desocupações de casas no acampamento Chesf, como podemos ver abaixo:

A Chesf ainda tomou uma atitude errônea e infeliz que causou vários transtornos à população, que foi a solicitação de devolução dos imóveis, dos profissionais que haviam se aposentado, escreveu uma carta informando que as pessoas que estavam nesta condição teriam um período para desocupar seus imóveis, devolvendo à CHESF, sob a justificativa que estes imóveis seriam utilizados para as Universidades e Centros de Pesquisas que se instalariam no bairro para construção de um plano e atividades voltadas ao desenvolvimento da região dos Lagos do São Francisco, era iniciado o Programa Xingó.<sup>124</sup>

<sup>122</sup> Ibid, p. 25

<sup>123</sup> Ibid.

<sup>124</sup> JÚNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

Podemos problematizar em cima dessa indução colocada de forma possivelmente intencional no relatório. Baseando-se nas diretrizes tomadas pela Chesf com a população recém instalada em Piranhas, é entendido que a Companhia buscou listar potenciais “problemas” para o andamento dos bairros, quando do fim das obras, por isso uma possível “desocupação induzida” é considerada. Nesse relatório, faz-se necessário entender que a linha de pesquisa seguida pela Companhia é saber se as pessoas que ali residiam tinham interesse em permanecer na cidade após o término das construções e se essas mesmas pessoas tinham condições de permanecer em Piranhas. A pesquisa se debruçou em saber quem eram essas pessoas que moravam na vila Alagoas, no sentido de contabilizar, de saber questões socioeconômicas dessas pessoas para registro. Entretanto, em nenhuma parte do relatório é citada a produção de melhorias nos pontos levantados pelos moradores, mas, sim, apenas se enfatiza a necessidade de tais criações, tornando-se um relatório demonstrativo. Como a vila Alagoas era a vila temporária da cidade, entende-se que, após a construção da usina, essas casas seriam liberadas para outras ocupações. Entendemos que a Companhia fez esse mapeamento populacional da vila para se ter documentado tais moradores, caso necessário fosse depois.

Porém, a Chesf, de certa forma, ultrapassa a questão estrutural quando, a partir das casas construídas, ela impõe questões de convivência para a população, culminando em conflitos sociais. A construção do bairro Xingó, em relação a estrutura do bairro Nossa Senhora da Saúde, foi projetado como um todo, porém, dentro do próprio bairro existia uma subdivisão estrutural entre as vilas Sergipe e Alagoas, algo usado pela Chesf para projetar a separação entre a população ali residente. Uma forma de “tentar” justificar esse interesse parcial a vida, sobrevivência e permanência da população *estrangeira* em Piranhas é o convênio feito entre as entidades Estado de Alagoas, Prefeitura de Piranhas e Chesf, em 1988, onde dividiram as obrigações em cuidado com a cidade e sua população. À Chesf coube:

[...] a construção e implantação dos setores habitacionais das vilas Alagoas e Sergipe, denominados de bairro Xingó, constituindo uma área integrada dotada de serviços que contemplava as mais diversas edificações voltadas para o atendimento a população usuária. [...] Realizou grande investimento na arborização urbana para o acampamento [...] Dotou os espaços públicos dos equipamentos comunitários, além de toda uma infraestrutura necessária para a melhoria de qualidade de vida da população usuária.<sup>125</sup>

Segundo funcionários da Chesf que estão na Companhia desde o período inicial da mesma em Piranhas, esses convênios:

---

<sup>125</sup> SILVA, Álvaro Antônio Moreira de, op.cit, p. 50-51 pdf.

A Chesf definiu que os núcleos eram bairros de Piranhas e os serviços públicos eram operados pelos órgãos de competência específica e isso deu muito certo, ou seja: água, canal; saúde, secretaria estadual de saúde, e assim por diante [...] Foram celebrados convênios específicos com o governo do Estado e prefeitura de Piranhas.<sup>126</sup>

Entendendo que houve uma separação da população dentro do território piranhense alimentada pela Chesf. Com base nisso, podemos dizer que esse olhar apenas positivo das pessoas sobre as ações da Chesf se dá pelo crescimento econômico que a mesma proporcionou à cidade quando de sua instalação. As construções, que trouxeram a geração de emprego, a ampliação do comércio, enfim, tudo que uma cidade pequena precisa, em vias econômicas, e que há muito haviam perdido, desde a desativação da ferrovia, em 1964. Com isso, vemos que a relação econômica é muito mais importante em sentido macro para a população piranhense, já que, a economia é a sustentação da cidade.

É, pra mim foi bom demais, porque eu trabalhei, nem esperava ficar até o final; foi saindo o pessoal, o engenheiro, e pro final, só ficou nos setores lá da gente, de mecânica, só ficou eu como encarregado, um técnico e um... é, só ficou eu e um técnico pra; eu fiquei, me entregaram quatro funcionários, quatro mecânico (sic) comigo, e a gente carregou tudo quanto foi de equipamento lá, que trabalhava na obra, a gente ficou pra fazer isso, enquanto tinha equipamento nós tava aqui (sic), até mandar o último, uns ia pra São Paulo, outros ia pra Belo Horizonte, é, é (sic), porque aqui tinha Constram (?), CBPO, aí teve essa; aí foi bom, foi bom porque eu fiquei até os dias de, quando terminou já tava, já deu certo pra aposentadoria já. [...] sobre o crescimento depois da obra foi muito bom. [...] O crescimento da cidade. Porque antes só quem vinha aqui era quem tinha negócio e quem morava aqui, e hoje em dia tem tudo, principalmente o turismo né, porque se não fosse a hidrelétrica não existia turismo aqui (sons externos).<sup>127</sup>

Eu classifico como boa, muito boa mesmo, porque Piranhas antes era aqueles negocinho (sic), pequeno né, e a Chesf trouxe o desenvolvimento pra Piranhas muito grande, e até hoje, é visto aí, não só aqui, como em todo país como Piranhas que cresceu aí, vamos dizer, a 1000% ou mais, porque Piranhas na época não tinha desenvolvimento porque não tinha dinheiro, o pessoal trabalhava na agricultura quando chovia, se não, não tinha nada, e o Estado com algum funcionário, na época pequeno, e a prefeitura da época também pequenininha, não recebia verbas que dava pra crescer a cidade, então, se não tivesse vindo a Chesf pra cá, hoje, só tinha Piranhas lá, do mesmo jeito que tá (sic), só o Centro Histórico ali.<sup>128</sup>

Pelos relatos acima, podemos ver que a construção política da Chesf na cidade fez ela se firmar com a “empresa salvadora” de Piranhas. Após a construção da usina, a Companhia segue sendo lembrada em meio à sociedade piranhense de uma forma geral, apenas de forma positiva, com toda a questão social ficando de lado, em segundo plano, mesmo com a população externando os problemas que existiram no período, quando perguntado, o que demonstra a

<sup>126</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

<sup>127</sup> MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

<sup>128</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

hegemonia que a Companhia conseguiu em menos de dez anos instalada na cidade. O poderio da Chesf se destaca por esses pontos, pois, mesmo que as pessoas, ou pelo menos grande parte delas, saiba das questões discriminatórias que a Companhia aplicou, encontram uma forma de justificar, por exemplo, afirmando que foi algo necessário para o desenvolvimento da cidade, ou entendem que o bem trazido pela Companhia supera essas questões sociais<sup>129</sup>, como coloca um entrevistado “O desenvolvimento e crescimento de Piranhas e Canindé demonstram que os procedimentos e políticas adotadas foram corretos.”<sup>130</sup> Portanto, é visto por parcela da população que o importante foi o desenvolvimento econômico que a cidade teve, o social ficando em segundo plano.

## **2.2. IMPASSES ECONÔMICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA USINA DE XINGÓ**

Com a instalação da Chesf em Piranhas, rapidamente, como vimos, começam as ampliações geográficas da cidade, além do aumento da população e a mudança física causada pela instalação da usina. Em relação a essa construção, vale ressaltar como se deu as questões para a sua realização. Levando em conta o que já foi dito sobre a usina em questões sociais, como as resistências da população piranhense discutidas anteriormente, cabe a nós agora falarmos da questão financeira que permitiu a realização da construção da usina de Xingó. Para isso, usaremos, em sua maioria, os jornais no período das décadas de 1970/1980.

Destaca-se, primeiramente, ainda durante a década de 1970, uma positividade sobre todos os pontos que estavam sendo percorridos para que se firmasse a usina em Piranhas, mostrando como os especialistas estudaram a vazão do rio São Francisco, qual o percentual energético da região para que se pudesse enfim construir a usina. Sobre a vazão do São Francisco, em 1971, a preocupação quanto a isso era noticiada, vejamos:

Vários técnicos realizaram pesquisas ao longo do rio comprovando que ele vem realmente apresentando um baixo nível de vazão, superior este ano aos ocorridos nos anteriores. Estes técnicos chegaram a conclusão, todavia, que o São Francisco passa por um período transitório, normal numa época de seca que atravessa a região, mas as perspectivas são de que a situação melhorará no segundo semestre do ano.<sup>131</sup>

A preocupação era grande, pois, com a baixa vazão do rio, os planos de construção da Chesf na região iriam sofrer modificações, além de afetar a população de várias cidades, já que

---

<sup>129</sup> LIMA, Paulo Pereira. Entrevista concedida à autora em 06 de abril de 2019; BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>130</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

<sup>131</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional, Diário de Pernambuco. Recife. Ed.00132, 1º caderno, p.02, 1971.

o São Francisco é um dos principais rios do país. Apesar dessa baixa vazão, os estudos levavam a crer que até 1973 o poder energético do Nordeste cresceria e assim, as obras de Itaparica e Xingó, por exemplo, poderiam ir adiante.

O Nordeste necessitará, a partir de 1973, de um aumento de 200 mil kws ano em sua capacidade produtora de energia elétrica, cifra que, em 1980, subirá para 800 mil kws ano [...] Em face dessa necessidade, a Eletrobrás – que centraliza a produção energética no País – idealizou um programa de expansão da capacidade geradora do São Francisco que será de .... 3.276 mil kws, em 1985, isto é, cinco vezes maior que sua capacidade atual.<sup>132</sup>

Durante a década de 1970, foram feitas pesquisas sobre o potencial de geração de energia do rio. Durante o tempo de realização dessas pesquisas, foram construídas as usinas de Moxotó (1971)<sup>133</sup> e Itaparica (1979)<sup>134</sup>. Em relação à construção da usina de Xingó, e, principalmente, ao financiamento da mesma, já que a questão da vazão do rio havia sido debatida e comprovado que suportaria as usinas, começa a surgir, pelo menos na mídia, a partir do final da década de 1970, o debate da distribuição de energia, passando para os anos seguintes. Quando, em 1980, são empossados novos dirigentes para a Chesf, Luiz Carlos Menezes, então presidente da Companhia, demonstra saber o quanto as usinas de Itaparica e Piranhas serão importantes para que a distribuição de energia elétrica se amplie, “no entanto, dado o pujante crescimento do Nordeste, já em 1984, precisamos de novas fontes; teremos de receber energia de Tucuruí e colocar Itaparica em operação; e já em 1987 Xingó deverá fornecer mais energia ao sistema”<sup>135</sup>. Em relação a verba para todo esse “planejamento energético”, o presidente da Chesf diz:

Todo esse esforço tem de ser feito em uma época em que o país necessita lutar contra inflação e o aumento do endividamento externo. Em consequência, o nível de investimento até agora permitido a Chesf é menor em moeda constante do que o do ano passado, apesar da consciência que nós, a Eletrobrás e o Ministério, temos de que este nível de investimento não é suficiente.<sup>136</sup>

Com o corte brusco do orçamento da Chesf em 1981, as preocupações eram várias para o presidente da Companhia, Luiz Carlos Menezes, mas, em particular, a preocupação com o

<sup>132</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional, Diário de Pernambuco. Recife. Ed. 00170, 1ºcardeno, p.07, 1971.

<sup>133</sup> Disponível em: <https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/ApolonioSales.aspx>. Acesso em 08 de março de 2020.

<sup>134</sup> Disponível em: <https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/LuizGonzaga.aspx>. Acesso em 08 de março de 2020.

<sup>135</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed.00079, p. A-7, 1980.

<sup>136</sup> Ibid.

andamento das obras de Itaparica e o início das obras da usina de Xingó era a maior. Quando falamos em corte brusco, é porque a estimativa da diminuição do orçamento foi de mais de 50%, como podemos ver abaixo:

O corte drástico de 55% no orçamento que a Chesf encaminhou este ano ao Governo Federal, irá levar a Companhia Hidro Elétrica a desacelerar as suas obras, chegando a uma quase paralisação total [...] a Chesf, informou o presidente, havia apresentado um orçamento a Eletrobrás de Cr\$ 53 bilhões, porém, quando saiu a decisão final, na última semana, coube a empresa Cr\$ 24 bilhões - **R\$ 0,008**<sup>137</sup>-, portanto, menos da metade do que fora solicitado.<sup>138</sup>

Em face disso, como já falado, as obras, que estavam em andamento e também as que estavam prontas para ser iniciadas sofreram mudanças. Caso a questão financeira não fosse resolvida, seriam mudanças permanentes<sup>139</sup>, tanto na questão energética, ainda que existisse, de acordo com presidente da Companhia, uma reserva de máquinas hidráulicas na usina de Paulo Afonso IV que tinha sido recém inaugurada. Em outras palavras, apesar dessa reserva, a distribuição energética poderia sofrer sanções se o orçamento não fosse maior. Além disso, com a paralisação das obras, os empregos criados na região iriam voltar a desaparecer, vejamos a seguir:

Meneses disse que no Nordeste os reflexos serão maiores nas obras de longo prazo e que poderá afetar algumas regiões com a diminuição do ritmo das obras, prejudicado ainda em função da transmissão de energia [...] Com a desaceleração das obras, as firmas empreiteiras, prestadoras de serviços e projetistas, que trabalham para a Chesf, segundo Meneses, deverão reduzir quadros, significando desemprego na região.<sup>140</sup>

No mesmo periódico, temos a informação de que os cortes estavam afetando o estado de Pernambuco e que este corte no orçamento da Chesf foi, digamos, único, pois a discrepância do orçamento de empresas do Norte como a Eletronorte em comparação ao orçamento da Chesf era enorme.

Entendemos da maior importância os projetos da região Norte, porquanto ali se pretende instalar um polo e mineração, contudo, não podemos admitir um descompasso tão grande entre o orçamento da Eletronorte (da ordem de Cr\$ 80 milhões - **R\$ 0,00009**<sup>141</sup>) e o da Chesf (fixado em Cr\$ 24 milhões - **R\$ 0,00008**<sup>142</sup>).<sup>143</sup>

<sup>137</sup> Grifo nosso. Valor corrigido com taxas de câmbio de 2020 pelo site <http://www.igf.com.br/calculadoras/conversor/conversor.htm>. Acesso em 09 de março de 2020.

<sup>138</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00026, p.01, 1981.

<sup>139</sup> Nesse sentido, com o atraso e até mesmo a incerteza do prosseguimento das construções das usinas, o potencial energético do Nordeste não se ampliaria.

<sup>140</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00026, p.01, 1981.

<sup>141</sup> Grifo nosso. Valor corrigido com taxas de câmbio de 2020 pelo site <http://www.igf.com.br/calculadoras/conversor/conversor.htm>. Acesso em 09 de março de 2020.

<sup>142</sup> Idem.

<sup>143</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00026, p. A-17.

O impasse do orçamento se sustenta por espaço de tempo considerável. Os periódicos volta e meia divulgavam conversas com autoridades sobre o destino da região se as obras realmente parassem, a respeito de empréstimos de empresas para que fosse possível realizar as obras, e até mesmo, um possível financiamento da Rússia<sup>144</sup>, para que fosse mantido o processo de construção das usinas. O ano de 1981 foi difícil por conta desses cortes, mas o presidente da Chesf seguiu buscando meios para que a produção energética no Nordeste não fosse tão prejudicada, e já no ano seguinte conseguiu financiamento com os alemães.

[...] o presidente da Chesf, engenheiro Luiz Carlos Menezes viaja à Alemanha com o objetivo de assinar contratos de financiamento para a aquisição de equipamentos para a hidrelétrica de Xingó. Serão seis máquinas de geração com capacidade de 520 mil quilowatts, envolvendo recursos da ordem de 500 milhões de dólares.<sup>145</sup>

A título de curiosidade, a usina de Xingó não tem esse nome por acaso, segundo o entrevistado Lázaro Galvão, a usina tem esse nome pois antes mesmo de fixarem o local da construção entre Piranhas e Canindé, a usina seria construída na Bahia aos arredores do riacho Xingózinho. Então, mesmo fazendo a mudança da construção para Piranhas, o nome usina de Xingó continuou, como uma homenagem.<sup>146</sup>

Isso se comprova em um periódico, quando se noticia o financiamento dos alemães, vejamos abaixo:

[...] através da Chesf, deverá, nos próximos dias, definir os financiamentos com um consórcio de bancos alemães para o financiamento da usina Hidrelétrica de Xingó, a ser construída a partir de 1983, no Estado da Bahia, e cujos contratos deverão prever aplicação de tecnologia 80 % nacional e 20% importada.<sup>147</sup>

Voltando a questão do orçamento, com esse financiamento dos alemães citado anteriormente, foi dado um fôlego para quem estava preocupado com o rumo das construções da Chesf. Foi possível ser aprovado um outro orçamento para a Companhia, esse sim, com valores que permitiriam tanto a usina de Itaparica ser entregue no prazo, como a iniciar a construção da usina de Xingó. Sobre o valor desse orçamento, “... o orçamento da empresa para

---

<sup>144</sup> Território na época ainda conhecido como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

<sup>145</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00103, p. 01. 1982.

<sup>146</sup> GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

<sup>147</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00176, p. A-16. 1982.

1982, ficando estabelecido que, dependendo dos recursos a serem negociados pela Eletrobrás, o total será de Cr\$ 67 bilhões<sup>148</sup>, valor esse equivalente a **R\$ 0,024**<sup>149</sup> atualmente.

A usina de Xingó, então - com o novo orçamento aprovado garantindo o início das construções - se torna obra prioritária tanto para a Companhia, como também para as empresas que à estavam financiando. A usina de Xingó passa a ser a maior do complexo Chesf, representando uma solidificação do sistema energético, além de projetar o desenvolvimento de empregos, pois, estimava-se uma mão-de-obra de pelo menos 9 mil pessoas durante os anos de 1986/87.<sup>150</sup>

A oferta e a demanda de energia elétrica da região vêm apresentando crescimento com taxas anuais superiores à média do país, proporcionando o aumento da participação do consumo regional em relação ao consumo nacional [...] No momento, os técnicos da Companhia trabalham no projeto da Hidrelétrica de Xingó, que será a maior obra de geração da Chesf, com potência inicial de 4 milhões de quilowatts, podendo atingir uma potência final de 8 milhões de quilowatts.<sup>151</sup>

Por conta de todos esses pontos mostrados acima, a Chesf ganha grande destaque por suas medidas para levar energia elétrica para a região, fazendo-a crescer mais, e assim continua a se consolidar como uma empresa. A usina de Xingó tem papel importante nesse destaque da Companhia, pois, depois de todos os contratemplos orçamentários (chegando a obra a custar em torno de Cr\$ 500 bilhões) - valor que atualmente seria em torno de **R\$ 0,18**<sup>152</sup> - de localização, foi construída e com previsão de início de funcionamento para o começo da década de 1990, onde, inicialmente produziria 5 mil MW, a maior usina do complexo Chesf<sup>153</sup>.

### **2.3 OLHAR MUNICIPAL – RELAÇÃO DA CHESF COM A PREFEITURA DE PIRANHAS**

É importante que se tenha posto na pesquisa a participação da prefeitura, do governo municipal em geral durante o período, para que, se possível, entendamos como a Chesf cresceu tanto na cidade. Sabe-se que pelo convênio feito entre Estado, município e Chesf o governo

<sup>148</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00225, p. A-14. 1982.

<sup>149</sup> Grifo nosso. Valor corrigido com taxas de câmbio de 2020 pelo site <http://www.igf.com.br/calculadoras/conversor/conversor.htm>. Acesso em 10 de março de 2020.

<sup>150</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00238, p. A-18. 1982.

<sup>151</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00246, seção B - p. 01. 1982.

<sup>152</sup> Grifo nosso. Valor corrigido com taxas de câmbio de 2020 pelo site <http://www.igf.com.br/calculadoras/conversor/conversor.htm>. Acesso em 10 de março de 2020.

<sup>153</sup> Acervo da hemeroteca digital nacional. Diário de Pernambuco, ed. 00148, p. A-10. 1983.

municipal ficou responsável por “aparelhar-se administrativa e tecnicamente capacitando-se a oferecer os serviços necessários exigidos pela população, bem como o estabelecimento de critérios, para o assentamento da população atraída”.<sup>154</sup> Porém, a prefeitura se resumia a atender tais demandas e não participava mais da vida pública de Piranhas uma vez que o acampamento construído estava aos cuidados da Chesf, e também, por conta do crescimento do comércio no acampamento, Piranhas<sup>155</sup> perdeu muito também nesse sentido. Será que por conta desses e outros impasses a Prefeitura perdeu espaço público em relação a Chesf? Como se deu a autonomia da prefeitura no período e como a Chesf conseguiu tanto poder tão rapidamente? É o que buscaremos analisar a seguir.

Piranhas, desde que se desmembra de Pão-de-Açúcar passa por uma constante em crescimento. No início do século XX, enfatiza-se esse crescimento levando em consideração os estágios que Piranhas percorre e supera até se tornar um município.

Desde o estabelecimento da navegação a vapor e depois da construção da ferrovia, a cidade de Piranhas prosperou economicamente, isso permitiu a sua elevação a condição de vila através da lei nº 94 de 20/07/1885 e o seu desmembramento de Pão-de-Açúcar em 03/06/1887 pela lei provincial nº 996. Ainda no ano de 1910 tornou-se comarca, em 1911 aconteceu a divisão em dois distritos: Piranhas e Entremontes e 1930 torna-se cidade.<sup>156</sup>

Um dos principais motivos para o crescimento de Piranhas foi, como dito anteriormente, a construção da estrada de ferro, em fins do século XIX, quando, com essa ferrovia, Piranhas alavancou comercialmente no contingente de cidades nordestinas próximas. Nesse período, a prefeitura participava da vida pública, por exemplo, ajudando na sustentação da ferrovia e dos benefícios que a mesma levava para a cidade, além de existir cargos públicos preenchidos pela população local. É importante destacar que Piranhas se tornou muito dependente da estrada de ferro e do que a mesma proporcionava para a população, não obstante, a cidade sofreu grandes danos com a desativação da ferrovia em 1964 mudando o curso da estagnação causada pelo encerramento desta apenas na década de 1980, quando a Chesf se instala na cidade.

Contudo o apogeu de outrora conquistado economicamente através da modernidade advinda com a navegação a vapor e a ferrovia, daria seus primeiros sinais de declínio, quando no ano de 1964 ocorreu a desativação da

<sup>154</sup> SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de baixo, Piranhas de cima, Nova Piranhas**: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, História 2010, p.53 pdf.

<sup>155</sup> Parte mais antiga da cidade, conhecida atualmente como Centro Histórico, por ventura de tombamento pelo IPHAN.

<sup>156</sup> SANTOS, Ronaldo José Ferreira Alves. SICG - M101 - Contextualização Geral Documento IPHAN. Oficina de Projetos Ltda. Agosto de 2014, p. 9 e 10, pdf.

ferrovia, esse evento trouxe uma estagnação que influenciaria em toda estrutura econômica, social e cultural da cidade de Piranhas. [...] Após esse período de estagnação, a chegada da CHESF nos anos de 1980 com a proposta de instalação de uma usina hidrelétrica na região do São Francisco impulsionaria novamente a esperança de prosperidade econômica, que em tempos atrás movimentava e vivificava a cidade de Piranhas.<sup>157</sup>

Esses pontos envolvendo uma possível parceria entre prefeitura e Chesf nos faz lembrar de um ponto debatido por Victor Nunes Leal<sup>158</sup>, que é a relação municipal no período oligárquico, na Primeira República, e se podemos ler essa relação com o período da Chesf em Piranhas de forma semelhante. Leva-se em conta que estamos trabalhando na hipótese de ter ocorrido uma espécie de “coronelismo social”, ou melhor, um “neocoronelismo” praticado pela Chesf em Piranhas.

Se pensarmos no termo cunhado enquanto produção de trabalhos anteriores, a respeito da existência de um “coronelismo social”<sup>159</sup> na cidade nesse período, podemos, em relação a autonomia do município, ver o que Victor Nunes Leal trata dessa autonomia em um sistema coronelista. Segundo esse autor, a questão da autonomia se encaixa em que “o problema verdadeiro não é o de autonomia, mas o de falta de autonomia, tão constante tem sido, em nossa história, salvo breves reações de caráter municipalista, o amesquinamento das instituições municipais”<sup>160</sup>. Portanto, a falta de autonomia de um município pode impulsionar a vigência do coronelismo. É importante saber se essa questão de autonomia municipal vista por Leal se aplica em Piranhas, no que diz respeito a entender se a prefeitura se distanciou ou não de toda a produção da Chesf.

Leal também coloca que os coronéis tinham mais facilidade de relações e acúmulo de eleitorado em municípios fracos financeiramente, em suas palavras “... é pois, a fraqueza financeira dos municípios um fator que contribui, relevantemente, para manter o ‘coronelismo’, na sua expressão governista.”<sup>161</sup>. Portanto, para Leal, as barreiras econômicas de um município foram atos coronelistas, por exemplo, em Piranhas, a desativação da ferrovia e as dificuldades que se estabelecem na cidade após esse fator fazem com que uma relação clientelística e

---

<sup>157</sup> Ibid, p. 10

<sup>158</sup> Cf. LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. O município e o regime representativo no Brasil. 7 ed. São Paulo, 2012, p. 43 a 74.

<sup>159</sup> Esse termo foi construído em estudos anteriores, onde, quando se percebeu as ações oligárquicas da Chesf, fez-se um link com a forma existente do coronelismo na Primeira República. Seguindo a ideia de Eul Soo Pang, de que o coronelismo continua a existir pós década de 1930, sofrendo algumas mudanças, constrói-se esse termo para alinhar as práticas da Chesf, que operava mais no lado social do que o político. Porém, no contexto desse trabalho, usaremos o **neocoronelismo**, ou mesmo indicar a questão central do trabalho como a ideia de se ter havido práticas oligárquicas em Piranhas no período da Chesf na cidade.

<sup>160</sup> LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. O município e o regime representativo no Brasil. 7 ed. São Paulo, 2012, p. 68.

<sup>161</sup> Ibid, p. 65.

coronelistas permanença ativa, como Leal mesmo coloca, “... é do sacrifício da autonomia municipal que ele se tem alimentado para sobreviver”<sup>162</sup>. Portanto, sabendo-se que Piranhas, no momento de instalação da Chesf atravessava um período turbulento no viés econômico, e entendendo o que Leal coloca sobre autonomia, ou melhor, a falta de autonomia dos municípios, se vê um cenário propício em Piranhas para ocorrer algo como o sistema coronelista. O que se pretende enfatizar, porém, é que, como a Companhia transforma a economia da cidade, deixando-a de certa forma dependente do que a Chesf produzia. Como mencionamos anteriormente, a dependência econômica passou a existir nessa relação de comércio entre piranhenses e Chesf, demonstrando então mais um ponto característico do sistema coronelista.

### 3. MEMÓRIA E HISTÓRIA DA POPULAÇÃO PIRANHENSE DE 1980-2000

#### 3.1 – AS FONTES ORAIS

Esta pesquisa se debruçou em alguns tipos de fontes para ser realizada, uma delas, ou melhor, a principal delas, é a fonte oral. Por meio dos depoimentos dos entrevistados é que alcançamos algo mais “palpável” sobre a intervenção da Chesf em Piranhas, junto, claro, com o auxílio de outras fontes para a realização da análise que percorre o trabalho. O uso da fonte oral em pesquisas na atualidade é comum e bastante requisitado, por assim dizer, como podemos ver pelo que Jorge Eduardo Aceves Lozano<sup>163</sup> diz já no início do seu artigo:

O interesse que desperta atualmente a questão da *oralidade* pode ser exemplificado pelos numerosos eventos e trabalhos de cunho acadêmico que se desenvolveram recentemente em torno de sua relação com a antropologia, a história e a literatura. Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas.<sup>164</sup>

A fonte oral pode nos proporcionar elementos empíricos e qualitativos que, dependendo do foco da pesquisa, nenhuma outra fonte o fará. É como Lozano explicita, “... espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com

---

<sup>162</sup> Ibid, p. 74.

<sup>163</sup> Doutor em Ciências Sociais, e professor de pesquisa em tempo integral no CIESAS Occidente.

<sup>164</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: Usos e abusos da História Oral. Org. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. 2006, p. 15.

ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais”<sup>165</sup>.

O “manuseio” da fonte oral precisa ser feito de modo que se respeite seus limites, e, sobretudo, que se entenda que essa fonte é exclusivamente pautada na memória. Por isso, podem indicar aspectos e caminhos diferentes através da interpretação de tal lembrança e de quem fala; a memória então, nesse caso, é o instrumento do historiador. A memória dos entrevistados para o desenvolvimento desse trabalho nos retrata, de modo geral, uma atuação da Chesf em Piranhas relacionada ao bem comum que a própria Companhia implantou na cidade, ou seja, há uma memória coletiva da população piranhense que se inclina de forma objetiva para com a intervenção sofrida de uma maneira geral, partindo do pressuposto das melhorias que a Companhia proporcionou a eles. Como analisar isso? De início, é preciso entender o contexto dessas pessoas durante o período da construção da usina.

As entrevistas foram realizadas através de um questionário base, ou seja, existiram perguntas semelhantes para todos, mas, o (a) entrevistado (a) era livre para falar sobre o que quisesse. As perguntas serviram como um ponto de volta ao assunto, caso a conversa tomasse outro rumo, porém, foi sentido que alguns deles só dialogavam se fossem feitas perguntas, nesses casos, a entrevista ficou um pouco mais fechada. Temos, para esse trabalho, sete entrevistas realizadas – onde entende-se a necessidade de uma pequena apresentação dessas pessoas. Temos um misto entre funcionários e ex-funcionários, autoridades do período e moradores que não tinham relação direta com Chesf. Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas entre 2016 e 2019, pois, esse trabalho segue o que foi iniciado no trabalho de conclusão da graduação. Percebeu-se que algumas das entrevistas feitas para a construção dessa primeira pesquisa ainda tinham muito a contribuir sobre o assunto, por esse motivo, foram utilizadas novamente no desenvolvimento da pesquisa do mestrado.

Entre os entrevistados temos Altamiro Gomes Barboza, natural de Piranhas, e que, segundo ele, sempre residiu na cidade, nos conta sua experiência com a Chesf. Trabalhou diretamente na Companhia quando da construção da hidrelétrica, portanto, após o início do funcionamento do acampamento. Segundo o senhor Altamiro, seu trabalho era de âmbito administrativo, onde começou logo em 1987, poucos meses após o início da construção da usina. Sobre sua experiência na Chesf, ele diz:

Ah, eu peguei muita experiência boa, eu antes só sabia mais a área financeira, que eu trabalhava no banco, mas quando eu comecei a ..., na hidrelétrica foi completamente

---

<sup>165</sup>Ibid, p. 16.

serviço diferente; fui trabalhar de almoxarifado, depois, trabalhei de... antes de auxiliar administrativo, depois de almoxarifado, depois foi de, trabalhei de tesouraria também na financeira, já nos quatro últimos anos, mas a experiência foi muito boa, eu tive um aprendizado muito bom e serviu muito ‘pro’ meu currículo até hoje.<sup>166</sup>

Dando sequência à apresentação dos entrevistados, tivemos a contribuição de Inácio Loiola Damasceno Freitas, formado em História, Agronomia e Direito, é ex-prefeito de Piranhas, sendo prefeito da cidade durante a construção da usina, ou seja, em fins da década de 1980. É natural de Piranhas, porém, não reside na cidade faz algum tempo. Sua visão sobre a intervenção da Chesf é um pouco mais crítica à forma que ela trabalhava e lidava com a população piranhense. Destaca que havia um teor autoritário nessa dinâmica social, além de demonstrar indignação com a falta de reconhecimento de Piranhas como cidade por parte da Companhia no pós funcionamento do acampamento Chesf, em especial o destaque que o bairro Xingó ganha, tomando proporção de cidade para as pessoas de cidades vizinhas e até mesmo residentes. Freitas coloca sua indignação e a forma que encontrou – pois era prefeito no período – de amenizar essa questão, segundo ele:

[...] era eu o prefeito na época, e, tentei promover, um intercâmbio; eu irritava (sic) quando as pessoas diziam que iam à Xingó, Xingó é um bairro de Piranhas, “eu vou à Nova Piranhas”, que é o bairro Nossa Senhora da Saúde, bairro Nossa Senhora da Saúde é um bairro de Piranhas, então, começou com aquilo, e eu comecei, você vê que aqui tem em cada acesso tem “bairro Nossa Senhora da Saúde – Piranhas/AL”, “bairro Xingó”..., então, fui eu quem criei, e diante de tudo isso eu comecei a querer resgatar essa autoestima de, desse povo; integrar, promover a integração entre o Centro Histórico, bairro Nossa Senhora da Saúde, as duas vilas, Sergipe e Alagoas, com o distrito de Entremontes, a vila de Entremontes e o distrito do Piau; que existia um movimento separatista, nós tínhamos um sentimento separatista[...]<sup>167</sup>

Outra entrevista feita foi com o senhor J.G de Oliveira, também natural de Piranhas, residente, como ele mesmo diz, no povoado de Canavieiras. Se estabeleceu em Piranhas propriamente dita somente após a inundação do povoado, local que hoje é um dos reservatórios da Chesf. O senhor J.G nos conta que, por mais que façam mais de vinte anos que ele more em uma casa na vila Alagoas (bairro Xingó), casa essa que foi a indenização que a Companhia deu para as 13 famílias<sup>168</sup> do povoado, ele ainda tem receio de perder sua moradia, porque, segundo relato, a escritura oficial nunca lhe foi dada, nas suas palavras,

[...] não me entregaram documento, a casa não é minha é deles, eu já conversei com o fiscal da prefeitura, e ele me explicou; você corra atrás porque isso aqui, se a Chesf

<sup>166</sup>BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>167</sup> FREITAS, Inácio Loiola Damasceno. Entrevista concedida à autora em 10 de setembro de 2016.

<sup>168</sup>OLIVEIRA, J.G. Entrevista concedida à autora em 25 de março de 2017.

quiser, desocupe a casa, é minha, só que pelo documento de Canavieiras através da barragem de Xingó, eles não podem mexer em nada, então tamos (sic) assim até hoje [...]<sup>169</sup>

J.G critica a intervenção da Chesf em alguns pontos com veemência, por exemplo, fala da dificuldade de se trabalhar com a pesca – que era sua forma de sustento -, pois, com a usina e a barragem feitas, mudou o processo da pesca na região, pois, além do fluxo dos peixes diminuir, passaram a existir lugares proibidos para pescar sob o risco de ser puxado pela força da água na barragem.

Dois ex-funcionários da Chesf, Francisco Alves de Medeiros, trabalhava no setor de mecânica e é um dos muitos trabalhadores que se estabeleceram em Piranhas para participar da construção da usina e já era do quadro de funcionários da Companhia desde as construções de usinas em Paulo Afonso e Itaparica, ou seja, ele fazia parte dos muitos trabalhadores que eram de outras localidades e se estabeleceram em Piranhas por causa da usina. Nosso outro entrevistado, Paulo Pereira Lima, residia em Paulo Afonso durante os quatro anos que trabalhou na Chesf (1988/1991), só depois de alguns anos indo morar em Piranhas. O setor que ele ficava era o da contabilidade, que era feita pela empresa Acoplam que prestava serviços a Companhia. Para os senhores Francisco e Paulo, a intervenção da Chesf foi boa, trouxe mudanças positivas para a cidade, apesar de expressarem as condições de separação que ocorria no dia a dia, de diferença social que existia, mesmo assim, transborda em suas falas apenas o lado positivo da Companhia, segundo o senhor Paulo, a intervenção “é, foi boa né, porque aqui antes da Chesf não tinha nada...”<sup>170</sup>. O senhor Francisco expressa sua opinião seguindo essa linha de raciocínio e diz, “foi muito bom né... só veio trazer melhoria, só veio trazer coisa boa né...”<sup>171</sup>.

Para finalizar as apresentações das fontes orais, temos as contribuições de Lázaro Luiz Carvalho Galvão, residente de Piranhas desde 1989 e atualmente funcionário da Chesf e também a colaboração de Luciano Cristovam dos Santos Júnior, que foi morador da cidade em dois momentos de sua vida, entre 1992 e 2001, e depois entre 2008 e 2016, e atua como economista e gestor de projetos sociais. Com a fala do senhor Lázaro, adquirimos um viés diferenciado quando se levanta a questão da divisão e dos conflitos que existiam em Piranhas, onde ele expressa que essa relação era “muito cordial e esperançosa por um futuro melhor”<sup>172</sup>. Percebe-se um teor de proteção à Companhia durante todo o processo da entrevista. O senhor Luciano, por sua vez, tem um olhar crítico e nos entrega uma fala detalhista. Ele busca explicar

<sup>169</sup>Ibid.

<sup>170</sup>LIMA, Paulo Pereira. Entrevista concedida à autora em 06 de abril de 2019.

<sup>171</sup>MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

<sup>172</sup>GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida à autora em 08 de abril de 2019.

essa vivência com o período estudado e como isso afetou Piranhas e sua população, como quando fala de divisões até de restaurantes, vejamos:

Existiam dois restaurantes para alimentação dos funcionários da CHESF e Empreiteiros, da mesma forma distribuídos um restaurante macrobiótico na Vila Sergipe e o restaurante São Mateus na Vila Alagoas, ambos para os profissionais de acordo com a sua situação de classe trabalhadora já citada à cima, dois clubes construídos com esta mesma perspectiva de classe com o Atalaia na Vila Sergipe e Pajuçara na Vila Alagoas, não havia restrição para as pessoas frequentar e/ou associar aos clubes em relação às suas classes, mas a distância geográfica entre os mesmos e vilas era grande, e por aí já segregava, por exemplo, a utilização de suas instalações do Clube Atalaia por pessoas que moravam na Vila Alagoas ficava mais difícil por conta da distância, mas precisavam estar associados, o que dificultava mais.<sup>173</sup>

Os depoimentos brevemente citados acima em conjunto com uma rápida apresentação dos entrevistados são valiosos para a concepção desse trabalho, como colocado anteriormente. A experiência da realização e do colhimento desses depoimentos é diferente da sensação de estar em um arquivo. Ao mesmo tempo, é um “manuseio” de fonte inspirador para quem está pesquisando, pois, pode-se revisitar o passado através do olhar empírico de quem vivenciou o período. É interessante presenciar a exposição de memórias individuais e como elas acabam construindo uma memória coletiva importante para o entendimento da cultura social de Piranhas e que podem ser trazidas para a discussão historiográfica com o auxílio de outras fontes.

### **3.2 – O OLHAR MODERNIZADOR DA CHESF**

Indo de encontro às demais fontes, a pesquisa mostrou a necessidade de apreender e demonstrar como a própria Chesf pensou a sua intervenção em Piranhas e como agiu para conquistar seu espaço na cidade. Para isso, trabalha-se aqui com dois relatórios centrais produzidos pela Chesf geralmente em parceria com outros órgãos do estado de Alagoas. Esses documentos foram concebidos em momentos diferentes da atuação da Companhia em Piranhas; um deles foi feito antes da construção do acampamento Chesf e o outro logo após o fim da construção da usina.

O primeiro deles, intitulado “Usina hidrelétrica de Xingó: Impactos regionais”, produzido em 1986 pela Chesf junto com a FIPLAN (Fundação Instituto de Planejamento do Estado de Alagoas) sobre o qual tratamos no capítulo 2. Esse relatório visou mostrar como foi

---

<sup>173</sup>JÚNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15de abril de 2019.

pensada a construção do acampamento Chesf e o que se esperava em questão do crescimento da cidade a partir dessa obra, trazendo a responsabilidade das esferas políticas para esse meio; “O presente relatório contém uma síntese das proposições da Chesf e governo do Estado de Alagoas com respeito ao impacto regional do projeto, objetivando subsidiar a definição de responsabilidades por parte dos órgãos federais, estaduais e municipais”<sup>174</sup>.

O documento se preocupa em explicar as fases e os pontos a serem trabalhados, falando desde como se daria a proposta de construção da usina até os investimentos e orçamentos para a realização da mesma. Essa questão de localidade para a construção da usina, como colocado anteriormente na pesquisa, gera alguns tipos de desentendimento sobre a usina e o local onde ela se instalaria, causando, em parcela da população, uma construção nas suas memórias sobre um fato nunca explicitado pela população piranhense de forma geral. Para não ficar repetitivo sobre tal questão, partiremos do princípio aqui fixado da seletividade da memória e como ela pode desenvolver uma discussão interessante em trabalhos que utilizam a fonte oral e que demonstram um outro lado da história, neste caso, piranhense, de forma diferente ao que encontramos nesses relatórios destrinchados aqui. Claro que temos visões diferenciadas dentro desse espectro da oralidade, como, por exemplo, a fala do funcionário da Chesf Lázaro Galvão sobre essa ideia de troca de local da usina por conta de resistência da população de Piranhas que ele diz desconhecer tal informação, bem como a própria Chesf poderia desconhecer tal informação, algo que é demonstrado nesses relatórios já que não há citação sobre uma suposta resistência ao local da construção da usina nos relatórios.

Além desses pontos sobre a usina, o relatório trata também da questão da infraestrutura social e física da cidade, ou seja, existe neste documento os planos, as possibilidades e as produções relacionadas ao sistema habitacional. A percepção obtida a partir da leitura do que é colocado no documento sobre o projeto de habitação da Companhia já demonstra uma concepção de moradias diferenciada, pois consta nele um sistema de “duas categorias de cidades”, como se tem abaixo:

Uma, denominada Acampamento, destinada a alojar a mão de obra que irá executar as obras civis e a montagem das máquinas e, posteriormente, o pessoal de Operação da CHESF: como tal, será dotada de urbanização plena quanto aos serviços de infraestrutura, equipamentos de administração, comunitários e de segurança. A outra, denominada de Vila Satélite, destinada à população que é atraída pela obra, em sítio previamente escolhido e relativamente equipado com certos serviços básicos, que serão prestados de forma compatível com o nível de renda desta população.<sup>175</sup>

---

<sup>174</sup> CHESF, relatório - **Usina hidrelétrica de Xingó**, impactos regionais – relatório sumário, maio/86.

<sup>175</sup>Ibid, p. 12.

Essa visão quanto às moradias atravessa para a concepção desse espaço, e, é disposto no relatório a divisão em três categorias desse sistema habitacional, revelando uma subdivisão até mesmo dentro do acampamento, existindo duas vilas permanentes, porém, com funções distintas. A primeira vila permanente (VP1) seria ocupada apenas pelas pessoas de comando da construção, ficando, depois, ocupada por quem iria operar a usina. Já a segunda vila permanente (VP2) seria ocupada pelas pessoas que estavam diretamente ligadas a construção da usina, a chamada “fase de obras”, entretanto, sem pretensão de uso da Chesf na fase de operação. Por último, temos a vila temporária (VT), construída para abrigar o pessoal de apoio, como está no documento, “... de uso comunitário que atenderão ao pessoal de apoio, oficiais e mão de obra não qualificada ou de qualificação elementar, exclusivamente durante a implantação da obra”<sup>176</sup>.

Como vem sendo discutido na pesquisa, uma questão importante levantada é a base discriminatória com que a Chesf tem de lidar com as populações dos municípios por onde passa. Ainda trazendo elementos do que o relatório “Usina hidrelétrica de Xingó – impactos regionais”, vemos, a partir de pontos como “organização social da população”, que o dimensionamento do espaço, a infraestrutura das moradias era pensada em torno do acampamento (vilas permanentes) e o que seria a vila satélite. Portanto, é nesse momento que o documento mostra como e o que se pretendia colocar de instalações na cidade, como por exemplo, hospital, escolas, iluminação pública, entre outras coisas, visando também, o crescimento do espaço construído por eles.

O relatório se debruça, por fim, em como é esperado que esse projeto seja integrado na região e o que se espera das “atuações” do acampamento e da vila satélite, para a Companhia, o que se deixa aparecer no relatório é que “ em termos de integração do projeto na região, atenta-se para a perspectiva de fortalecimento da base econômica, bem como para o impacto negativo do término das obras”<sup>177</sup>. Esse documento nos apresenta toda a ideia de estrutura que a Chesf planejava criar além de incluírem noções de como a cidade poderia crescer após as obras, como o desenvolvimento regional aconteceria. É importante citar nesse ponto também, o que a população imaginava que seria e como se construiria a cidade após a instalação da Chesf e da usina em Piranhas, podemos ver isso na fala de Altamiro Barboza, que traz de forma direta suas esperanças para com a instalação da Companhia na cidade, ele diz, “ah, eu pensei, eu pensei que fosse desenvolver muito, e não só eu não, o pessoal tudo ficaram ansioso porque,

---

<sup>176</sup>Ibid, p. 16.

<sup>177</sup>Ibid, p. 37.

eles falavam que ia crescer muito, e como realmente cresceu, e, o pessoal ‘tava’ na expectativa, vai ter geração de emprego, essas coisas, renda[...]”<sup>178</sup>. Podemos ver então, que o olhar modernizador que a Chesf tinha e demonstrou nesse relatório também era cultivado por parcela da população e Piranhas, o que nos habilita a entender de forma mais categórica como se deu a positividade e a aceitação das ações da Companhia na cidade pela população de uma forma geral, como vimos anteriormente nesse trabalho.

O nosso segundo relatório tem uma construção diferente do anterior, enquanto aquele se intitula um “relatório sumário”, este, que é denominado “Pesquisa ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó- Piranhas/AL”. Produzido em 1997, é um relatório quantitativo, com o intuito de “... identificar os ocupantes das casas tipos C e D e alojamentos tipo B e D na área denominada Fazendinha, sendo todos os imóveis (casas e alojamentos) de sua propriedade e localizados no Bairro Xingó – Vila Alagoas, ...”<sup>179</sup>.

Esse relatório foi construído pela Chesf junto com o PROGER/AL (Programa de Geração de Emprego e Recuperação de Renda em Áreas de Pobreza do Estado de Alagoas). As primeiras páginas do documento se dedicam a demonstrar o que foi encontrado e detectado durante a aplicação dos questionários para os moradores da vila Alagoas<sup>180</sup>. Explicam, por exemplo, a metodologia utilizada na coleta de informações, como vemos abaixo:

Na expansão da pesquisa foi utilizado o método semelhante ao usado pelo Censo Demográfico Brasileiro – IBGE, adaptado pelo PROGER/AL, com procedimentos que consistem em apresentar não uma estimativa censitária (amostragem), mas contemplando 100% da área pesquisada, obtido a partir da coleta de dados através de questionários específicos para cada tipo de imóvel, inseridos e compilados no computador onde também foi desenvolvido um programa específico para esta finalidade.<sup>181</sup>

Esse documento traz em seu corpo a metodologia usada na pesquisa, o cronograma seguido, os questionários aplicados, bem como um resumo do que foi encontrado nos resultados, seguido das considerações finais além de uns pontos sugeridos ao Programa Xingó. Após esses pontos, o relatório se inclina em apresentar de forma quantitativa descritiva os resultados, além do uso de gráficos. Não são sugeridas formas de lidar com a questão

<sup>178</sup> BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>179</sup>CHESF, Pesquisa sócio-econômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó– Piranhas/AL, vila Alagoas, p. 3, 1997.

<sup>180</sup>Vila dentro do Bairro Xingó, onde ficaram instalados moradores com menor poder aquisitivo, a distribuição das moradias foi feita pela Chesf.

<sup>181</sup>CHESF, Pesquisa sócio-econômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL, vila Alagoas, p.12, 1997.

socioeconômica dessas pessoas, e sim, faz-se apenas um mapeamento destas e como elas sobrevivem, ou seja, é um relatório totalmente demonstrativo. Para realizar essa pesquisa, a Chesf, segundo o relatório, pediu para que as pessoas entrevistadas fossem agrupadas por tipo de imóvel, porém, não se anuncia explicação para tal pedido.

Após isso, além da descrição da análise dos dados e de trazer rapidamente recomendações nas áreas social e econômica, são colocados os resultados em forma de relatório quantitativo. Sendo assim, temos o quantitativo social de todas as casas da vila Alagoas, e, logo em seguida, são colocados gráficos dos resultados obtidos. Ao todo, foram aplicados 1.166 questionários envoltos em perguntas de âmbito social e econômico, como por exemplo, grau de escolaridade, renda familiar, vínculo empregatício, entre várias outras para delimitar a condição de vida dessas pessoas, e, enfatiza-se que a pesquisa foi feita apenas na vila Alagoas, dentro do bairro Xingó, onde, segundo entrevistados e o próprio relatório de certa forma transparece, as pessoas com menor poder aquisitivo foram direcionadas para morar. É importante mostrar como foi dividida a aplicação dos questionários, temos então o quadro abaixo:

Tabela apresentada no relatório:

Casas do tipo “C” = 253 questionários	Casas do tipo “D” = 280 questionários
Alojamentos tipo “B” = 260 questionários	Alojamentos tipo “D” = 281 questionários
Casas “Mutirão” = 92 questionários	Total de questionários = 1.166

\*Tabela encontrada na página 3 do relatório.

A importância de se ressaltar que o relatório supracitado foi realizado apenas na vila Alagoas, ou “vila dos pobres” como era conhecida, pode denotar para nós mais um cenário em que a Chesf promove ações de discriminação e transparece um certo incomodo com as pessoas da vila Alagoas. Como vimos, o relatório visou mapear as condições dessa parcela de moradores, em questões de sobrevivência, por exemplo, educação, trabalho e saúde, e cita no documento, a existência de uma possível desocupação da vila Alagoas por conta do fim das obras da usina. Por um lado, é compreensível a saída de vários trabalhadores após o fim da obra da usina de Xingó, já que, em teoria, não havia mais trabalho para eles, porém, é questionável a forma como a Companhia busca entender se haverá uma desocupação voluntária dessas pessoas, sem considerar que algo parecido pode ocorrer na vila Sergipe, ou “vila dos ricos”, não praticando ações como a aplicação de um questionário nesta vila.

Através de todo o debate que já foi colocado no trabalho, vemos que a parcela da população que vivia na vila Alagoas tinha a intenção, em sua maioria, de permanecer em Piranhas, mesmo após o fim das obras. Apesar disso, em algumas situações isso não foi possível, como podemos ver o que o senhor Luciano compartilha da época,

A cada máquina (turbina, no total de 6) que girava na UHE Xingó, era uma festa, nos clubes com churrascos e bebidas patrocinadas pela CHESF e as empresas empreiteiras, eram feitas muitas comemorações com estes marcos da construção da obra a partir do momento que eram entregues, mas também aos poucos foi-se percebendo os serviços, os investimentos e o grande volume de pessoas a diminuir, com o encerramento das atividades de construção e montagem da UHE Xingó, os consórcios e empresas empreiteiras deixaram de existir ou ter razão para atuar na região. Com isso, muito funcionários foram demitidos e/ou transferidos para outras obras ou empreendimentos das empresas empreiteiras, o mesmo aconteceu com os funcionários da CHESF, que se deslocaram para suas cidades de origem, capitais como Recife, Salvador, outros transferidos para empresas públicas do sistema Eletrobrás, como Eletronorte e a segunda etapa da UHE de Tucuruí no Pará. Também houve transferência de profissionais da CHESF para áreas em atividades mais dinâmicas, novas obras, subestações, termelétricas e manutenção de linhas de transmissão, por medo das privatizações da era Fernando Henrique Cardoso, que felizmente não aconteceram, mas mexeu com a situação de muitas pessoas em busca de colocação em espaços mais estratégicos na CHESF e preocupação da manutenção de seus empregos.<sup>182</sup>

Apesar das saídas que aconteceram, muitas pessoas tinham o desejo de permanecer residindo em Piranhas, os motivos podem ser diversos, podemos citar aqui o que o senhor Francisco Alves, ao ceder entrevista, diz que o fim das obras decidiu permanecer na cidade, e que vive satisfeito por morar em um lugar bom.<sup>183</sup> Depoimentos como esse reforçam o entendimento que se tem a partir dessa pesquisa de que a memória coletiva construída sobre a intervenção e as ações da Chesf em Piranhas são pautadas em uma seletividade que nos leva a interpretar que há um senso comum da população que enxerga e maneira geral o lado positivo das ações da Companhia e as exalam quando questionados sobre esse período.

### **3.3 – CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DA CIDADE PELAS FONTES**

Como colocado anteriormente, temos dois tipos de fontes que nos remetem tanto à convivência diária na Piranhas do final do século XX, como ao que se esperava que fosse se desenrolar a partir das mudanças aplicadas pela Chesf. São as fontes orais e a documentação disponibilizada pela própria Companhia. A partir de agora nos debruçaremos em desenvolver um debate sobre as memórias explicitadas pelas fontes orais acima apresentadas, inserindo

---

<sup>182</sup> JÚNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

<sup>183</sup> MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida à autora em 07 de abril de 2019.

também, as visões dos relatórios adquiridos para se ter o contraponto da Companhia dentro dessa discussão.

O primeiro aspecto a considerar é que a memória possui elementos diferentes, configurando em projeções diferenciadas de pessoa para pessoa, por esse motivo ela é seletiva. Como Pollak a descreve, “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”<sup>184</sup>. Portanto, é a forma de organização que a memória individual constrói que a torna seletiva, excluindo, gravando e priorizando o que permanece relevante para quem a está portando.

A utilização dessas memórias em trabalhos acadêmicos se dá através, principalmente, dos novos moldes que a Escola dos Annales<sup>185</sup> proporciona, ampliando assim as formas de se fazer pesquisa histórica e historiográfica, o que fica conhecido como uma história-problema, pois carrega o sentido de desenvolver pesquisas que busquem discutir os problemas da sociedade comum, do homem comum, proporcionar uma história vista de baixo, e não apenas a história dos grandes homens tão adorada no século XIX. Le Goff coloca,

Mais do que nunca os ‘Annales’ querem fazer entender. Colocar os problemas da história: ‘proporcionar uma História não automática, mas problemática’. E, mais do que nunca, os problemas de uma história para o tempo presente, para nos permitir viver e compreender ‘num mundo em estado de instabilidade definitiva’. Donde, em primeiro lugar, nesta revista, que desde o início pretendeu ser internacional, mas que foi sobretudo ocidental, e inclusive europeia, o desejo de se abrir mais amplamente, fora e contra qualquer eurocentrismo, para o mundo inteiro, em particular para o que vai ser chamado de terceiro mundo.<sup>186</sup>

Aplicando ao nosso recorte temporal, é visto pelas fontes orais essa questão da seletividade da memória citada por Pollak, quando, por exemplo, percebemos as impressões de cada entrevistado da presença da Chesf na cidade, e, como, em sua maioria, os entrevistados tem uma memória “compartilhada” entre si onde se exalta a Companhia e seus feitos em Piranhas, considerando muito boa a prática por ela então aplicada, mesmo que tenham em mente as divisões sociais que se ampliaram de forma significativa por conta dessa intervenção estrutural. Vale ressaltar que essas pessoas entendem – mesmo que em algum nível do

---

<sup>184</sup>POLLAK, Michael. *In*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.

<sup>185</sup> Escola historiográfica que defendia que uma visão além da positivista fosse trabalhada pelos historiadores, um exemplo disso é passar a considerar não apenas documentos escritos como fonte, entrando nesse meio, a fonte oral.

<sup>186</sup> LE GOFF, Jacques. A História Nova. *In*: **A História Nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 33-34.

subconsciente -, que existiram, em especial, no desenvolvimento social do período, ações discriminatórias da Chesf para com a população, porém, no momento em que se questiona aos entrevistados como eles avaliam a participação da Companhia na cidade, em sua maioria, a resposta se torna positiva em relação as ações da Chesf. Para ilustrar, temos, respectivamente, as considerações de Altamiro Barboza e Paulo Pereira;

Essa estrada aí é estadual, ela é estadual, é do Estado. Foi feita, de Olho D'água pra cá, porque pra lá já tinha; de Olho D'água pra cá era só barro, foi feito já alguns anos depois da outra de lá pra Delmiro, mas foi feito pelo Estado, eu acho que algum tempo, pouco antes de começar a obra, foi antes de começar a obra, mas já se falava na vinda da Chesf pra cá, é tanto que quando foi pra trazer a turbina, era um carro muito grande, cheio, com a turbina em cima, e o asfalto que tinha parece que não suportava o peso, ou era desigual o peso, aí a Chesf foi quem recapeou a pista todinha, até chegar aqui, ficou bem planinha mesmo asfaltada foi feita antes de começar a Chesf. Por isso que eu digo que a Chesf trouxe não foi bom não, foi pra lá de bom.<sup>187</sup>

É, boa foi né, porque, porque aqui antes da Chesf não tinha nada, você chegava aqui e não tinha nada, então, assim, quem criou praticamente essa vila aqui, e a Alagoas, e deu vida a Xingó aqui, não a Piranhas Velha, me refiro aqui, Xingó, foi a Chesf. O hospital, a escola, tudo foi a Chesf, porque, ela investiu, quer dizer, ela botou dinheiro aqui porque, eu acredito que pra eles não era problema, se fosse eles não tinham feito isso, entendeu; e de certa forma eles faturavam sim...<sup>188</sup>

Essa forma de enxergar construtivamente e expor essa positividade das ações da Chesf pelos entrevistados nos leva ao mérito da questão de memória individual e memória coletiva que Maurice Halbwachs<sup>189</sup> discute de forma clara. Halbwachs não acredita na concepção de uma memória individual, para ele, mesmo uma pessoa sozinha constrói uma memória coletiva, pois, “...em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”<sup>190</sup>. O autor parte do princípio de que, como as experiências que vivemos, por exemplo, uma viagem, onde pegamos referências de onde ir, o que visitar etc., nossas experiências serão sempre, em certo nível, compartilhada por outro alguém, então, em sua concepção, a memória sempre é coletiva.

A partir desse pensamento podemos interpretar que a memória coletiva piranhense do período da Chesf é construída a contar da intervenção e pelo que a própria Companhia transmite para a população, ou seja, seria uma sociedade sem nenhum problema ou conflito. Poderia até mesmo se ter ciência de problemas sociais, porém, os mesmos não seriam de importância para

<sup>187</sup>BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida à autora em 14 de julho de 2016.

<sup>188</sup> LIMA, Paulo Pereira. Entrevista concedida à autora em 06 de abril de 2019.

<sup>189</sup>Sociólogo francês do século XIX/XX que criou o conceito de memória coletiva.

<sup>190</sup>HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, Revista dos tribunais, 1990, p. 26.

o coletivo. Havendo, ou não, o entendimento sobre essas questões sociais, na memória há a seletividade de se exaltar o que foi proveitoso da intervenção, causando, com o tempo, o “esquecimento” das divergências no âmbito social enfatizadas pela Chesf. É importante ressaltar, segundo Halbwachs, que a memória permanece e faz sentido para quem a possui porque esta permanece em um grupo, caso contrário, a lembrança não faria mais sentido, ou até mesmo não existiria. Isso alimenta ainda mais o debate da memória coletiva da população de Piranhas, pois, ainda vivem em um mesmo grupo, onde muito da intervenção da Chesf é espelhado, é reconhecido, atualmente, por exemplo, no turismo. Essa ideia do autor também apoia o que Pollak defende sobre a seletividade da memória, que conserva o que ainda toca a pessoa. Halbwachs diz:

[...] Porque, se essa primeira lembrança foi suprimida se não nos é mais possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ainda ela se conservava. Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre o fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas se passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade [...] <sup>191</sup>

Portanto, para Pollak, a memória está baseada no sentido de pertencimento que um indivíduo tem sobre alguma coisa ou algum lugar, é isso que manterá a produtividade da memória, mesmo isso não significando que a memória não está selecionada através de suas interpretações do período. A questão da memória coletiva da população de Piranhas em relação a Chesf conversa muito com o que a própria Companhia construiu imageticamente. É o que se “roteirizava” nos documentos, pois estes descrevem passos de organização, comércio, infraestrutura que poderiam e deveriam acontecer na cidade, pois a Companhia trazia consigo essas possibilidades quando a “modernizou”. Dessa forma, se constrói, como vimos anteriormente, uma memória positiva da Chesf, e mais, muitas vezes sem demonstrar uma criticidade das mazelas, falam como se fosse algo normal, até mesmo justificável para se obter a volta econômica na cidade.

A questão econômica é importante para os piranhenses pois as décadas de 1960 e 1970 foram sofridas após a desativação da ferrovia. Como já dito, era nela que se transportavam

---

<sup>191</sup>Ibid.p. 34.

mercadorias, além de auxiliar o fluxo de pessoas que passavam por Piranhas, ou seja, a ferrovia detinha na cidade os meios comerciais e sociais que mais a desenvolviam. Assim, quando a ferrovia encerra suas atividades, Piranhas se encontra em um momento difícil. Lembra-se, então, o que Pollak menciona sobre como uma população pode internalizar acontecimentos coletivos tão marcantes que ficam cravados na memória. Segundo ele, como veremos logo abaixo, essas vivências coletivas criam uma identidade social que, colocando no contexto piranhense, pode explicar a visão positiva a todo o processo que passaram com a Chesf.

Nessa construção da identidade – e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise – há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos do indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.<sup>192</sup>

Entretanto apesar de ser em menor número, se observou que algumas pessoas tinham um olhar crítico sobre a forma de ordem colocada pela perda em detrimento das obras proporcionadas pela Companhia, ou mesmo por enxergar a arbitrariedade com que a Chesf agia. Para exemplificar essa outra visão, traz-se, respectivamente, a fala de J.G e Luciano Cristovam:

Minha amiguinha, pra melhor lhe dizer, foi a pior coisa que aconteceu no mundo, pra nós de Canavieiras, não só pra nós, talvez pra todos os reassentados da beira do rio que a Chesf indenizou, muito embora que ela deu direito a uns e não deu a outros, aquele que é analfabeto, que não entende de outra coisa, como nós, fiquemo (sic) quieto e perdemo isso aqui<sup>193</sup>, então de qualquer maneira, você sabe o que é a senhora nascer e se criar no seu setor com pai e mãe irmã e irmão e tudo, e ser levantado, ver a água chegar na sua casa de uma hora pra outra [...]<sup>194</sup>

Em um cenário tão segregador e reprodutor de desigualdades, era inevitável o aparecimento de conflitos, e olhe que a construção da UHE de Xingó, segundo fala de colaboradores da CHESF que vivenciaram outros processos de implantação, é a mais democrática de todas, e citam vários exemplos da maior segregação social na implantação de Paulo Afonso, Itaparica, Sobradinho entre outras, com muros dividindo a cidade do bairro, toque de recolher as 22h, separação de vilas e casas por nível, I, II, III, IV e V dependendo do grau de instrução e funções de trabalho, entre outras situações. O Bairro Xingó era uma bolha, e quem estava fora da bolha era e se sentia excluído, tudo isso gerava um sentimento de segregação e exclusão, e quem

<sup>192</sup>POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos históricos, vol.5, 1992. P.5.pdf.

<sup>193</sup> Sinalizou que perderam dinheiro.

<sup>194</sup>J.G – Entrevista concedida à autora em 25 de março de 2017.

está incluso era beneficiado pelo equipamentos públicos e serviços, gozavam de privilégios jamais oferecidos pelos serviços públicos e privados na região.<sup>195</sup>

Essas explicações feitas até o momento nos contam narrativas diferentes sobre o processo de construção social em Piranhas pela Chesf, narrativas essas que surgem pela dualidade – ser beneficiado ou lesado pelas práticas chesfianas-. Nesse âmbito, tentamos entender o lugar dessas narrativas, sempre tendo em mente o quanto a memória é seletiva, e considerando que tais visões são subjetivas e frutos da experiência individual. O intuito sobre essa questão foi “deixar de tratar os vestígios da memória como resíduos arcaicos ou como uma ficção da qual se deve desconfiar. Mais do que isso, deve deixar de reduzir a memória a um objeto entre outros – como fez às vezes a história das representações”<sup>196</sup>. Sobre esse ponto das narrativas, Alessandro Portelli<sup>197</sup> reafirma esse cuidado com a fonte e levanta a ideia de que as memórias coletivas são “julgadas” não por serem falsas ou verdadeiras, mas, porque o evento se torna parte da cultura de um lugar, incluindo as memórias da sociedade ali residente.

Não há por que questionar a credibilidade desses episódios para identificar sua dimensão mítica: um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das autorrepresentações partilhadas por uma cultura.<sup>198</sup>

No cenário piranhense, as narrativas da memória coletiva do período reafirmam o que a Chesf fez com que permanecesse, ou seja, todo o lado positivo e exaltado pela Companhia, desde os relatórios, “O Projeto do Acampamento e Vila Satélite, tal como foi concebido, oferece condições para promover e consolidar o desenvolvimento da pequena cidade de Piranhas, cidades vizinhas e até certo ponto, da microrregião”<sup>199</sup>. Em contrapartida, temos algumas memórias críticas e ressentidas com o que ocorreu, divergindo do “senso comum” da população. A memória coletiva é, antes de tudo, uma construção social, como Portelli bem expõe,

Quando compreendemos que a “memória coletiva” nada tem a ver com memórias de indivíduos, não mais podemos descrevê-la com a expressão direta e espontânea de

<sup>195</sup> JUNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida à autora em 15 de abril de 2019.

<sup>196</sup> LORIGA, Sabina. **A tarefa do historiador**. In: Memórias e narrativas autobiográficas. Org. GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso, Rio de Janeiro p. 25.

<sup>197</sup> Professor de literatura norte americana da Universidade de Roma "La Sapienza".

<sup>198</sup> PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val Di Chiana**. In: Usos e abusos da história oral. Org. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Rio de Janeiro.p.120-121.

<sup>199</sup> CHESF, relatório - **Usina hidrelétrica de Xingó**, impactos regionais – relatório sumário, maio/86, p. 35.

dor, luto, escândalo, mas como uma formalização igualmente legítima e significativa, mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições.<sup>200</sup>

Entende-se que a memória coletiva de grande parcela da população piranhense se desenvolve a partir do olhar positivo para com as ações da Chesf, construindo e expondo uma narrativa, conseqüentemente, positiva sobre tais ações. Porém, como já citado mais acima, existiam opiniões divergentes e críticas ao modo da Chesf operar em Piranhas, e, de certo modo, podemos ver divergências em meio a atitudes da Companhia na fala de entrevistados que se conectam com a narrativa positiva da passagem da Chesf na cidade.

Tratar de tais questões nesta pesquisa nos permite debater sobre uma “memória oficial” que se acomoda perante a população local e se entrelaça com as novas gerações, consolidando, na atualidade, a manutenção do olhar positivo da Chesf na cidade, sem muitos questionamentos – deixando claro que isso não é generalizado -, implicando, conseqüentemente, em uma manutenção do silenciamento das adversidades sociais produzidas e/ou ampliadas pela Companhia.

---

<sup>200</sup>PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val Di Chiana**. In: Usos e abusos da história oral. Org. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Rio de Janeiro, p.127.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs, em suma, a identificar e entender as formas e as relações de poder que se criaram na Piranhas do fim do século XX (1980/1990) e assim conectar à atualidade social da população local; surgindo de uma inquietação sobre como aconteceu a construção do que hoje é a cidade de Piranhas, portanto, através de uma percepção empírica sobre a sociedade atual piranhense que começou a se formar este trabalho.

Em princípio, o que se discute é a modernidade que a Chesf proporcionou em Piranhas e que tornou a companhia grandiosa. Essa modernidade é apresentada nesta pesquisa sob a ótica de Marshall Berman, atentando para os diferentes tipos de modernidade.

Chama atenção para o ocorrido em Piranhas as mudanças estruturais e a permanência de modelos sociais conservadores. A “modernidade do subdesenvolvimento”<sup>201</sup> demonstra situações inovadoras no que diz respeito a estrutura física e tecnologias, mas também, a manutenção de uma estrutura social “não moderna”. Como discutido no corpo do texto, a situação acima é aplicável ao período estudado em Piranhas, e essa forma de modernidade e de utilização de poder social que a Chesf constrói na cidade faz surgir a hipótese debatida nos capítulos apresentados anteriormente. A mudança estrutural ocorrida em Piranhas, relatam as fontes orais, foram de extrema importância para a nova fase da cidade, ou seja, a fase que a Chesf se encontrava nela.

O debate em cima da hipótese trazida para a pesquisa começa com uma análise de como a Chesf agiu em outros lugares, pegando como exemplo principal a situação de Sobradinho e como o poder da Companhia foi estabelecido nessa cidade. Em comparação com a ação da Chesf nas duas cidades (Piranhas e Sobradinho), as relações de poder são, por exemplo, no sentido de mover pessoas para outras moradias de forma repentina. O uso de espaços habitáveis para fazer de reservatório e outros aspectos são semelhantes. Por meio das fontes orais percebe-se que essa era a forma padrão da Companhia operar. Entretanto, dentro desse contexto, a cidade de Piranhas e sua população se entregam com mais facilidade ao que a Chesf coloca para eles. Em Sobradinho houve resistência a tais mudanças, principalmente dos beraderos (pessoas que viviam à margem do rio), os mais afetados pelas mudanças. Existia sindicato para ajudar a proteger esses beraderos. Em Piranhas, a necessidade econômica tomou voz, e assim foi o início do ganho de espaço e poderio da Chesf por conta do apelo a política de desenvolvimento

---

<sup>201</sup> BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo. Companhia das letras, 2007.

trabalhada pela empresa. Ressalta-se que não era unanimidade dentro da comunidade a aceitação ao poderio e comando da Chesf, porém as maiores resistências aparecem dentro do acampamento criado pela Companhia e ocorre mais por conta da separação por classe que a mesma faz, criando um certo desconforto em parcela dos *estrangeiros*.

Pontos importantes vão montando nossa visão sobre a existência desse tom oligárquico aplicado em Piranhas, como por exemplo, a falta de importância que a Companhia demonstrava em destruir a vida como se conhecia para as populações por onde passava. Destacamos então a inundação de conjuntos habitacionais por conta da construção de tantas hidroelétricas usando o rio São Francisco como ocorre em Sobradinho, em Canindé e por pouco não acontece também em Piranhas. Isso só não acontece porque parte da cidade que sumiria estava sendo tombada como patrimônio histórico e o próprio São Francisco não estava mais com sua capacidade hídrica apropriada para ser explorado para fins de geração de energia elétrica<sup>202</sup>. Mas, se fosse possível, como por um período indicava, não conheceríamos o que apresenta-se hoje como Centro Histórico de Piranhas, pois a Chesf continuaria a construir suas usinas e as pessoas, de certo modo, seriam expulsas da cidade e a Companhia seguiria com seu status e crescimento econômico.

A vida da população piranhense era contida de todas as formas pela Chesf, é o que nos mostram as fontes, principalmente as orais. Porém, os próprios relatórios produzidos pela Companhia trazem, de forma sutil, esse controle social por ela empregado. São colocados e debatidos durante o texto algumas dessas formas. Por exemplo, temos a ordem de divisão social para habitar no acampamento construído. Tal divisão se baseava no status social e poder aquisitivo, como debatido no decorrer da pesquisa. O lazer, por sua vez, também era controlado, existiam clubes diferenciados para quem morava na Vila Sergipe (“vila dos ricos”) e para quem morava na Vila Alagoas (“vila dos pobres”). Estes últimos não podiam frequentar o clube da Vila Sergipe sem uma liberação prévia de alguém da vila, entre outros pontos que eram ditados pela Chesf.

O que mais nos chama atenção, porém, é a receptividade positiva que a população (local e *estrangeira*) em geral tinha e, como apurado nas fontes orais, ainda permanecem tendo sobre a Chesf, mesmo com toda essa questão de uso de poder e autoritarismo que demonstra ter essa relação dual. Os entrevistados demonstraram ter entendimento sobre a forma por muitas vezes autoritária que a Companhia tinha quando se refere à construção social moderna de Piranhas. Entretanto, relevam e relativizam essas atitudes pois, para a maioria deles, era algo necessário

---

<sup>202</sup> FREITAS, Inácio Loiola Damasceno. Entrevista concedida à autora em 10 de setembro de 2016.

para que houvesse o crescimento da cidade no setor econômico, gerando assim mais empregos. Essa relação entre população e Chesf anuncia um ato clientelístico e mandonista aplicado pela Companhia, colocando em evidência um uso oligárquico de poder no final do século XX no interior alagoano.

Entende-se, pois, que a hipótese levantada da existência de práticas oligárquicas na Piranhas do final do século XX é confirmada já que a forma como a Chesf utilizou as vantagens que conseguiu para com a população piranhense se mostra autoritária e negociável (clientelismo). Disso decorreu uma concentração maior de divisão por classe social que a cidade não aplicava nem conhecia de forma eficaz e que forjou a população atual da cidade com muitas referências da cultura “nativa” de Piranhas, ou seja, anterior a Chesf, mas, com diversas modificações que se firmaram por conta da presença da Companhia na cidade.

Sabemos então que a Chesf usou de práticas oligárquicas, ou de um “neocoronelismo” em Piranhas de acordo com as necessidades da população à época. A forma como foi trabalhada a construção da usina, de como a Companhia “segregou” população local e *estrangeira*, mas ao mesmo tempo passando um ar de que trazia a “salvação” para a cidade mostra o quão forte era o monopólio da Chesf pelo Nordeste, trazendo uma volta econômica para Piranhas. A Companhia se consagra com uma estima positiva muito grande por entre a população de uma forma geral, fazendo “apagar” o autoritarismo praticado por ela, ficando enraizado na população o legado positivo que a Chesf trouxe para Piranhas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Modernização e pobreza.** A expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social. São Paulo, editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). Usos e abusos da história oral. 8ª edição. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006.

BATALHA, Cláudio M; SILVA, Fernando T. da; FORTES, Alexandre (orgs). Culturas de classe. Campinas, Unicamp, 2004.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. Ed. Companhia das letras, 2007.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos:** Planejamento e clientelismo no Nordeste. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2008.

CARONE, Edgard. **A República Velha:** Instituições e classes sociais. São Paulo. 1970.

CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras. **História Oral:** teoria e técnica. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1978.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e outsiders:** Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorg Zahar ed, 2000.

ESTRELA, Ely Souza. **Três felicidades e um desengano:** A experiência dos *beraderos* de Sobradinho em Serra do Ramalho-BA. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fev. 2004.

FALCON, Francisco. História e poder. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**: historiografia e história. 16. ed. São Paulo, Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. História geral da civilização brasileira. Tomo III, vol.10 e 11. São Paulo, Bertrand Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_. História concisa do Brasil, 2 ed. São Paulo, editora da Universidade de São Paulo, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e multidisciplinaridade. Rio de Janeiro, Diadorim, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, editora FGV, 2006.

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais e a organização da cultura. 9 ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1995.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org). Memórias e narrativas autobiográficas. Ed. FVG, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. (Org). As marcas do período. *In*. História do Brasil nação (1808-2010): Olhando para dentro (1930-1964): Rio de Janeiro, Objetiva, 2013.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Editora: Revista dos tribunais, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: Um guia para pesquisa e campo. Rio de Janeiro, editora Vozes; Maceió, Edufal, 2013.

LAMOUNIER, Maria Lúcia. A construção das ferrovias no Brasil, p. 31-137. *In*: Ferrovias e mercado de trabalho no Brasil do século XIX. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: O município e o regime representativo no Brasil. 7 ed. São Paulo, 2012.

LE GOFF, Jacques. A história nova. Trad. De Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo, editora Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. Manual de história oral, 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

PANG, Eul-Soo. **Coronelismo e Oligarquias 1889-1943**. A Bahia na Primeira República brasileira. Ed. Civilização Brasileira S.A, Rio de Janeiro, 1979.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo, Contexto, 2005.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RICCEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François [et,al]. São Paulo, editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Rosiane. **Piranhas**: O retrato de uma cidade. Maceió, ed. Cataventos, 1999.

SANTOS, Ronaldo José Ferreira Alves. SICG - M102 - Contexto Imediato documento IPHAN. Oficina de Projetos Ltda. Agosto de 2014.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Percursos de memórias em terras de história:** problemáticas atuais. *In:* BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). **Memória [res]sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. São Paulo – Campinas, editora da Unicamp, 2001.

SILVA, Álvaro Antônio Moreira de. **Piranhas de Baixo, Piranhas de Cima, Nova Piranhas:** Conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de Xingó. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco CFCH, História, 2010.

SOUZA, Alírio Fernando Barbosa. **O coronelismo no médio São Francisco:** Um estudo de poder local. Salvador, 1997.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das oligarquias.** Maceió, Edufal, 2009.

#### **Fontes Orais:**

BARBOZA, Altamiro Gomes. Entrevista concedida em 16 de julho e 2016.

FREITAS, Inácio Loiola Damasceno. Entrevista concedida em 1 de setembro de 2016.

GALVÃO, Lázaro Luiz Carvalho. Entrevista concedida em 08 de abril de 2019.

JÚNIOR, Luciano Cristovam dos Santos. Entrevista concedida em 15 de abril de 2019.

LIMA, Paulo Pereira. Entrevista concedida em 06 de abril de 2019.

MEDEIROS, Francisco Alves de. Entrevista concedida em 07 de abril de 2019.

OLIVEIRA, J.G. entrevista concedida em 13 de março de 2017.

**Relatórios/jornais/revistas/artigos:**

Atlas Xingó/ Eleotério Fernandes... [et.al]. Canindé do São Francisco, SE: Instituto de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Xingó, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, coronelismo, clientelismo:** Uma discussão conceitual. Vol. 40, nº 2, Rio de Janeiro, 1997. Acesso em 03/06/2019.

Hemeroteca Digital Nacional, Diário de Pernambuco. Recife.

LINS, Regina Dulce Barbosa (coord.). Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Piranhas. Alagoas, Maceió, 2010, p. 87.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos trilhos da História do Baixo São Francisco:** Um ensaio sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso. Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Vol.4 nº 8 abril/setembro de 2003 – semestral.

OLIVEIRA, Rezilda Rodrigues. **A Chesf e o papel do Estado na geração de energia elétrica.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v.32, nº 1, P. 10-35, jan-mar, 2001. Acesso em 26/03/2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-212.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

RELATÓRIO: Usina hidrelétrica de Xingó: Impactos regionais. Maio de 1986

RELATÓRIO: Pesquisa socioeconômica e ocupacional de casas e alojamentos do bairro Xingó – Piranhas/AL, vila Alagoas. 1997

SCOTT, James. *Formas cotidianas da resistência camponesa.* Raízes, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan/jun 2002, Campina Grande.

VAINSENCER, Semira Adler. *Chesf (Companhia Hidroelétrica do São Francisco)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em 19 de março de 2019.

**Links:**

<https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/ApolonioSales.aspx>. Acesso em 08 de março de 2020.

<https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/LuizGonzaga.aspx>. Acesso em 08 de março de 2020.

<http://www.igf.com.br/calculadoras/conversor/conversor.htm>. Acesso em 09/10 de março de 2020.

<https://www.facebook.com/groups/794936187675468/>. Acesso em 15 de março de 2020.

<https://ferdinandodesousa.com20190524a-usina-hidreletrica-de-xingo-e-seus-impactos-sociais-e-ambientais>. Acesso em 15 de março de 2020.

## ANEXOS

## Relatório aplicado pela Chesf para a população residente da vila Alagoas em 1997.

## Relatório Final

Pesquisa Sócio-Econômica e Ocupacional de Casas e Alojamentos do Bairro Xingó - Piranhas / AL 31



PROGRAMA DE GERAÇÃO DE EMPREGO E RECUPERAÇÃO DE RENDA EM ÁREAS DE POBREZA DO ESTADO DE ALAGOAS



## PESQUISA SÓCIO-ECONÔMICA E OCUPACIONAL DE CASAS / ALOJAMENTOS DO BAIRRO XINGÓ - PIRANHAS/AL

01. Endereço: .....
02. Casa  Alojamento  Tipo:..... 03. Quantas pessoas residem neste imóvel? .....
04. Nome: .....
05. Sexo:  Masculino  Feminino 06. Idade: ..... anos 07. Naturalidade: .....
08. Estado Civil:  Solteiro  Casado  Viúvo  Divorciado  Desquitado  Outros
- Relação com o Chefe do Domicílio  
 Chefe  Cônjuge  Filho(a)  Outro parente  Agregado  Empregado(a)
10. Sabe ler e escrever:  Sim  Não Gostaria de aprender:  Sim  Não
11. Escolaridade:  
 Não-alfabetizado  Pré-escolar 2º Grau Qual série: .....  
 Alfabetização  1º Grau Qual série:.....  Superior
12. Exceto o entrevistado, quantas pessoas frequentam escola? .....  
 (Quantifique, segundo o grau de escolaridade)  
 Alfabetização  Pré-escolar  1º grau  2º grau  3º grau
13. Conhece algum ofício ou alguma profissão:  Não  Sim Qual: .....
14. Trabalha atualmente:  Não  Sim Onde:  
 CHESF  Empresas Prestadoras de Serviços  
 Governo Fed.  Est.  Mun.  Qual? .....  
 Órgão: .....  Outros Qual? .....
15. N.º de dependentes: ..... Quantos trabalham? .....
16. Qual a renda familiar?  
 menos de 1 salário  de 1 a 1,5 salários  de 2 a 2,5 salários  de 3 a 3,5 salários  
 de 4 a 4,5 salários  de 5 a 5,5 salários  de 6 a 6,5 salários  de 7 a 7,5 salários  
 de 8 a 8,5 salários  de 9 a 9,5 salários  10 salários  acima de 10 salários
17. Nome do responsável pela autorização da utilização do imóvel? .....
18. Pretende permanecer em Xingó?  Não  Sim Quanto tempo?.....
19. Onde residia antes de vir para Xingó: .....
20. Há quanto tempo reside em Xingó? ..... E neste imóvel? .....
21. O que motivou sua vinda para Xingó? .....
22. Quais os maiores problemas de Xingó?  
 Saúde  Educação  Desemprego  Segurança  
 lazer  Transporte  Limpeza Urbana
23. Você deseja mudar para uma casa?  Sim  Não
24. Você participaria de um Programa de Mutirão?  Sim  Não

**Transcrição da entrevista realizada com Francisco Alves de Medeiros em 07 de abril de 2019, em Piranhas – AL, com o intuito de complementar a pesquisa do trabalho de conclusão do Mestrado em História – Universidade Federal de Alagoas.**

M.B – Para começar, seu nome completo.

F.A – Francisco Alves de Medeiros.

M.B – E, a quanto o senhor tá (sic), mora em Piranhas?

F.A – Moro em Piranhas há... desde de (19)89, tem... de 89 pra tem quantos anos?

M.B – 30 anos.

F.A – 30 anos né.

M.B – E, o senhor começou a trabalhar na Chesf, ou já trabalhava antes, em Itaparica né?

F.A - Não, comecei na Chesf, em Paulo Afonso.

M.B – E o senhor trabalha em que lá, qual era o setor?

F.A – Era o setor de mecânica, mecânica pesada.

M.B – E como é que era o dia a dia do trabalho lá?

F.A – Era, você quer saber o que, o horário de, de...

M.B – É, como era que, é, os chefes tratavam vocês da mecânica, etc.

F.A – Realmente, tratava muito bem né, tratavam bem (sons externos); a gente tinha um horário de 10 horas, as vezes até mais, tinha serão, fazia serão quando precisava, era assim.

M.B – Era um trabalho tranquilo, no caso?

F.A – Tranquilo.

M.B – Aí, de Paulo Afonso, o senhor saiu, já veio pra cá, ou não?

F.A – É, lá em Paulo Afonso, eu comecei no final, quer dizer, comecei no início de 71, em fevereiro de 71, é,... no término da terceira usina, terminamos a terceira usina, aí fomos pra Moxotó, a usina Moxotó de Alagoas, aí, terminou Moxotó, a gente veio pra P.A-IV, que foi iniciada pela Chesf e foi terminada pela Cetenco, Companhia de São Paulo, a P.A-IV, e, nesse período, de, de (sic), eu entrei em 71 na Chesf, quando foi em 75, a Cetenco que veio fazer a, construir a usina, aí ela exigiu da Chesf 4 mecânicos, aí a Chesf escolheu 4 mecânicos, eu e mais 3, saímos da Chesf e entramos na Cetenco; é, aí, trabalhei sete anos na Cetenco, terminemos (sic) a obra, começo ao fim, a obra da P.A-IV. Aí, quando a gente terminou P.A-IV, aí já teve a obra de Itaparica em 81; 81... (sons externos), aí a gente começou Itaparica, a gente já foi pra Itaparica pela Mendes Júnior, que construiu a usina; Trabalhei também, por incrível que pareça, sete anos lá em Itaparica também. Aí, de Itaparica, em 89, terminou na obra e a gente veio aqui pro Xingó.

M.B – No caso, a Chesf já trazia vocês...

F.A – Exato, é, é.

M.B – Deslocava.

F.A – Terminava uma usina e passava pra (sic) outra.

M.B – E quando o senhor chegou aqui em Piranhas, já tava estabelecida, no caso, a questão da vilas já tinham sido construídas?

F.A – Ah, já tinham sido construídas; ainda tinha algumas casas que faltava terminar, por exemplo, essa rua aqui que gente mora, e essa da Coopex ali, não tinha sido terminada ainda, porque, aqui, em 87, uma parte, a maioria da vila tava pronta, mas essa daqui, essas duas ruas aqui já foi construída (sic) no final de 88 pra 89. E aí eu fiquei lá n outra vila lá esperando terminar a casa aqui pra mudar pra aqui pra vila Sergipe.

M.B – Assim que construiu o senhor veio pra cá?

F.A – É, foi, foi.

M.B – E aqui, na Chesf aqui, o senhor fazia o mesmo serviço também?

F.A - É, o mesmo serviço. Aí aqui era, eu já era encarregado de mecânica né, ãã, na (sic), quer dizer, desde Itaparica lá na ...

M.B – Já era encarregado?

F.A – Era.

M.B – Quantos anos o senhor ficou morando na vila Alagoas, no caso, foi muito tempo?

F.A - Ah, foi só enquanto terminava as casas aqui, aí a gente ficou lá na vila Alagoas uns ..., uns dez meses, foi nem um ano.

M.B – E, é, falando assim na parte social, como é que era a distribuição das pessoas nas vilas, porque, é, pesquisando, e fazendo entrevistas também, me disseram muito que tinha uma divisão, como se fosse uma divisão de classe, quem morava na Vila Sergipe, quem morava na Vila Alagoas e no Bairro Nossa Senhora da Saúde, cê (sic), você percebia essas coisas, como você percebia?

F.A – É o seguinte, na vila Alagoas, é porque morava aquele pessoal de nível mais inferior, é, vamos dizer assim, até feitor de, de, de (sic) setores, e aqui na vila Sergipe já morava de encarregado; encarregado de serviço, acima, entendeu?

M.B – Entendi. Mas, o senhor sabe, mais ou menos porque a Chesf fez esse tipo de divisão?

F.A – É, agora, essa divisão da vila Sergipe pra vila Alagoas é, é porque aqui, a usina pertence a Sergipe e a Alagoas, entendeu; aí eles disseram, bom já que tem duas vilas, vamos botar como vila Sergipe e outra como vila Alagoas.

M.B – Por isso que eles (inaudível) esse nome.

F.A – É, fizeram essa divisão.

M.B – E, é, outra coisa que eu escutei muito também, foi dizer que existiam rivalidades, certos grupos que moravam aqui na vila Sergipe e na vila Alagoas; o bairro Xingó era o que mais tinha esse tipo de rivalidade por conta da diferença social que existia de uma vila pra outra. O senhor sabe se existiu mesmo isso, é, vivenciou alguma coisa que possa comentar?

F.A – É, existia sim, existia porque, aqui tinha um clube, lá tinha outro; pessoas daqui, dificilmente ia pro clube de lá, entendeu? E os de lá, a maioria, não vinha pra aqui, aí tinha essa...

M.B – Não tinha essa mistura, entre aspas, né?

F.A – É, não tinha essa mistura.

M.B – E, como era o dia a dia das pessoas de maior escalão, digamos assim, da Chesf, na vivência com o pessoal daqui da (sic), que vieram né, de outras localidades morar em Piranhas, era amigável, como que era?

F.A – Era, era sim, era muito amigável, era muito, é, existia uma boa amizade né.

M.B – uma boa convivência né?

F.A – Uma boa convivência uns com os outros, e num (sic) teve problema não, tranquilo.

M.B – Teve, tinha (sic) alguma explicação, é, quando eu entrevistei até meu pai, ele disse que tinha a divisão, digamos assim, de transporte pra ir trabalhar, existia a diferença de transporte, carro pra uns, ônibus pra outros e caminhões pra outros. Tinha alguma, alguma (sic) desculpa, digamos assim pra divergência de transporte para as pessoas? Explicação pra isso?

F.A – É, é, dependendo o nível, o nível da pessoa né, vamos dizer assim, se o trabalhador de feitor abaixo, andava em caminhão; de encarregado acima era de ônibus...

M.B – ônibus, e, carro era mais pra ...

F.A – É, carro pequeno era pra chefe de setor e tudo mais, pessoas que tinha (sic) o carro, o carro na mão né, com eles.

(sons externos)

M.B – O senhor chegou aqui em 89, só que, um pouco antes, quando tava fazendo é, as pesquisas de onde ia ser construída a usina, podia ter sido construída lá onde é Piranhas de baixo, e, ouvi dizer que não construído porque houve algum tipo de resistência das pessoas porque ia inundar aquela parte de Piranhas.

F.A – É, exatamente, aqui teve dois projetos aqui essa obra. O primeiro projeto não foi aceito porque ia inundar a cidade de Piranhas, aí eles fizeram novos projeto (sic), e aí num, num (sic) não inundou a cidade e...

M.B – mudaram o lugar.

F.A – É.

M.B – Mas, esse segundo projeto que foi feito, foi a Chesf mesmo que escolheu fazer ou houve algum tipo de reivindicação das pessoas, da população piranhense para que fizesse?

F.A – Exatamente, é, o pessoal, a maioria não aceitaram sair de Piranhas, né, sair da cidade de piranhas, queriam ficar lá de qualquer maneira, e a Chesf fez outro projeto.

M.B – Por que, no caso, se fosse inundar lá, essa construção daqui seria pra abrigar aquelas pessoas, e eles não quiseram sair.

F.A – Exato, é, foi.

M.B – O que mais? Aí senhor trabalhou aqui até o final da construção também?

F.A – Até o finalzinho.

M.B – Como foi o sentimento assim de ter terminado a última, porque, a usina daqui foi a última do Complexo Chesf né, que é chamado. Como foi o sentimento assim, depois do fim, você olhou, trabalhou em tantas usinas, como é que foi o sentimento, como você se sentiu?

F.A – É, pra mim foi bom demais, porque eu trabalhei, nem esperava ficar até o final; foi saindo o pessoal, o engenheiro, e pro final, só ficou nos setores lá da gente, de mecânica, só ficou eu como encarregado, um técnico e um... é, só ficou eu e um técnico pra; eu fiquei, me entregaram quatro funcionários, quatro mecânico (sic) comigo, e a gente carregou tudo quanto foi de equipamento lá, que trabalhava na obra, a gente ficou pra fazer isso, enquanto tinha equipamento nós tava aqui (sic), até mandar o último, uns ia pra São Paulo, outros ia pra Belo Horizonte, é, é (sic), porque aqui tinha Constram (?), CBPO, aí teve essa; aí foi bom, foi bom porque eu fiquei até os dias de, quando terminou já tava, já deu certo pra aposentadoria já.

M.B – E decidiu continuar morando aqui?

F.A – Foi, aí, decidi morar aqui.

M.B – E como é que o senhor vê a participação né, a intervenção que a Chesf fez aqui na cidade, porque, o senhor, tava sendo construído o que é Piranhas hoje por conta das vilas e etc., então, como é que o senhor o Piranhas antes e o Piranhas pós intervenção da Chesf? Quais as diferenças, as melhorias, alguns malefícios que tenham tido.

F.A – Bom, a obra, a usina, cresceu muito Piranhas, porque antes, nem estrada tinha, nem estrada tinha aqui, era umas estradinha (sic) de chão né; essa estrada mesmo pra Canindé foi construída pela, pela Consórcio, pelas firma (sic) que veio construir a obra, foi quem construiu esse asfalto aqui da obra pra Canindé, e essa ponte também.

M.B – A ponte que liga Canindé a Piranhas.

F.A – É, essa ponte também, porque não existia, não existia essa ponte aí né, atravessando de Sergipe pra Alagoas. Foi construída na época da obra, em 87, 87.

M.B – Então assim, geograficamente e economicamente, foi bom pra cidade.

F.A – Foi.

M.B – E socialmente, como o senhor vê o impacto da Chesf em Piranhas na questão social?

F.A – Eu acho que foi, foi muito bom né, muito bom porque, sobre o crescimento depois da obra foi muito bom.

M.B – Não há nenhum, digamos, malefício, digamos, com vinda da Chesf pra cá? Que o senhor lembre.

F.A – Só veio trazer melhoria, só veio trazer coisa boa né, porque...

M.B – O crescimento da cidade.

F.A – O crescimento da cidade. Porque antes só quem vinha aqui era quem tinha negócio e quem morava aqui, e hoje em dia tem tudo, principalmente o turismo né, porque se não fosse a hidrelétrica não existia turismo aqui (sons externos).

M.B – Nem a cidade seria tombada né, como patrimônio histórico.

F.A – Exato, exatamente.

M.B – Muito bem Seu Chico, o que mais o senhor tem pra acrescentar sobre o assunto que o senhor lembre, qualquer coisa que o senhor queira falar, pode ficar a vontade.

F.A – Quero dizer é que nós estamos tranquilo, satisfeito, morando num lugar bom...

M.B – Verdade.

F.A - ... né, as vezes falta alguma coisa, mas tem as cidades maior perto, que fica perto também e a gente vai, aí tudo bem, tem que agradecer né.

M.B – Obrigada pela entrevista.

F.A – De nada.

**Transcrição da entrevista realizada com Paulo Pereira Lima em 06 de abril de 2019, em Piranhas – AL, com o intuito de complementar a pesquisa do trabalho de conclusão do Mestrado em História – Universidade Federal de Alagoas.**

M.B – Para começar, seu nome completo.

P.P – Paulo Pereira Lima

M.B – A quanto tempo o senhor mora em Piranhas?

P.P – Piranhas, eu tô (sic) aqui desde 2008.

M.B – Onze anos.

P.P – Onze anos.

M.B – E, como foi essa questão da sua vinda para cá pra (sic) trabalhar na Chesf? Porque eu sei que você morava em Paulo Afonso e vinha todos os dias.

P.P – Sim, no tempo eu morava em Paulo Afonso e surgiu né, um concurso da Acoplam, da empresa acoplam pra trabalhar, prestar serviço, que ela prestava serviço pra Chesf pra trabalhar no setor da Chesf, no (sons externos) serviço econômico e financeiro da Xingó, e, teve (sic) o concurso, umas duzentas e poucas pessoas fizeram a primeira etapa, foi na área contábil né, é minha redação, e a primeira etapa era (sons externos) uma redação, uma redação e um ditado, entendeu?; aí os aprovado (sic) iam pra próxima etapa, e nessa aí teve pra outras também, comunidade, ...

M.B – No caso, você entrou já pra trabalhar na questão da contabilidade?

P.P – Já foi pra trabalhar na contabilidade mesmo, porque eu fiz pra contabilidade né, eu, no tempo, como técnico em contabilidade, ainda sou técnico né, ainda não terminei o superior, tô tentando, e, passei né, quando eu passei fui convocado, vim até o escritório da Chesf, e, só eram três vagas, eu tirei uma nota boa, não sei minha nota, mas parece que a minha foi a segunda nota...

M.B – Foi boa, passou.

P.P – Parece que foi a segunda maior nota, o outro que entrou lá foi o Armindo e o Daniel, Daniel entrou na peixada, sempre tem um peixe né, Daniel nem passou na prova, foi na peixada.

M.B – E como você fazia, já veio morar aqui em Piranhas ou continuou em Paulo Afonso?

P.P – Não, eu continuei em Paulo Afonso, a Chesf naquele tempo, o pessoal chamava nós de marajá, nera (sic), a Chesf dava ônibus, (sons externos) tinha ônibus que saía de Paulo Afonso, tinha um que saía da vila setenco (?), tinha dois ônibus que saía, um de Paulo Afonso, um na vila setenco (?) e um da barragem.

M.B – E esse apelido de marajá, vinha porquê?

P.P – É do tempo do Collor. Aí, como eles pagavam muito bem, né, aí, a gente, como vinha trabalhar aqui na, aqui pro (sic) lado da Chesf de Sergipe, que é lado de Alagoas né, não é Sergipe (?). aí tinha o consórcio lá embaixo, e o consórcio, quando a pessoa vinha trabalhar no consórcio, eles não vinham pra casa, eles ficavam lá, só tinha aqueles, caminhão (sic) né, que levava o pessoal, mas eles ficavam e ia no final de semana.

M.B – Entendi.

P.P – Eu não, eu ia todo dia, vinha todo dia.

M.B – Mas, com transporte dado pela Chesf?

P.P – Da Chesf, tudo da Chesf, e quando eu entrava no transporte, eu já tinha, pra vim de lá pra cá eu já tinha uma hora e meia de, de hora extra, e pra voltar, uma hora e meia, tinha três horas extras por dia sem trabalhar, só dentro do transporte.

M.B – Entendi. E como era a diferença; você conseguiu trabalhar na Chesf em Paulo Afonso ou veio diretamente pra cá?

P.P – Na Chesf não, vim direto pra cá, na Chesf de Paulo Afonso eu só fiz meu estágio.

M.B – E como você vê a diferença do seu estágio lá na Chesf em Paulo Afonso e daqui. Como a Chesf, como posso dizer, existia alguma diferença entre como a Chesf trabalhava lá em Paulo Afonso e como trabalhava aqui, em relação as pessoas?

P.P – Sim, não, em relação as pessoas não, porque lá em Paulo Afonso, é, era do mesmo jeito daqui, eles trabalhavam sempre em cima de contrato, entendeu, tem as empresas contratadas e eles trabalhavam, faziam quase a mesma função, entendeu? Só que lá já era um negócio que já tava mais junto ali, não tinha a obra, e aqui trabalhava com a obra, inclusive aqui, é, não tinha nada a ver com Paulo Afonso, era com Recife, tudo que vinha era de Recife pra cá. E, naquele tempo, eu trabalhava no escritório de contabilidade, a gente trabalhava muito com contrato, aqueles prestadores de serviço, Locario, Sinoc (?), Acoplam, entendeu, e, é, eles faziam um contrato e a gente trabalhava em cima daqueles contrato (sic) pra liberar dinheiro pra ele, mas a contabilidade em si, era em Pernambuco, em Recife.

M.B – E, no caso, quando você veio morar em Piranhas, você ainda trabalhava na Chesf, ou não?

P.P – Não, quando eu vim morar em Piranhas, eu trabalhei na Chesf no período de 1988 a, 1988 (sic), uns quatro anos, 88 até 91, por aí, quase cinco anos, foi quando teve o impeachment do Collor.

M.B – (19)92.

P.P – Então, quando teve o impeachment do Collor e a Chesf disse que não ficava com mais ninguém, só com a mão de obra como, eu era mão de obra, entendeu, eu trabalhava no financeiro

da Chesf, e, o Derick, alguns, só que o João Paulo, o engenheiro João Paulo, ele classificou que a gente era, não era prestador de serviço, entendeu, a gente era projeto de consultoria, aí ele fez o que, botou os peixe (sic) dele, entendeu, tipo, vamos supor, o Otto, Arquimedes, que tavam (sic) estagiando e ele aproveitou, como ele é engenheiro e colocou em nosso lugar, assinou e foi embora.

M.B – Entendi.

P.P – O sindicato brigou no tempo, tudo, mas não conseguiu nada, e, a gente ficou, mesmo com o impeachment do Collor, a gente ficou até ele ser concluído, aí depois foi concluído, aí Chesf ficou só com o, tirou os empreiteiro (sic), e ficou só com a mão de obra...

M.B – A Chesf, no caso, tinha essa visão de que todas as empresas pelas que vocês foram contratados, era, de alguma forma ligada ao presidente, no caso? E por isso, quando teve o impeachment eles tiraram vocês ou...?

P.P – Não, é porque assim, veio uma ordem lá de Recife, da Chesf, que era pra ficar só os contratados, é, os prestadores de serviço, os prestadores de serviço (sic) seriam contratados pra Chesf.

M.B – Exclusivamente da Chesf né?

P.P – Tipo, como passou, como, é, Lázaro, Augusto César, é tudo do meu tempo, e passaram.

M.B – Que eram diretamente contratados pela Chesf, não por terceirizados.

P.P – Era, que eles trabalhavam na (inaudível), na Jomarf (?), entendeu; era uma empresa que a Chesf tinha como mão de obra, não como projeto de consultoria como a Acoplam, a Oriente, aí a gente não conseguiu entrar por esse motivo, e, aí eu fui embora pra São Paulo, quando eu voltei, foi agora em 2008, eu fui em 1992 pra São Paulo. Assim que saí da Chesf, demorou pouca coisa e fui pra São Paulo.

M.B – E, nessa época então, esses 4 ou 5 anos, em relação a convivência das pessoas que vieram de fora trabalhar aqui, como é que (sic). Você teve algum contato pra saber dessa convivência? Como era que a Chesf é, trabalhava com essas pessoas, no caso, é, tinha algumas restrições nessa separação de vila Sergipe, vila Alagoas?

P.P – Tinha, no tempo tinha, porque, no tempo, vila Sergipe, a vila Alagoas era mais pra peão né, pra aquele peão, inclusive, não só o peão da Chesf, o peão da, do consórcio e tudo, que ele construiu já pra isso mesmo, ele separou vila Sergipe e vila Alagoas. Vila Sergipe era só pra os doutores, pra o engenheiro, esse pessoal assim, encarregado, chefe, inclusive, eu, eu não era da Chesf, eu como técnico, entendeu, eu tinha um alojamento aqui no Cascavel, negócio que um funcionário da Chesf não conseguia, pra você vê como era a, o negócio. Não, quem tem direito a alojamento? Só técnico, encarregado, engenheiro, aqueles que não são casados.

M.B – A Chesf que impunha isso?

P.P – É, botou lá. Aí, eu digo, então, se técnico tem direito, eu quero também. Fui lá e peguei e tinha um alojamento aí.

M.B – mas, mesmo assim, não morou aqui, nessa época?

P.P – Não morava não, ficava com chave e pegava tic, era a Chesf que dava, eu pegava café, almoço e janta.

M.B – (Risos). Aí, essa divisão que existia, a Chesf dava muitas restrições para as pessoas das outras vilas, sem ser a vila Sergipe, ou, essa divisão que a Chesf fez foi imposta muito diretamente, ou foi, como posso dizer, maquiada, e as pessoas não foram percebendo?

P.P – Eu acredito que as pessoas não foram percebendo, algumas perceberam né, que, é, (sic), no tempo, quando eu lembro quando eu vinha de Paulo Afonso e o ônibus passava por aqui, pra pegar alguém por aqui que a maioria daqui já tinha um ônibus que saía da vila, entendeu. Então, ali, essa vila daqui o pessoal já sabia que era pra quem tinha um cargo alto; engenheiro, chefe, doutor, esses negócio (sic), peão, aquele mais elevado, entendeu, que consegui, mas, outro, pra mim ...

M.B – Mesmo assim, eram poucos, no caso?

P.P – Eram poucos, não tinha aquele peão morar aqui, o peão mesmo, assim, da Chesf, como mora hoje.

M.B – Não morava né.

P.P – Não mora, entendeu; a casa da Chesf não morara, aqui só morava quem tinha uma função alta.

M.B – E, é, nas pesquisas que eu fiz anteriormente, é, me mostrou um pouco que tinha conflitos entre essas pessoas, principalmente vilas Sergipe e Alagoas. Você chegou a ouvir ou ver alguma coisa?

P.P – Olha, eu vou dizer pra você, porque eu, ouvir não, assim, eu sempre tava (sic) dos lado; quando eu ficava aqui, eu sempre ia pra o lado de Alagoas, porque minha irmã morava lá, entendeu, eu vinha só mais pra dormir, assim, mas eu ficava mais com minha irmã, entendeu; e o meu colega ficava mais com a chave, eu dava pra ele, mas eu ia pra Paulo Afonso, mas assim, eu ouvia dizer assim, o pessoal só comentar, que, ali é vila de playboy, é de madame, é só de quem tem dinheiro, é, e, se você pra isso mesmo, pra dividir mesmo, é, peão, com, é, chefe, com engenheiro, entendeu, advogado, coisa assim.

M.B - Uma divisão de classe, digamos.

P.P – É, uma divisão de classe, pra não misturar.

M.B – E, o que mais posso perguntar...

P.P – Pode perguntar, fique a vontade.

M.B – Na sua visão da Chesf ter vindo pra Piranhas, quais os benefícios que você vê que ela trouxe pra cidade e os malefícios que ela trouxe também.

P.P – Olha, na minha visão, no tempo que (sic) quando eu cheguei pra Chesf, no tempo, é, tinha gente que já tinha vindo né, que eu não vim assim que começou não, vim pouco tempo, que eu vim em 88 mas teve gente que em 87, 86 já tava por aqui, entendeu, e, não tinha, assim, não tinha nada, praticamente, quando eu vim ainda tavam (sic) fazendo túnel, inclusive quando (inaudível) a gente na Chesf lá pra ir, a gente ia, botava uma capacetezinho branco pra, entendeu; é porque assim, pra mostrar pro pessoal da Chesf, entendeu, querendo ou não eu trabalhava na Chesf, e tava junto do pessoal da Chesf, fazia refeição no restaurante da Chesf, tinha 3, 4 (inaudível), o da garagem lá, 3, e um na beira do rio, 4 restaurantes.

M.B – Todos da Chesf?

P.P – Todos da Chesf, pra você escolher, e todo dia era 3 tipos de refeição, café da manhã, vou dizer, e ainda tinha peão, agora no café da manhã os peão (sic) podia vim, qualquer pessoa podia vim, não tinha essa discriminação não, porque quando o restaurante era pra o pessoal de fora, entendeu, não era pra o pessoal que morava aqui, o restaurante era pra o pessoal de fora, a gente de Paulo Afonso, aí não tinha casa aqui, mas muita gente aqui aproveitava e ia fazer refeição lá, aí a pergunta, você perguntou se teve alguma restrição né? Não, muita gente, assim, eu não lembro de ter restrição não, assim, de dizer, porque, na Chesf, naquele tempo, é, foi um tempo de inflação, tempo de Sarney, todo mês aumentava o salário, entendeu; então, acho que muita gente não percebia isso, sabia que todo mês ia aumentar o salário dele, uma inflação danada, mas, não tava nem aí (sic), se divertia do mesmo jeito, e achava bom, e era bom, o hospital aqui, a Chesf que fazia, a Unex, você estudava na Unex, você, entendeu; dizia, eu estudo numa escola hoje.

M.B – Os benefícios que a Chesf colocou.

P.P – Os benefícios da Chesf foi esse aí, e sempre protegendo a vila Sergipe.

M.B – No caso, qualquer coisa que tivesse, a vila Sergipe era sempre em primeiro lugar?

P.P – A protegida, é que é onde tinha os “bam bam bam” né, lá não, lá tinha peão de todo jeito lá, do consórcio, da Chesf, eles não tavam nem aí, mas o importante era aqui, inclusive, até negócio de energia eles botaram uns, como é o nome daquele negócio aí.

M.B – Poste?

P.P – Não, que fica no poste.

M.B – Condutor de energia, algo assim.

P.P – Inclusive, que, até quando dava problema a Ceal queria levar lá pra Delmiro, aí dava uma confusão danada, porque isso quem botou foi a Chesf, eles queriam levar pra lá porque economiza mais e dá mais segurança. Aí tinha esses problema (sic) aí, mas, problema besta, mas a preocupação era aqui, sempre foi aqui.

M.B – De ruim, alguma coisa que o impacto da Chesf causou de ruim, você viu alguma coisa?

P.P – De ruim, naquele tempo, de ruim na Chesf, assim, que eu vi mesmo, ruim... Eu não vi nada de ruim assim na Chesf, entendeu?; que teve de errado...

M.B – Sei

P.P Entendeu?; só, pra mim de ruim, só foi sobre (sic) na que foi pra contratar as pessoas que teve a discriminação, só isso

M.B – Depois de (19)92 né?

P.P – É, que João Paulo fez essa discriminação, entendeu, ao invés de colocar as pessoas certas, não, ele colocou gente que ele achou que deveria entrar.

M.B – João, João Paulo era o que na época, da Chesf?

P.P – Era engenheiro do DOX (Departamento de obra de Xingó), era o que mandava, aí, o assistente dele era o Baratão, conheceu Baratão?

M.B – Não.

P.P - Um Caba (sic) que não passava dessa porta aqui, era, baratão todo mundo tinha medo dele né, Baratão, e João Paulo era o DOX, (Departamento de obra de Xingó), ele quem saía, quem fazia tudo e a sala dele tinha Baratão, quando ele saía quem resolvia era o Baratão, tudo, é, passava por eles, e tudo passava pela contabilidade, pra liberar, todo dinheiro passava lá por nós.

M.B – É, você vê que a Chesf, depois de 92 tomou um pouco o rumo diferente?

P.P – É, porque, ali é, praticamente, (sic) que a Chesf trabalhava praticamente em função do consórcio, entendeu, a barragem, que a Chesf tava esperando era a barragem pra que? Pra concluir a usina, entendeu. Depois que concluiu, o consórcio...

M.B – Se desfez.

P.P – Se desfez, então, ali não tinha mais como você manter as pessoas, entendeu?; tá aí só, mais daqui um tempo, tem a administração ali, ali acaba, que, a Chesf tá esperando só o pessoal mais velho sair pra, é...

M.B – É, ela tá passando por uma nova crise agora né.

P.P – É, também né, aí ficar sói com a usina, a intenção é essa e, e, (sic), contratar pessoa pra fazer limpeza, só isso, ao invés de ter funcionário da Chesf.

M.B – No mais, o que você tem pra acrescentar sobre o assunto? Qualquer coisa que você queira falar sobre o assunto, pra finalizar.

P.P – Como assim, você quer que eu fale sobre...

M.B – Sobre a Chesf, sobre o seu tempo, o que você lembra e que quiser comentar, pode ficar a vontade.

P.P – Olha, no meu tempo da Chesf, é, o que eu achava assim, era muito dinheiro, tipo, jogado fora, entendeu; por exemplo, tinha empresa que tinha prioridade.

M.B – prioridade, como assim? Em que sentido?

P.P – Prioridade em receber mais.

M.B – Entendi.

P.P – O contrato era mais. Sempre tinha um negócio que era assim, a pessoa pra receber mais, por exemplo, vai uma, a (inaudível), a Jomarf (?), a Locario, a Locario ganhava dinheiro demais ali.

M.B – E essas empresas eram contratadas para fazer o mesmo tipo de serviço, ou serviços diferentes?

P.P – Não, a Locario era manutenção, entendeu; era manutenção, que Locario tinha os mecânicos, tudo, aí acho que aqueles carro (sic) da Chesf quando dava problema levava pra Locario, aí a Locario, entendeu, ajeitava; Já tinha Sinoc, a Sinoc fazia o que, eu trabalhava até com contrato da Sinoc e não lembro mais o que a Sinoc fazia, é, a Sinoc tava lá porque tinha só um engenheiro e uma funcionária lá, e o cara só ia lá, e toda vez me cobrava, ‘e aí Paulinho, sai dinheiro pra gente hoje?’, desse jeito, aí, aí ia na chefe, a chefe dizia, ‘ó, é com Paulo lá, é com ele, ele que sabe se tem que liberar ou não’, aí ela deixava tudo na nossa mão, o contrato né, tem o contrato aqui. Aí, naquele tempo, tinha muita inflação, aí tinha, ... a gente calculava inflação, tudo, era dinheiro que só que os caba (sic) recebia. Tem aqueles que os caba (sic) adiantava, não era pra adiantar, mas adiantava, conversava com a chefe, ela mandava, converse lá com ele, mas tinha que passar por nós, parecia mentira, mas é verdade, porque a gente que era responsável pelo contrato.

M.B – É, vocês que tinham tudo na ponta do lápis né.

P.P – É, a gente se informava com a chefe se tinha dinheiro, quando a Chesf mandava dinheiro, era muito dinheiro, aí a chefe dizia, ‘ói, tem num sei quanto aí pra ser liberado’, aí perguntava pra mim, Lia perguntava pra mim; Paulinho, olhe aí se não tem nada não pra liberar pra Sinoc? Aí eu digo, tem, mas não pra de imediato. Mas você pode liberar? Poder, pode né, mas, como se diz né, não tô ganhando nada.

M.B – No caso, quando você diz assim, a Chesf gastava muito dinheiro, quando, por exemplo, teve a... o povoado de Canaveiras foi, as famílias foram retiradas porque virou reservatório da Chesf o local, e eles ganharam casas como indenização. Teve alguma, algum outro tipo de indenização, ou foi só as casas, já que passava muito por vocês, que essas pessoas receberam.

P.P – Sim, mas esse dinheiro (sic) não passava por nós.

M.B – Ah, entendi.

P.P – Entendeu, a gente só, só chegava dinheiro na tesouraria pra pagar os empreiteiros, aí as vezes eles mandavam dinheiro a mais, caso precisasse, aí ficava com a chefe, do econômico, financeiro, aí ela ia e avisa pra nós, ‘óí, tem num sei quantos mil aqui, aí vocês vê (sic) aí o que é que vocês pode (sic) liberar’. Aí quando a gente demorava a liberar, aí o João Paulo lá chamava nós, pra perguntar por que tá demorando, se tem dinheiro.

M.B – Mas sempre só para as empreiteiras?

P.P – Só pras empreiteiras, e esse negócio aí de indenizações, tudo, isso aí já era pro lado de Recife, não era pro lado daqui.

M.B – Entendi, vinha só a ordem, então.

P.P – É, porque isso era tipo um processo nera (sic), aí os advogados entrava (sic) no meio e tudo, aí vinha de lá. Então, não vinha direto pra cá, os dinheiro (sic) o dinheiro só vinha pra cá pra pagar os empreiteiros, e, mas nada; o que a Chesf trabalhava muito era com depósito. Quando ele mandava o dinheiro, ele mandava em um depósito na conta da Chesf, pra quando chegar na tesouraria, a tesouraria ir liberando, a gente fazia as guias de pagamento e eles só liberavam. E sobre esse negócio aí de indenizações, eu não tive acesso a isso, porque quando eu cheguei já tinha começado, entendeu.

M.B – já tinha começado, é verdade.

P.P – Eu cheguei em 88 e já tinha feito essas indenizações, eu fiquei sabendo, entendeu, teve gente que foi indenizada e tudo, mas assim, valores eu não cheguei ...

M.B – Sua parte era totalmente técnica no caso né?

P.P – É, não chegava até nós não da contabilidade, podia chegar até João Paulo, ele que era o DOX (Departamento de obra de Xingó), mas não chegava pra nós, pra nós ali só chegava o dinheiro que era pra pagar os empreiteiros, e era muito, não era pouco não, vou dizer pra você, os caba (sic) comeram dinheiro ali viu, teve gente que ficou rico ali; Sinoc, é, a Locario, o (inaudível).

M.B – E pra finalizar, como é que você vê essa intervenção, digamos assim, da Chesf na cidade. Você acha que foi boa, foi ruim e porquê?

P.P – É, boa foi né, porque, porque aqui antes da Chesf não tinha nada, você chegava aqui e não tinha nada, então, assim, quem criou praticamente essa vila aqui, e a Alagoas, e deu vida a Xingó aqui, não a Piranhas Velha, me refiro aqui, Xingó, foi a Chesf. O hospital, a escola, tudo foi a Chesf, porque, ela investiu, quer dizer, ela botou dinheiro aqui porque, eu acredito que pra eles não era problema, se fosse eles não tinham feito isso, entendeu; e de certa forma eles faturavam sim...

M.B – Era uma questão de investimento né.

P.P – (inaudível) porque, foi concluída, a intenção era a usina, então, aquelas mão de obra ali pra complementar, pra chegar até a usina.

M.B – Totalmente questão de investimento, pra Chesf foi...

P.P – Totalmente, pra eles foi nada entendeu, que, o quanto ele não ganha hoje com a usina, entendeu.

M.B – Entendi.

P.P – Plantou e agora tá colhendo né, tanto que, a Chesf não faz nem questão pelas casas daqui, não faz questão, vendeu o que? Barato. No tempo, se desfez, a Chesf não tinha mais pra que ficar aqui, aquilo lá, então, se desfez, o pessoal que tava ali, é, procuraram outro lugar pra se locar, pra trabalhar, uns foi (sic) pra Paulo Afonso, outros pra Sobradinho, outros foi pra, entendeu, onde tinha local, e, tem uns que tão na Chesf, tem uns que tão em Aracaju, onde (inaudível) que não é em todos os estados, então, saíram, porque,... mas se tivesse no mesmo pique, tava do mesmo jeito, e era bom, era bom, era bom pra quem tava morando, que, Piranhas antes não era nada, Piranhas antes só era Piranhas Velha, aqui não era nada, isso aqui tudo foi a Chesf quem deu vida.

M.B – Obrigada Paulinho.

P.P – De nada, se foi útil.

M.B – Foi sim, muito.

**Entrevista realizada via e-mail, onde foi disponibilizado para o entrevistado uma lista prévia de perguntas das quais seriam respondidas as que fossem interessantes para o mesmo. Realizou-se esse processo no dia 15 de abril de 2019 ressalta-se que essa foi a maneira encontrada para obter o depoimento do senhor Luciano, pois este mora atualmente em uma cidade distante.**

**- Para registro, qual o seu nome completo?**

Luciano Cristovam dos Santos Junior, 37 anos, Casado, Economista, Gestor de Projetos Sociais

**- A quanto tempo o senhor (a) reside em Piranhas?**

Residi em Piranhas em dois períodos da minha vida, na adolescência e juventude entre 1992 e 2001 e na idade adulta entre 2008 e 2016, mas sempre faço visitas constantes e mantenho vínculos pessoais com a região.

**- O que o senhor (a) pode nos contar sobre a época da Chesf na cidade? Como era o dia a dia das construções?**

Na época da construção da UHE de Xingó, era um movimento muito grande, tínhamos profissionais ligados à construção civil de todo o país empenhados no trabalho de construção da Usina, a CHESF como a proponente da construção da Obra e as empresas empreiteiras, organizadas em consórcios, Construtora Xingó e a XML - Xingó Montagens LTDA, também haviam outros profissionais em menor proporção em relação aos da construção civil que eram, médicos, engenheiros, advogados, professores, odontólogos, profissionais de saúde, comerciantes, entre outros, para atender as demandas do bairro e região, atraídos por incentivos salariais ou promessas de prosperidade à partir da implantação da grande obra.

Para atender toda esta demanda (por moradia e serviços), a CHESF como vem fazendo em seu histórico de implantação deste tipo de empreendimento, teve que fazer investimentos em infraestrutura para comportar estes trabalhadores e suas famílias, sendo assim, foi necessária a construção do Bairro Xingó, organizado em duas Vilas (Sergipe e Alagoas, separadas pela Av. São Francisco).

A Vila Sergipe com casas maiores (tipo A, B e E) e com acabamento melhor para atender os profissionais da CHESF e empreiteiras, que possuíam formação técnica e superior, como médicos, engenheiros, técnicos em edificação, mecânica, entre outras, e a Vila Alagoas com casas menores (tipo C e D) e com acabamento diferenciado para os demais trabalhadores da CHESF e Empreiteiras de nível médio, como eletricitas, pedreiros, motoristas e ajudantes da construção civil. Nestas duas Vilas ainda tinham alojamentos, para profissionais temporários, solteiros, que passavam a semana, e na Vila Sergipe o alojamento cascavel, comportava os professores, profissionais de saúde, em geral profissionais de nível técnico e superior e na Vila Alagoas o alojamento desde a época chamado de fazendinha, hoje bairro Nossa Senhora das Graças, que recebia profissionais de nível médio ou de baixa escolaridade, (comumente chamados na época de peão de obra).

Existiam dois restaurantes para alimentação dos funcionários da CHESF e Empreiteiros, da mesma forma distribuídos um restaurante macrobiótico na Vila Sergipe e o restaurante São Mateus na Vila Alagoas, ambos para os profissionais de acordo com a sua situação de classe trabalhadora já citada à cima, dois clubes construídos com esta mesma perspectiva de classe com o Atalaia na Vila Sergipe e Pajuçara na Vila Alagoas, não havia restrição para as pessoas frequentar e/ou associar aos clubes em relação às suas classes, mas a distância geográfica entre os mesmos e vilas era grande, e por aí já segregava, por exemplo, a utilização de suas instalações do Clube Atalaia por pessoas que moravam na Vila Alagoas ficava mais difícil por conta da distância, mas precisavam estar associados, o que dificultava mais.

Os equipamentos públicos em comum eram a Escola UNEX – I Unidade Escolar de Xingó – I, Pré Escola Passo a Passo (Hoje a CEMED) e o Hospital, UMSX – Unidade Mista de Saúde de Xingó Senador Arnon Afonso de Melo que foram construídos pela CHESF e administrados pelo Governo do Estado de Alagoas em convênio com a mesma, eram serviços públicos subsidiados com recursos e incentivos da CHESF, por conta das demandas da população trabalhadora da Usina de Xingó, tanto a escola como hospital se tornaram referência para a região, por conta da construção da estrutura muito boa e gestão subsidiada pela CHESF, e disponibilização de serviços e medicamentos ofertados com certa qualidade.

Em relação às questões comuns ainda, tem-se também o Centro Comercial de Xingó e a feira livre que acontecia às sextas-feiras, ficavam na Vila Alagoas e nas proximidades da Av. São Francisco que dividia as duas Vilas, a CHESF fazia uma inscrição e os comerciantes recebiam a posse de terrenos, box e espaços para comercializar seus produtos e empreender seus negócios, ofertando bens e serviços para a população em geral. Um detalhe interessante é que haviam duas guaritas que se posicionavam nas extremidades da Av. São Francisco, nas duas saídas do bairro, as pessoas para entrar em sair precisavam se identificar (isso aconteceu por um período em que houveram alguns assaltos e sequestros no bairro, mas depois foram desativados), outro serviço que existia era de transporte público, havia um ônibus circular que girava no entorno das duas vilas, servia para o transporte dos alunos para as escolas e para pessoas que quisessem se locomover no bairro atrás de serviços como comércio, bancos, hospital, etc., tinha um intervalo de 1h aproximadamente no seu giro.

Todo este investimento e intervenção local, gerou outras externalidades, que foi a ocupação e criação de espaços fora deste perímetro administrado pela CHESF, que foi o hoje, Bairro Nossa Senhora da Saúde, Padroeira de Piranhas e na época chamada de Piranhas Nova ou Nova Piranhas, e o Centro Histórico de Piranhas já existente, chamado de Piranhas Velha. Nunca entendi ao certo esta subdivisão, acredito que por conta da tradição de outros empreendimentos da CHESF, em que várias áreas eram alagadas ou desocupadas, como Canindé de São Francisco/SE, Glória/BA, Petrolândia/PE, Rodelas/BA, entre outras, eram chamadas ou apelidadas de Nova e Velha, com o nome da cidade, em Piranhas não houve a remoção da sede do município, mas criou-se uma Nova e uma Velha Piranhas.

Em suma o Bairro Nossa Senhora da Saúde, foi sendo ocupado e construído por pessoas que estavam à margem do Bairro Xingó, ou seja, comerciantes que não haviam conseguido aval da CHESF para ocupar as Vilas e instituir seus empreendimentos, trabalhadores e trabalhadoras

que prestavam serviços às famílias, como trabalhadoras domésticas, jardineiros, vigilantes, tratadores de animais, comerciantes formais e informais (ambulantes), entre outras profissões. Existiam na época dois equipamentos públicos no bairro construídos pela CHESF, que eram, a UNEX – II Unidade escolar de Xingó II, escola estadual e conveniada com a CHESF para atender aos filhos dos trabalhadores que não estavam inseridos no Bairro Xingó, diretamente envolvidos com a construção da UHE em questão, e um posto de saúde, hoje administrado pelo município chamado até hoje de postinho.

**- Chegou a seu conhecimento as rivalidades que existiam entre a população durante esse período?**

Pensar em montar uma estrutura grandiosa destas em meio ao semiárido nordestino, nos anos 80, é um tanto quanto inusitado, causa um impacto gigantesco nas populações locais e altera significativamente as relações sociais e culturais estabelecidas localmente. O povo sertanejo da cidade de Piranhas sentiu sim, o peso da implantação desta grande obra, com o conjunto de informações e boatos gerados com a construção da usina, com grande volume de pessoas ocupando a região e de passagem, o índice de violência, e outros indicadores certamente foram acentuados e conflitos estabelecidos.

Em um cenário tão segregador e reprodutor de desigualdades, era inevitável o aparecimento de conflitos, e olhe que a construção da UHE de Xingó, segundo fala de colaboradores da CHESF que vivenciaram outros processos de implantação, é a mais democrática de todas, e citam vários exemplos da maior segregação social na implantação de Paulo Afonso, Itaparica, Sobradinho entre outras, com muros dividindo a cidade do bairro, toque de recolher as 22h, separação de vilas e casas por nível, I, II, III, IV e V dependendo do grau de instrução e funções de trabalho, entre outras situações.

O Bairro Xingó era uma bolha, e quem estava fora da bolha era e se sentia excluído, tudo isso gerava um sentimento de segregação e exclusão, e quem está incluso era beneficiado pelos equipamentos públicos e serviços, gozavam de privilégios jamais oferecidos pelos serviços públicos e privados na região. Mesmo o público dito privilegiado no bairro vivia uma situação de segregação, uma vez que eram estabelecidos padrões de consumo entre as pessoas, era visível um materialismo no dia a dia das pessoas para enquadrar-se nos padrões de vida do bairro, um classismo exacerbado que não refletia a condição de vida real das pessoas, existia uma juventude numerosa e pujante, foram feitos muitos investimentos em entretenimento e esportes, existiam vários shows, campeonatos nos clubes, festas anuais como garota sertão, baile do Havaí, as tardes dançantes, manhãs de Sol, show de artistas de renome nacional e regional, entre outros eventos.

Mesmo assim, todo este formato de segregação e separação social gerou conflitos significativos, alguns jovens se organizavam em grupos ou gangs, que se enfrentavam no fim das festas dos

clubes, existia certa violência, brigas, conflitos, isso não só se estendia aos grupos da Vila de baixo-pobre (Vila Alagoas) e Vila de Cima-ricos (Vila Sergipe) como chamavam na época, mas também à jovens de cidades vizinhas, como Canindé de São Francisco, Olho D'água do Casado, Delmiro Gouveia, Poço Redondo entre outras. Tudo isso porque os mesmos também se propunham a acessar os serviços ofertados no bairro, participar das festas, frequentar os clubes, instalados em sua região, mas muitas vezes se deparam com dificuldades e até barrados no acesso, sem serem acolhidos, tudo isso tornava-se uma situação muito difícil para populações locais originárias da região.

Nas escolas as crianças e adolescentes tendiam a se juntar, para fazer trabalhos e estudar em horários de contra turno, apenas com colegas da mesma Vila, havia uma separação por nível (desempenho), dos alunos das turmas, eu mesmo quando estudei na UNEX – I na minha 5ª série do ensino fundamental percebi esta separação, os alunos que apresentavam um melhor histórico escolar (Notas) eram colocados nas primeiras turmas ABC, eles não faziam nenhuma separação por vila ou classe trabalhadora em que os pais ocupavam, mas era nítido que os alunos das turmas finais da 5ª série que iam até a letra H por exemplo, eram quase 100% da Vila Alagoas, tinham alunos repetentes, com distorção idade série, entre outros aspectos de exclusão, isso só reforçava os estereótipos de desigualdade e os conflitos por muitas vezes iam parar dentro das escolas, já presenciei conflitos grandes no ambiente escolar, nas saídas da escola, entre alunos. Eu mesmo estudei na 5ª D, certamente era uma das turmas mais democráticas que mesclavam alunos das duas vilas, em que conseguimos estabelecer algumas boas relações, que perduram até hoje, mas o ideal seria que as turmas fossem mais diversas o possível e não houvessem predileções e separações.

**- Como a Chesf lidava com esses conflitos?**

Na minha época, eu sabia de que por exemplo as confusões mais graves que aconteciam entre os moradores do bairro eram resolvidas com as chefias da CHESF e das empresas empreiteiras, e lógico quando se envolvia questões mais extremas, a Polícia Militar e Civil era acionada, lembro que existia uma guarda do bairro, com um trabalho parecido com o que faz hoje as guardas municipais, que fazia rondas à noite com seguranças privados, supervisionados pela equipe de segurança da CHESF, em suma, eles criavam as questões de segregação conflitos e depois tinham uma trabalho para resolver, e muitas vezes não resolvia, as pessoas se esforçavam para ter um padrão de vida imposto por este estilo de vida, então inevitavelmente os conflitos sempre estavam postos.

**- Qual foi o sentimento que você teve quando se encerraram as construções e como ficou o poder da Chesf na cidade depois disso?**

A cada máquina (turbina, no total de 6) que girava na UHE Xingó, era uma festa, nos clubes com churrascos e bebidas patrocinadas pela CHESF e as empresas empreiteiras, eram feitas muitas comemorações com estes marcos da construção da obra a partir do momento que eram entregues, mas também aos poucos foi-se percebendo os serviços, os investimentos e o grande volume de pessoas a diminuir, com o encerramento das atividades de construção e montagem da UHE Xingó, os consórcios e empresas empreiteiras deixaram de existir ou ter razão para atuar na região.

Com isso, muito funcionários foram demitidos e/ou transferidos para outras obras ou empreendimentos das empresas empreiteiras, o mesmo aconteceu com os funcionários da CHESF, que se deslocaram para suas cidades de origem, capitais como Recife, Salvador, outros transferidos para empresas públicas do sistema Eletrobrás, como Eletronorte e a segunda etapa da UHE de Tucuruí no Pará. Também houve transferência de profissionais da CHESF para áreas em atividades mais dinâmicas, novas obras, subestações, termelétricas e manutenção de linhas de transmissão, por medo das privatizações da era Fernando Henrique Cardoso, que felizmente não aconteceram, mas mexeu com a situação de muitas pessoas em busca de colocação em espaços mais estratégicos na CHESF e preocupação da manutenção de seus empregos.

A Chesf ainda tomou uma atitude errônea e infeliz que causou vários transtornos à população, que foi a solicitação de devolução dos imóveis, dos profissionais que haviam se aposentado, escreveu uma carta informando que as pessoas que estavam nesta condição teriam um período para desocupar seus imóveis, devolvendo à CHESF, sob a justificativa que estes imóveis seriam utilizados para as Universidades e Centros de Pesquisas que se instalariam no bairro para construção de um plano e atividades voltadas ao desenvolvimento da região dos Lagos do São Francisco, era iniciado o Programa Xingó.

Primeiro que esta situação criou uma grande revolta no bairro, muitas famílias de profissionais da CHESF que viviam há anos no bairro deixaram as suas casas, para voltar aos seus lugares de origem, muitas pessoas saíram desgostosas do lugar com um sentimento de expulsão, houve até um caso de morte de uma Sra. que leu a carta em seguida passou mal e veio à óbito com ataque cardíaco. Com esta situação houve uma mobilização comunitária e foi criada uma Associação dos Moradores do Bairro Xingó, para averiguar a situação das moradias, viabilizar a aquisição das casas e revogar a carta de solicitação dos imóveis, a CHESF voltou atrás da decisão, mas ainda assim algumas famílias haviam entregue as casas, perdido a possibilidade de compra e deixado a região desgostosos.

Houveram muitas demissões dos profissionais das empresas empreiteiras que não conseguiram ser transferidos para outras obras, ou conseguir outras oportunidades em outros locais (empresas), lembro de pessoas fazendo campanhas e recolhendo doações de alimentos para ajudar famílias de pessoas que ficaram desempregados no período, houve também o fechamento de empresas comerciais instaladas no bairro, como lojas, supermercados, entre outras. Vi as vilas que formavam o Bairro Xingó e todo o seu movimento, se esvaziarem e se transformar praticamente em uma cidade fantasma, várias casas foram abandonadas, depredadas, muito triste ver a situação em que o bairro ficou, sem o devido cuidado.

#### **- O que de benefício e de malefício ficou em Piranhas depois da Chesf?**

O que houve de benefício, foi a infraestrutura que a obra trouxe para o município, mesmo com a exclusão social gerada pela implantação da usina e dos bairros, trouxe movimento para região, alguns serviços ficaram efetivados no município como bancos, comércio, repartições públicas estaduais, alguns prédios foram doados à prefeitura municipal e ao IFAL - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas, estação de tratamento e abastecimento de água, construído para atender a população do bairro.

A arrecadação de *royalties* da produção de energia destinados aos municípios do entorno, Piranhas, Olho D'água do Casado e Canindé de São Francisco, este último com a maior parte por conta da geração de energia gerada em seu território, o que gerou entre os mesmos uma briga judicial por repartição dos *royalties* de forma equitativa, a provável tenha ocorrido ampliação nas receitas dos municípios advindas das transações comerciais realizadas, ICMS, IPTU, ITBI, entre outros impostos, no campo do turismo o reservatório da UHE Xingó dá acesso aos Cânions do São Francisco como atrações turísticas, o MAX – Museu de Arqueologia de Xingó construído em parceria com Universidade Federal de Sergipe e Visita à própria UHE e seus mirantes ao público em geral.

Os prejuízos foram inúmeros, no sentido de ampliar a exclusão social na região na implantação e a finalização do empreendimento, todas as pessoas foram atingidas, com esta grande movimentação de pessoas principalmente trabalhadores do sexo masculino, cresceu significativamente o número de casos de abuso e exploração sexual de adolescentes e jovens na região; a violência de uma forma geral como assaltos à mão armada e sequestros, estupros, ocorreram na região de uma forma mais incisiva; criou-se bolsões de miséria em alguns bairros com profissionais desempregados e uma cidade pouco dinâmica, para atrair investimentos.

Existe um fenômeno em Piranhas principalmente da população que ficou no Bairro Xingó, que é a das famílias, onde os maridos, homens, vão trabalhar em outras obras (o famoso trecho) e deixam as esposas e filhos sendo mantidos com recursos e benefícios enviados à distância, estes trabalhadores passam entre 6 meses a 1 anos sem ver as suas famílias, dependendo da distância das cidades em que trabalham, existem trabalhadores nesta situação espalhados por obras em regiões de todo o país, e as gerações de trabalhadores do trecho, como são chamados, vem se reproduzindo, é grande o número de jovens que procuram os mesmo destinos dos pais, e se lançam atrás de oportunidades de trabalho, para em seguida retornar pra casa em períodos pontuais do ano para visitar a família.

Na questão ambiental, como o fluxo do rio manteve-se constante com a construção as usinas ou pautado pela demanda geração de energia das indústrias, interferiu consideravelmente nas espécies nativas, com o pitu, surubim, dourado entre outros, adoção de espécies não nativas (exóticas) como tucunaré e tilápia, causaram impacto gigantesco no ecossistema do Rio São Francisco, os tucunarés espécies carnívoras dos rios do Norte do país inserido para limpar entrada das máquinas da usina no lago de Xingó (para comer peixes mortos) desceram o rio e se proliferaram em todo Baixo São Francisco, se alimentam de outros peixes crustáceos e principalmente à seus filhotes impedindo a reprodução de espécies nativas, as tilápias bem adaptadas à região dos lagos demandam para sua produção uma grande quantidade de ração e insumos agrícolas, são confinadas em gaiolas em uma grande quantidade por metro cúbico, e produzem muitas fezes que infectam a água e alteram sua qualidade.

Como a vazão é controlada, o Rio São Francisco perdeu seu período de cheias e secas, a cadeia produtiva da rizicultura quebrou, existiam produtores de arroz em áreas alagadas com as cheias, e esta produção foi extinta no Baixo São Francisco, ainda em relação ao fluxo do rio constante, fez com que perdesse força e o mar está invadindo, várias áreas da foz estão sendo invadidas pela força do mar, comunidades sendo removidas e água salgada invadindo o rio, espécies

marinhas estão sendo encontradas constantemente em Piranhas e na região, como cação em Canindé de São Francisco, crustáceos de água salgada, tubarão em áreas mais abaixo (Brejo Grande), entre outras espécies, são situações de desequilíbrio ambiental que impactam não somente o município de Piranhas como a região como um todo.

A CHESF ainda tinha um projeto para construção de mais uma usina hidrelétrica abaixo, no município de Pão de Açúcar, o projeto pretendia inundar mais áreas do São Francisco e cobrir a sede do Município de Piranhas, seu centro Histórico, que foi tombado pelo IPHAM, por isso o projeto não vingou, caso não houvesse o tombamento, seria mais uma cidade ribeirinha encoberta pelas águas do Velho Chico, através da ação do homem.

As prefeituras dos municípios beneficiados com os *Royalties*, passaram a ter uma quantidade de recursos próprios bem maior para, mal administrar. Para além do FPM que são suas principais fontes de receitas dos municípios, os processos eleitorais se tornaram muito acirrados e competitivos (Câmara de Vereadores e Prefeitura, até de Presidente de Conselho Tutelar), com a situação de violências e até assassinatos, estouraram escândalos de corrupção, denúncias por desvios de verbas públicas, grande interesse de grupos políticos em se instalar na região por conta da arrecadação crescente, afastamento de prefeitos da região, prisão de prefeitos e familiares e maus serviços prestados à população em geral.

**Entrevista realizada via e-mail, onde foi disponibilizado para o entrevistado uma lista prévia de perguntas das quais seriam respondidas as que fossem interessantes para o mesmo. Realizou-se esse processo no dia 08 de abril de 2019 ressalta-se que essa foi a maneira encontrada para obter o depoimento do senhor Lázaro, pois este estava em constantes viagens profissionais, a agenda de entrevistador e entrevistado não se encontrava.**

**Para registro, qual seu nome completo?**

João Paulo Maranhão de Aguiar, engenheiro, ex-chefe do departamento de obras de Xingó, responsável pela construção da usina.

- Lázaro Luiz Carvalho Galvão – administrador – ex-gerente da divisão administrativa de Xingó; ex-gerente do departamento de gestão regional de Paulo Afonso

**Há quanto tempo reside em Piranhas?**

- João Paulo Maranhão de Aguiar residiu em Piranhas no início da construção da usina, no período de 1987 a 1.991.

- Lázaro Luiz Carvalho Galvão desde 1989.

**Como foi sua entrada na Chesf, e há quanto tempo você trabalha na Companhia?**

- João Paulo Maranhão de Aguiar através de concurso público

- Lázaro Luiz Carvalho Galvão sentença judicial

**Para a construção da usina, o local escolhido foi desde sempre onde hoje se encontra a usina?**

Não. Na década de 1950 o local escolhido era nos arredores do riacho Xingozinho, município de Delmiro Gouveia, e por isso a usina se chamaria Xingó. nome já conhecido há décadas na comunidade hidrelétrica internacional, quando nessa década de 1950 uma multinacional, a Reynolds, se "ofereceu" para construir a usina e usá-la para processar bauxita e produzir alumínio. A Chesf recusou. em fins da década de 1970 o planejamento elétrico recomendou a construção de uma usina no canyon após a usina Paulo Afonso iv, Sobradinho e Itaparica.

Havia dificuldades técnicas para a construção e em 1982, no mês de março, a Chesf sugeriu à eletrobras novo eixo - no fim do canyon, imediatamente a montante das sedes municipais de Piranhas (al ) e Canindé (se ), no local cachoeira dos veados e mantida a denominação Xingó. e isto foi feito.

**Em algumas entrevistas, aparece que os cidadãos de Piranhas protestaram ao que parecia ser onde a usina seria construída, e isso traria um ônus muito grande para a população principalmente de Piranhas de Baixo, você pode comentar sobre isso, se realmente ocorreu essa mudança de local por manifestação popular?**

Desconhecemos essa informação. Isso nunca chegou ao conhecimento da Chesf - "fake news da época".

**Se sim, como foi essa manifestação? Quem participou? Como se organizaram? Essas pessoas recorreram a Chesf imediatamente?**

Já respondido acima.

**Em relação aos bairros construídos, em relatórios aparecem os termos vila permanente, vila temporária, Acampamento para denominar esses bairros, o que correspondia ao bairro Xingó, e o bairro Nossa Senhora da Saúde?**

O desejo Chesf de construir o núcleo de apoio (acampamento) no altiplano de Piranhas contou com o total apoio do então prefeito Celso Rodrigues. O pai do prefeito, sr. Francisco Rodrigues, dono da fazenda existente no altiplano instruiu o filho para proporcionar todo apoio ao desejo da Chesf. As denominações provisórias, de vila permanente e temporária, correspondiam ao que projetava-se como edificações que seriam usadas no futuro pelas equipes de operação (vila permanente) e vila temporária, que terminada a obra seria liberada para outras ocupações.

**Como se davam as intervenções da Chesf no dia a dia da população?**

As placas de concreto dizendo que as áreas eram bairros de Piranhas e a inexistência de quaisquer barreiras impedindo ou dificultando o livre trânsito, foram decisivas para o bom relacionamento dos "estrangeiros" (o pessoal que chegou em função da obra) e os "nativos".

**Você, como morador de um dos bairros construídos pela Chesf, como parecia a relação entre as pessoas, principalmente das vilas Sergipe e Alagoas?**

Normal, pois a maioria já havia trabalhado nos outros empreendimentos construídos pela Chesf/governo federal, os chamados "barrageiros", onde sempre houve essa segmentação (vide item acima).

**Como foi, na sua visão, a recepção da população na chegada da Chesf?**

Muito cordial e esperançosa por um futuro melhor.

**O (a) senhor (a) tem conhecimento das rivalidades que aconteciam entre pessoas das vilas Sergipe e Alagoas? Pode comentar sobre elas, ou pelo menos comentar o que ouviu sobre elas?**

Não. Já respondido no item 9.

**Existia alguma restrição para os moradores da Vila Alagoas e bairro Nossa Senhora da Saúde em relação à Vila Sergipe? Se sim, comente-as.**

Não. Já respondido no item 9.

**Você tem conhecimento de como era a relação da Chesf com a prefeitura, como se dava essa relação para o funcionamento da cidade?**

A Chesf definiu que os núcleos eram bairros de Piranhas e os serviços públicos eram operados pelos órgãos de competência específica e isso deu muito certo, ou seja: água, canal; saúde, secretaria estadual de saúde, e assim por diante.

**É possível que tenha se firmado alguma parceria, algum convênio entre essas duas entidades? Por que é claro que a Chesf teve muito espaço para agir dentro de Piranhas, como ficou resolvida essa delimitação entre Companhia e Prefeitura?**

Conforme item acima, foram celebrados convênios específicos, com o governo do estado e prefeitura de Piranhas.

**Há algo mais que você queira acrescentar sobre o assunto?**

O desenvolvimento e crescimento de Piranhas e Canindé demonstram que os procedimentos e políticas adotadas foram corretos.

**Transcrição da entrevista realizada com Altamiro Gomes Barboza em 14 de julho de 2016, em Piranhas – AL, como pesquisa complementar.**

M.B – Qual o seu nome completo?

A.B - Altamiro Gomes Barboza.

M.B – Você sempre residiu, sempre morou em Piranhas ou viveu em algum outro lugar?

A.B – Sempre morei em Piranhas.

M.B – Nasceu e morou aqui né?

A.B – Nasci e me criei em Piranhas.

M.B – Qual a sua formação educacional?

A.B – Pedagógica.

M.B – Pedagógica, como assim, você estudou até, fez ensino médio, ensino...?

A.B – Fiz ensino médio, eu.

M.B – Ensino médio completo né?

A.B – Ensino médio completo.

M.B – E, qual a sua atividade profissional agora, no momento?

A.B – Agora é, assistente administrativo de empresas.

M.B – O que você pode contar sobre como era Piranhas antes da vinda da Chesf e da hidrelétrica ‘pra’ cá, como era a vida social das pessoas, e comercial e econômica de Piranhas? Você se lembra?

A.B – Piranhas antes das Chesf era, era uma catástrofe.

M.B – Por que?

A.B – digamos assim. Porque antes da Chesf aqui o Centro Histórico, antes se chamava Piranhas Velha, e a vida do povo lá era nessa época, era só de comércio, comércio muito pequeno, e pesca, comércio e pesca e funcionário público, e, Piranhas só veio a se desenvolver mesmo depois da Chesf, mas antes era só, por exemplo, ‘pra’ se ir à Delmiro Gouveia, a estrada era de chão, tinha um carro por dia, o carro saía de manhã, cinco horas e voltava meio-dia, se você perdesse o carro em Delmiro, você ficava lá, só vinha no outro dia, se perdesse aqui também não ia mais porque não tinha outro, e acho que a vida econômica era muito pequena, não tinha, não tinha (sic) desenvolvimento.

M.B – Mesmo com o, a trilha do trem, é, a ferrovia? Por que ela transportava muita coisa ‘pra’ outros Estados até não era; ‘pra’ Bahia, ‘pra’ Pernambuco?

A.B – É, a ferrovia, no tempo da ferrovia eu era pequenininho, eu tinha sete, oito anos eu acho, mas era o; o produto que vinha de canoa, de lancha até Piranhas, era transportado no trem ‘pra’ Petrolândia e de Petrolândia exportava para todo o exterior (sic).

M.B – Mas não era um comércio muito grande não, no caso, era comércio de que tipo de produto, você sabe?

A.B – Era vários tipos de produtos, era tecido, alimentação, feijão, arroz, farinha, essas coisa (sic), alimentação e, e tecidos, que eu saiba assim, mas tinha outras coisas também, porque eu não...

M.B – Alguma coisa da fábrica da pedra, tinha, transportava para aqui também? Daqui ‘pra’ outro Estado, de tecido, essas coisas vinham de Delmiro no caso?

A.B – Não, não.

M.B – Ou não, não tinha nada a ver?

A.B – O produto que vinha de cá de baixo não vinha, não era de Delmiro não, era transportado, transportado ‘pra’, por exemplo, ‘pra’ Delmiro no caso, ia ‘pra’ Petrolândia e de Petrolândia exportava ‘pra’...

M.B – Ah, mas não passava por Piranhas, da fábrica da pedra não tinha nada a ver com o comércio daqui no caso?

A.B – Não, tinha não; tinha, a fábrica da pedra trazia o produto dela.

M.B – Já pronto?

A.B – Já pronto ‘pra’ vender na feira de Piranhas na época.

M.B – Entendi.

M.B – E o, por exemplo, a feira, quando tinha comércio que era aqui de Piranhas mesmo, era só a população de Piranhas, ou vinha gente de outro, de fora, de outras cidades, pela ferrovia mesmo, com a Maria Fumaça, que pra cá e ficava por aqui também?

A.B – Não, vinha de fora também, vinha de Delmiro de carro né, de Delmiro, vinha, e vinha de Penedo, Pão – de – Açúcar de canoa, de lancha, essas coisas.

M.B - Tudo pra o comércio daqui?

A.B – É, o comércio, no dia da feira, no dia da feira (sic) chegava as canoazinhas com mercadoria, lancha, essas coisas, chegava na terça-feira, pra na quarta-feira ter a feira, a tardezinha na quarta-feira voltava todo mundo pra Pão – de – Açúcar, Penedo e vinha de Delmiro Gouveia; eu acho que na época só Delmiro Gouveia mesmo; Delmiro Gouveia, Olho D’água, o pessoal da zona rural pra fazer a feira.

M.B – Esse comércio da feira, ela dava só para sustento familiar mesmo, coisa simples, não era nada tão grandioso em Piranhas não?

A.B – Era o desenvolvimento familiar, e o giro do comércio né, o capital de giro do comércio que era pessoas de Piranhas, mas tinha também de Delmiro Gouveia, que era tecido, vendia tecido, o outro vinha com alimentação, e também vinha de Pão- de – Açúcar e de Penedo, mais

de Pão – de – Açúcar, pra feira de Piranhas mesmo era mais de Pão – de – Açúcar, vinha fazer feira, fazer a feirinha, vender seu, seu comerciante trazia sua barraquinha, armava, botava seu produto lá, que era alimentação, era tecido, é só mais isso mesmo, alimentação...

M.B – Coisa básica né?

A.B – Só coisa básica.

M.B – E, quando foi que você, quando você, você se lembra de quando você ouviu a história de que a hidrelétrica ‘tava’ vindo para Piranhas com a Chesf, o que foi que você pensou, é, em relação ao desenvolvimento da cidade, quando você soube que a Chesf ‘tava’ vindo pra cá?

A.B – Ah, eu pensei, eu pensei que fosse desenvolver muito, e não só eu não, o pessoal tudo ficaram ansioso porque, eles falavam que ia crescer muito, e como realmente cresceu, e, o pessoal ‘tava’ na expectativa, vai ter geração de emprego, essas coisas, renda, e o pessoal falava que depois da hidrelétrica pronta o rio ia encher e ia tomar Piranhas, essas coisas, mas, depois mudaram os planos pra, porque antes a barragem que estava para ser feita antes abaixo de Piranhas, mais aí, Piranhas ia sumir.

M.B – Aquela parte de Piranhas de baixo? Ou até a parte de cima toda, perto do cemitério, sumia tudo?

A.B – Sumia tudo. Tudo, sumia tudo, e aí fizeram outro projeto para ser aqui em cima; e aí a Chesf veio, a barragem chegou e foi, desenvolveu; emprego para todo mundo, muita gente da região, teve muita gente de fora, mas, muita gente daqui que não sabia nem o que era um emprego começaram a trabalhar e ter sua renda, eu desenvolvimento financeiro.

M.B – E quando, é, ..., o emprego para o pessoal aqui de Piranhas, era mais dado para construção da hidrelétrica, ou para a construção do bairro Xingó? Você lembra?

A.B – É, as duas coisas, porque, a empresa que construiu as casas aqui, era empresa diferente da empresa que construiu a hidrelétrica. As empresas que construíram as casas aqui geraram muito emprego também, trouxeram umas pessoas de fora, mais muita gente trabalhou na construção das casas aqui.

M.B – Mas, também era, a empresa era contratada da Chesf, para criar o bairro?

A.B – Era contratada da Chesf, todas as empresas que trabalharam aqui, as grandes empresas, eram contratadas da Chesf, a Chesf era quem pagava pra elas.

M.B – E você, teve algum, é..., trabalhou diretamente na construção, ou do bairro ou da hidrelétrica, ou não?

A.B – Na construção do bairro eu não trabalhei não, eu trabalhei na construção da hidrelétrica, que a hidrelétrica começou justamente em 1987, mas as casas já começaram antes, as casas começaram acho que em 86/87 mesmo; mas eu trabalhei só na hidrelétrica quando começou,

eu comecei alguns meses depois que começou a construção da hidrelétrica, eu já comecei a trabalhar em oitenta e sete também, em maio de oitenta e sete e até dez anos depois, quase, quando ‘tava’ quase concluída a hidrelétrica.

M.B – E como foi sua experiência de trabalho na hidrelétrica? Tem alguma história, alguma coisa que você possa contar, de boa ou de ruim; como é que você classifica sua experiência trabalhando na hidrelétrica e o que era que você fazia diretamente ‘pro’ projeto da hidrelétrica, qual era seu trabalho lá?

A.B – Ah, eu peguei muita experiência boa, eu antes só sabia mais a área financeira, que eu trabalhava no banco, mas quando eu comecei a ..., na hidrelétrica foi completamente serviço diferente; fui trabalhar de almoxarifado, depois, trabalhei de... antes de auxiliar administrativo, depois de almoxarifado, depois foi de, trabalhei de tesouraria também na financeira, já nos quatro últimos anos, mas a experiência foi muito boa, eu tive um aprendizado muito bom e serviu muito ‘pro’ meu currículo até hoje.

M.B – E, é, em relação as pessoas de fora que vieram morar e trabalhar aqui, que moraram e começaram a morar no bairro Xingó e, é, na hidrelétrica, você tem alguma lembrança, alguma coisa que você possa dizer como era a relação das pessoas, dos piranhenses com essas pessoas que vieram de fora, se tinha algum conflito ou foi harmonioso quando eles chegaram, coisas do tipo, em relação à convivência.

A.B – É, a convivência tinha a sua separação porque já foi criado três tipos de residência justamente pra alojar as pessoas de acordo com a classe né, por exemplo, criaram a vila, criaram os alojamentos aqui de,...., alojamento Cascavel, tinha o alojamento na fazendinha<sup>203</sup> e criaram os bairros (sic), vila Alagoas, vila Sergipe, justamente a vila Sergipe fizeram ela pra separar de acordo com a classe, não a classe social assim, mas com a classe empregatice (sic), por exemplo, se fosse um doutor, um engenheiro e fosse daquela classe ali, tinha suas casas na vila Sergipe, morava na vila Sergipe, tinha clube separado também, que Ra o clube Atalaia, e o pessoal que trabalhava já ne (sic) outro área, por exemplo, encarregado, assistente administrativo, já morava na vila Alagoas, e ainda tinha outras casas mais pequenas também na vila Alagoas e alojamento Cascavel, que morava o pessoal que a gente chamava de peãozada, né, peãozada naquelas casinhas menor.

M.B – Que era o trabalho braçal, né?

A.B – É, o trabalho braçal, aquele trabalho duro mesmo de peão mesmo, e aí até também tinha aquela discriminação nos transportes, pra peãozada, que trabalhava no braçal mesmo, era

---

<sup>203</sup> Atual bairro Nossa Senhora das Graças.

caminhão, caminhão grande, coberto de lona, pra, e pra classe empregatícia (sic) de encarregado, auxiliar administrativo, encarregado e..., e alguns da classe da outra também, da, como é que se diz, do, do seu ponto de emprego, até o pessoal de engenheiro, até engenheiro as vezes, engenheiro, médico, ia de ônibus também, mas a maioria tinha seus carros próprios, próprio ao, da empresa né.

M.B – A empresa que fornecia esses, e os ônibus e caminhões da peãozada que você chama, também era a empresa que fornecia?

A.B – Da empresa, era tudo da empresa.

M.B – E, quem foi, você sabe dizer quem foi que fez essa separação da vila Alagoas, vila Sergipe pra cada classe morar? Se foi assim, uma coisa espontânea de quem veio morando ou foi a Chesf, a empresa que construindo a hidrelétrica que impôs quem ia ficar aonde?

A.B – Aí eu acredito que tenha sido a Chesf, porque a Chesf já vinha com esse projeto, aliás, já tinha praticado em Sobradinho e Itaparica, era mais ou menos assim, tinha vila lá em Sobradinho, tinha vila, Itaparica também tinha vila, e tinha também as casas, justamente do jeito daqui, as casas melhores pra o pessoal lá de cima, médico, engenheiro, essas coisas, e outras casas menores, outras menores pra peãozada pra diretores, assistentes, essas coisas, e aqui também foi implantado o mesmo sistema que eu que, tenho certeza, quase certeza que foi a Chesf.

M.B – Que impôs né?

A.B – Que impôs esse sistema.

M.B – E, por que assim, eu já ouvi histórias de; principalmente adolescentes, filhos dos engenheiros e médico que moravam na vila Sergipe e os filhos dos outros trabalhadores que moravam na vila Alagoas, que eles tinham conflitos e que chegou a existir “ganguezinhas” que se confrontavam, porque a vila Sergipe era dos ‘ricos’, e a vila Alagoas era dos mais pobre. Você base de alguma história dessas?

A.B – É, eu já ouvi falar algumas histórias assim, mas eu acho que não era, não era por conta do; por conta da separação de ordem empregatice (sic) não, acho que era; todos os bairros existe isso, até em cidades grandes tem bairro que conflita com outros por conta de falta de entendimento, que eu saiba mesmo de coisa séria acho que não, é que o povo falava muito mesmo ‘é o pessoal rico’, quando passava assim, aquele é rico, morando lá na vila lá com tudo, com casa boa, carro pra trabalhar, já os daqui não falava isso sobre os mais baixos, digamos assim, mais da classe média lá, da outra vila por exemplo, eu acredito que esse negócio de conflito foi uma, um fato isolado.

M.B - E, ao seu ver, não tinha nenhum conflito com o pessoal de Piranhas Velha, que é o Centro Histórico agora, com o pessoal daqui, ou vice-versa, o pessoal que veio de fora não tinha nenhum conflito? Era uma convivência normal?

A.B – Não, conflito não, digamos que não era uma convivência normal, porque, por exemplo, pra gente vim ,pro pessoal dali de Piranhas Velha, do Centro Histórico hoje, da vila Alagoas ou fazendinha, pra vim pro clube Atalaia pra uma festa era uma dificuldade danada, você tinha que pedir autorização pra poder entrar direto, tinha umas restrições lá, mas conflito mesmo eu acho...

M.B – Conflito físico não tinha?

A.B – Físico não, como já falei, alguma coisa assim, é sequencial.

M.B – E hoje em dia, você ainda vê esse tipo de pensamento, por exemplo, vila Sergipe ser a vila de quem tem mais dinheiro pra morar, ou vila Alagoas ser o pessoal mais pobre; ainda existe isso em Piranhas, algo disso que veio da chegada da Chesf pra cá, ou não tem mais, já acabou?

A.B – Eu acho que algumas pessoas ainda falam nisso, eu outro dia, o pessoal tava ali na Unex - I<sup>204</sup>, eu ouvi as pessoas falando que, tinha uma pessoa falando lá que o povo da vila Sergipe era o povo rico, e ainda hoje são, não sei o que, ainda existe algumas pessoas com esse pensamento, mas, é muito pouco, eu acho que sim, muito pouco, porque hoje tem muitas gente com boas condições financeiras morando na vila Alagoas, e tem gente com condições financeiras mínimas morando aqui na vila Sergipe, acho que isso aí tem poucos pensamentos de algumas pessoas.

M.B – Mas que ainda continua né?

A.B – Continua.

M.B – Assim, pra resumir tudo, como é que você classifica a vinda da Chesf para Piranhas, a criação da hidrelétrica aqui, na, no caso, pra cidade em si, pra os moradores de Piranhas, você classifica como boa, como ruim e por quê?

A.B – Eu classifico como boa, muito boa mesmo, porque Piranhas antes era aqueles negocinho (sic), pequeno né, e a Chesf trouxe o desenvolvimento pra Piranhas muito grande, e até hoje, é visto aí, não só aqui, como em todo país como Piranhas que cresceu aí, vamos dizer, a 1000% ou mais, porque Piranhas na época não tinha desenvolvimento porque não tinha dinheiro, o pessoal trabalhava na agricultura quando chovia, se não, não tinha nada, e o Estado com algum funcionário, na época pequeno, e a prefeitura da época também pequenininha, não recebia

---

<sup>204</sup> Escola fundada pela Chesf mas que atualmente pertence ao Estado de Alagoas.

verbas que dava pra crescer a cidade, então, se não tivesse vindo a Chesf pra cá, hoje, só tinha Piranhas lá, do mesmo jeito que ta (sic), só o Centro Histórico ali.

M.B – Que talvez não fosse nem Centro Histórico.

A.B – Não ,talvez não fosse nem Centro Histórico, fosse Piranhas Velha, não tivesse nem mudado pra Centro Histórico, se não fosse a Chesf ter vindo pra cá, nem bairro Nossa Senhora da Saúde, nem Fazendinha nem Cascavel, não tinha nada aqui, era tudo mato, acho que continuaria tudo mato, do jeito que tava.

M.B – No caso até a estrada de asfalto que desce pra Piranhas foi criada, foi feita quando a Chesf veio?

A.B – Não, a estrada pra Piranhas foi feito (sic) antes.

M.B – Foi feito antes. Pela prefeitura, né, ou não?

A.B – Essa estrada aí é estadual, ela é estadual, é do Estado. Foi feita, de Olho D'água pra cá, porque pra lá já tinha; de Olho D'água pra cá era só barro, foi feito já alguns anos depois da outra de lá pra Delmiro, mas foi feito pelo Estado, eu acho que algum tempo, pouco antes de começar a obra, foi antes de começar a obra, mas já se falava na vinda da Chesf pra cá, é tanto que quando foi pra trazer a turbina, era um carro muito grande, cheio, com a turbina em cima, e o asfalto que tinha parece que não suportava o peso, ou era desigual o peso, aí a Chesf foi quem recapeou a pista todinha, até chegar aqui, ficou bem planinha mesmo asfaltada foi feita antes de começar a Chesf. Por isso que eu digo que a Chesf trouxe não foi bom não, foi pra lá de bom.

M.B – Por exemplo, antes da vinda da Chesf, quando a ferrovia foi desativada, como foi que ficou o comércio, a economia de Piranhas até a chegada da Chesf, por que foi quando começou a desenvolver mais empregos e eles, começou o comércio a crescer mais por causa da Chesf e da criação do bairro? Quando a ferrovia fechou, como foi que ficou a situação econômica de Piranhas?

A.B – Quando a rodovia (sic) fechou eu era pequeno ainda, mas, eu me lembro de alguma coisa, que, foi ruim pra Piranhas né, foi ruim porque a ferrovia era um meio de transporte que ligava Piranhas à Delmiro, Petrolândia e exportava, e quando a rodovia, a ferrovia, arrancaram a ferrovia, extinguiram, aí ficou o meio de comunicação só que era aqueles carros que eu falei antes, no início.

(M.B – um só por dia).

A.B - ... carro de manhã pra vim, depois, começou dois carros, que era Luís, chamava Luís Capaçaim, que era Luís de Neném chamava, e Pedrinho, Pedrinho irmão de (inaudível), era dois carros, depois começou dois carros mas o transporte era menor porque pra dois carros levar

mercadoria e pra trazer, aí prejudicou muito Piranhas na época por causa disso, e o desenvolvimento só veio mesmo depois que a Chesf chegou.

M.B – Você tem alguma ideia do porque a ferrovia foi desativada?

A.B – Não, tenho ideia não. Falavam alguma coisa, mais assim, eu não fiz pesquisa a respeito não.

M.B – No caso, quando a Chesf chegou foi que a economia começou a girar de novo, deu emprego pra todo mundo?

A.B – Aí foi outra coisa, desenvolveu Piranhas, não só Piranhas, como as cidades vizinhas né, Canindé em Sergipe, Paulo Afonso, tudo foi desenvolvido, trouxe emprego, trouxe renda, e quem se beneficiou mesmo com a Chesf foi Piranhas e Canindé.

M.B – Tem mais alguma coisa que você queira falar, que você lembra pra acrescentar?

A.B – Não, eu acho que foi mais ou menos o básico, foi por aí mesmo, acho que acrescentar agora só se fizer uma pesquisa.

M.B – ‘Tá’ bom então, muito obrigada.

A.B – De nada, disponha.

**Transcrição da entrevista realizada com Inácio Loiola Damasceno Freitas em 10 de setembro de 2016, em Piranhas – AL, como pesquisa complementar.**

M.B: Só pra gravar, seu nome completo?

*I.L:* Inácio Loiola Damasceno Freitas.

M.B: E, a sua formação é historiador, e...

*I.L:* Eu fiz Agronomia por vocação, Direito por curiosidade e História por paixão.

M.B: E a sua linha de pesquisa, no lado da história?

*I.L:* É realmente a região do Nordeste, mais precisamente o polígono as secas. Até por conta de os 350 primeiros anos do Brasil, do descobrimento do Brasil, o Nordeste foi o centro econômico, cultural e político, só com o crescimento da cultura do café que foi transferido do Nordeste pra região, a região Sudeste, ou seja, mas os 350 primeiros anos do descobrimento do Brasil, o Brasil, o Nordeste (sic) foi o centro; foi a região mais pujante que nós tínhamos, era o termômetro da economia cultural e política do Brasil.

M.B: E Piranhas, assim, como foi que ocorreu pra ela virar um município independente, por que antes ela era ligada a várias cidades, e como foi que ocorreu pra ela virar independente?

*I.L:* Primeiro, no meu entendimento, os primeiros registros de Piranhas, no meu entendimento, se a minha visão dos primeiros registros de Piranhas se dá exatamente em outubro de 1503, porque, em 4 de outubro de 1501, uma expedição sob os comandos de Américo Vespúcio e André Gonçalves, navegando a costa nordestina, Alagoas hoje, e Sergipe, descobriu o rio São Francisco, um rio extremamente pujante, que adentrava no mar doze léguas, eles descobriram aquele rio, e, batizaram aquele rio com o nome de São Francisco, por que São Francisco? Porque exatamente 4 de outubro é o dia de São Francisco, ou seja, 4 de outubro de 1501. Dois anos depois, uma nova expedição, sobre os comandos de Américo Vespúcio e Gonçalo Coelho, é, navegaram pela primeira vez o rio São Francisco, no meu entendimento, essa expedição só chegou até onde hoje é a cidade de Piranhas, por que isso Inácio? Porque de Piranhas acima, o rio não era navegável, era um rio totalmente encachoeirado, por conta dessas condições, é que a maior concentração de hidrelétricas que o mundo tem, está exatamente aqui entre Piranhas e Petrolândia, em Pernambuco, numa linha reta não dá mais que 50,60 quilômetros de extensão nós temos sete hidrelétricas. Conclusão, no meu entendimento, os primeiros registros de Piranhas, se dá exatamente em 1503.

M.B: Então, com toda essa imensidão do rio São Francisco, que por aqui, acabou, como você de falar, foi um dos principais motivos pra ter o interesse da Chesf em fazer a hidrelétrica aqui?

*I.L:* Sim, sim. Veja bem, nós não podemos deixar de reconhecer que Piranhas teve momentos importantíssimos na história do Brasil. Em 1859, D. Pedro II fez uma viagem de quase cinco

mês, meses (sic) às províncias do Norte, como era chamado o Nordeste brasileiro; visitou a Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e a Paraíba, e exatamente, no dia 18 de outubro de 1859 ele chega à cidade de Piranhas, conclusão, de Piranhas, ele foi até, ele foi até (sic) Paulo Afonso, conhecer as cachoeiras de Paulo Afonso. Nessa viagem de quase cinco meses às províncias do Norte, quando ele volta ao Rio de Janeiro, que era a capital federal, ele idealizou o mais ousado projeto na minha vida (sic) de integração das regiões do Brasil. O que consiste isso? Nenhum país de primeiro mundo tem regiões ricas e outras pobres, todos os países de primeiro mundo, suas regiões se desenvolvem uniformemente, o Brasil não, nós temos regiões hoje riquíssimas, como a região Sul, Sudeste; temos uma região Centroeste em desenvolvimento e temos as regiões pobres, a região Nordeste e a região Norte.

Naquele momento, naquela época era pior ainda, as desigualdades sociais. Que pensou D. Pedro II, depois que volta dessa viagem às Províncias do Norte? Que no dia que ele promovesse um intercâmbio entre as regiões do Brasil, ele debelaria isso. Que consiste isso? Se ele totar (sic) o Estado de Alagoas com as mesmas condições que São Paulo tem, uma empresa pra se instalar, tanto pode se instalar em São Paulo com em Alagoas, hoje é diferente, São Paulo tem uma infraestrutura infinita em relação à Alagoas, por isso que as indústrias vão pra lá, e esse projeto que ele tinha era exatamente promover esse intercâmbio, todos os Estados, todas as regiões se desenvolveriam uniformemente, foi quando ele idealizou a construção de uma transferrovia. Fez a primeira etapa exatamente, que inaugurou, começou em 1879 e terminou em 1883. Essa transferrovia tinha três etapas, a primeira foi concluída, que foi de Piranhas até Petrolândia em Pernambuco; a segunda iria de Petrolândia até Juazeiro da Bahia, e a terceira etapa iria até o Pará; tudo que viesse do Norte e Nordeste, o que fosse pra o Centroeste ficava no Juazeiro, e de Juazeiro até Pirapora, em Minas Gerais, ia de navios, de embarcações, o rio extremamente navegável, o médio e o alto São Francisco; o que fosse pra o Sul e Sudeste vinha até Piranhas, e daqui descia de navios e embarcações pra o Sul e Sudeste, o que viesse de lá também, que fosse pra o restante do Nordeste e do Norte, vinha pra Piranhas e de navios, de embarcações e ia até o restante do Nordeste e do Norte de trem.

M.B: Sempre passava por Piranhas, de todos os lados?

*IL:* Piranhas era o ponto de intersecção desse projeto idealizado por D. Pedro II. Acoplado a essa transferrovia, ele já ia também aproveitar as cachoeiras de Paulo Afonso para a construção e hidrelétricas, porque essa tecnologia do aproveitamento hídrico na construção de hidrelétrica já tinha surgido na Europa, não era mais novidade, então nós íamos gerar energia e nós íamos ser o ponto de intersecção desse projeto idealizado por D. Pedro II. Ele concluiu, e veja bem, isso foi em 1859, ele abriu uma licitação e um grupo de ingleses se organizaram e criaram uma

empresa com nome de Gretoeste (?), a Gretoeste foi, o Brasil conquistou a concessão de construção de várias ferrovias, mas a verdade que em 1877, a maior tragédia natural da história do Brasil foi a seca de 1877, morreram 500 mil nordestinos em 1877, veja bem, 5% da população brasileira, nível de hoje seria 10 milhões de pessoas vítimas da fome, da sede, das doenças causadas pela seca; que fez D. Pedro II diante daquela crise?, autoriza a construção da ferrovia, que recebeu o nome de ferrovia Paulo Afonso. Piranhas recebeu todas essas vítimas da seca, todos esses marginalizados daquela inclemente seca que atingiu o Nordeste, então nós recebemos de braços abertos; aqui nós tínhamos emprego, nós tínhamos água, aqui nós tínhamos comida, então toda a população do Nordeste veio pra construção da ferrovia Paulo Afonso, ela foi construída em dez anos, dez meses e quinze dias, então, ela teve início no dia 23 de outubro de 1879 e foi inaugurada no dia 2 de agosto de 1883 (sic), Piranhas passou a ser o entreposto dessa região do sertão de Alagoas, de Alagoas, de Sergipe, da Bahia e de Pernambuco, nós tínhamos ferrovia, nós tínhamos uma navegação muito forte, que quando foi regulamentada a navegação aqui no baixo São Francisco, foi em 1867, então, a companhia baiana de navegação, ela ganhou a concorrência, ou seja, você saía aqui de Piranhas, chegava em Penedo, você iria, escolhia, ia de navio pra o Recife ou Salvador, de Recife e Salvador você viajava pra qualquer parte do Brasil e do mundo; porque nós não tínhamos estrada, avião pior ainda, aviação não existia, então, meios de transporte que o fluvial e o marítimo e a ferrovia, então nós tivemos essa importância extremamente, na história de Piranhas (sic); ele construiu a primeira etapa em 1889, veio a Proclamação da República, ele foi deposto, a ferrovia ficou só na primeira etapa, daqui até Petrolândia, e em 1964, na instalação do governo militar, um dos primeiros atos do governo militar foi a desativação, tantas e tantas outras ferrovias no Brasil, mas a, uma das primeiras a serem desativas foi a de Paulo Afonso, ele desativou a ferrovia Paulo Afonso, e evidentemente com isso, Piranhas passou por um processo de degradação. Junto com a ferrovia que foi desativada, a navegação também foi enfraquecida, porque uma dependia da outra.

M.B: É porque eu queria chegar exatamente aí, porque eu sempre ouvi da desativação da ferrovia e tudo, só que eu não tinha sabido (sic) que tinha sido em (19)64.

*I.L:* 1964

M.B: E, era isso que eu queria perguntar, mas você já acabou respondendo um pouco, que era, a situação que Piranhas ficou, tanto socialmente como economicamente.

*I.L:* A, várias,...,foi um abalo tremendo pra, pra, (sic), pra Piranhas, pra economia de Piranhas, porque era uma categoria forte a de ferroviário, no Brasil, como eu disse, porque um dos meios de transporte que nós tínhamos só era o ferroviário, o fluvial e o marítimo, e evidentemente,

com a desativação da ferrovia, várias famílias e série de funcionários foram transferidos, então, Piranhas passou por um momento de degradação (inaudível).

M.B: E esse momento de degradação, ele começa a mudar um pouco já, quando, é, a Chesf vê um interesse em criar a hidrelétrica aqui?

I.L: Aí, conclusão, se inicia, eu costumo dizer o seguinte: que nós tivemos essa região nossa, que eu batizei em um projeto que eu tenho, denominado “As potencialidades dos lagos do São Francisco”, que é o lago de Xingó, os lagos que nós temos em Paulo Afonso e o lago de Itaparica, as potencialidades; nós tivemos uma oportunidade dessa região ter sido a mais pujante do Nordeste, e esse ponto de intersecção, como eu disse, essa ferrovia ia integrar o Norte e o Nordeste ao Sul, Sudeste e Centroeste, e um dos pontos de intersecção, um era Juazeiro da Bahia, que de lá, que fosse do Centroeste pra uma parte do Sudeste, Minas Gerais e o Centroeste ficaria em um ponto de intersecção, era, era, era (sic), Juazeiro da Bahia, e os demais, pra o Sul e Sudeste era Piranhas; a primeira etapa foi colocada em prática, se essa transferrovia tivesse sido concluída, nós seríamos uma das regiões mais desenvolvidas do Nordeste, mas lamentavelmente, com a Proclamação da República, D. Pedro II, que foi o idealizador desse projeto foi deposto, o projeto foi engavetado e em 1964, um dos primeiros atos, como eu disse, foi a desativação.

Nós tivemos outro momento importantíssimo pra essa região ser a região mais desenvolvida do Nordeste, foi quando em 1945, se criou a Chesf; quando se criou a Chesf, lamentavelmente a sede da Chesf foi pra o Rio de Janeiro, que era a capital, nós perdemos, ..., já pensou se a sede da Chesf tem ficado em Paulo Afonso, Delmiro Gouveia, nessa região, com certeza seria também uma região extremamente importante para o Nordeste, mas ela ficou no Rio de Janeiro, em seguida foi pra o Recife, por conta da sede da Chesf, aqui na nossa região, entre Delmiro Gouveia, é, Paulo Afonso, Olho D’água do Casado, quando eu falo é a região toda junto com a Chesf, com a sede da Chesf viria um comércio forte, viria o conhecimento, a educação, a região iria se desenvolver demais, o potencial turístico que nós temos hoje, é, nós perdemos essa segunda oportunidade (sic) por falta de uma visão desenvolvimentista dos nossos políticos que não viriam isso e exatamente deixaram que a Chesf, a sede da Chesf fosse pra o Rio de Janeiro, depois ai pra o Recife, então são coisas importantíssimas que nós perdemos já, a transferrovia e a sede da Chesf que devia ter ficado aqui entre a Bahia e Alagoas... centro de tudo.

M.B: Quando veio a idealização da usina aqui, a criação dos bairros, como foi que se deu a ideia?, porque tinha que vir trabalhadores de fora e tudo...

*I.L:* Olha, a Chesf tinha uma visão extremamente reacionária, discriminatória; quando se começaram as primeiras hidrelétricas – começou em Paulo Afonso aqui no Nordeste -, a Chesf construiu o seu acampamento e discriminava quem era engenheiro, quem era advogado, quem era do segundo escalão, do terceiro escalão, uma coisa foi extremamente, é, inconstitucionalmente até,..., Paulo Afonso foi pior ainda, Paulo Afonso existia até um muro, você pra ter acesso ao bairro da Chesf você tinha guarda nas guaritas, era uma coisa absurda, era uma separação enorme, quem fosse da Chesf era tudo como nobre e quem morava fora da vila, como eles chamavam, era as... as pessoas com menos (sic) condições, conclusão, com a construção da hidrelétrica de Xingó já não teve muro, mas continuou com esse mesmo pensamento, é, vila Sergipe eram os nobres, que eram os engenheiros, os mais qualificados profissionais que viriam trabalhar na questão da hidrelétrica, e a vila Alagoas, exatamente ficava aqueles funcionários com menor poder aquisitivo, mesmo assim, já no final do século XX, a Chesf continua ainda com essa visão, mas as coisas mudam, e eu acredito – apesar de a Chesf não tem mais como construir hidrelétrica no São Francisco -, mas que realmente foi uma coisa que veio pra separar, uma coisa, uma posição extremamente nefasta no meu entendimento, eu condeno essa atitude, por onde a Chesf passou, construiu hidrelétrica em Paulo Afonso, Itaparica, Sobradinho, e a última...

*M.B:* Sempre nesse mesmo esquema, nessa separação?

*I.L:* Sempre era essa separação por classes sociais.

*M.B:* E, a maior separação, assim, que você via, era entre as duas vilas, ou as duas vilas e o pessoal do Centro Histórico?

*I.L:* Não, nós tivemos um papel importantíssimo no Centro Histórico.

*M.B:* Não tinha embate entre o Centro Histórico e as vilas?

*I.L:* E vou dizer o seguinte, vou dizer o seguinte (sic), sim, além das vilas, ainda tinha os dois clubes, o clube Atalaia, que era pra os nobres e o Pajuçara que era aqueles com menor poder aquisitivo; mas o Centro Histórico teve uma participação muito grande, e por incrível que pareça, era eu o prefeito na época, e, tentei promover, um intercâmbio; eu irritava (sic) quando as pessoas diziam que iam à Xingó, Xingó é um bairro de Piranhas, “eu vou à Nova Piranhas”, que é o bairro Nossa Senhora da Saúde, bairro Nossa Senhora da Saúde é um bairro de Piranhas, então, começou com aquilo, e eu comecei, você vê que aqui tem em cada acesso tem “bairro Nossa Senhora da Saúde – Piranhas/AL”, “bairro Xingó”..., então, fui eu quem criei, e diante de tudo isso eu comecei a querer resgatar essa autoestima de, desse povo; integrar, promover a integração entre o Centro Histórico, bairro Nossa Senhora da Saúde, as duas vilas, Sergipe e Alagoas, com o distrito de Entremontes, a vila de Entremontes e o distrito do Piau; que existia

um movimento separatista, nós tínhamos um sentimento separatista, e eu comecei a discursar né, o meu discurso, era que aqueles que vieram aqui, de certo modo, direta ou indiretamente por conta da construção da hidrelétrica de Xingó, eu simplesmente plagiei Altemar Dutra, no ano de 1974, ele recebeu o título de cidadão piranhense, ele, no seu discurso no clube, ele disse que não era de falar, era de cantar, e, agradeceu o povo de Piranhas, ele disse com a música que ele gostaria de ser lembrado, e cantou “Brigas”, em seguida ele disse, “eu nasci no dia que conheci Piranhas”, com os olhos marejados; diante desse (sic) frase de Altemar Dutra, eu comecei nos meus discursos, colocava, todos aqueles que vieram por conta da construção da hidrelétrica de Xingó, pra mim, pra nós piranhenses, lá do Centro Histórico, eles nasceram no dia que chegaram em Piranhas, então isso é muito importante pra essa integração, esse intercâmbio, as coisas foram, foram, e hoje, como Piranhas e,..., nós tivemos momentos muito importantes pro Brasil como eu disse, mas a verdade que, hoje por conta desse potencial turístico que é Piranhas, de novela, filme, programa de televisão, tudo isso derivou-se também, quando nós somos reconhecidos como patrimônio da União no dia 17 de dezembro de 2013, Piranhas foi reconhecida como patrimônio da União, tanto Centro Histórico, como a Vila de Entremontes, ou seja, nós somos reconhecidos paisagisticamente e historicamente e, uma tenante extremamente forte é que foi a primeira cidade na região do polígono das secas a ser reconhecida como patrimônio da União, a região do polígono das secas vai, vem o Norte de Minas e vai até o Sul do Piauí, ou seja, é uma área que representa 75% da área territorial do Nordeste, e a primeira cidade a ser reconhecida historicamente e paisagisticamente com patrimônio da União, foi exatamente a histórica cidade de Piranhas e a Vila Entremontes.

M.B: Quando você fala que o pessoal fala que vem pra Xingó e não pra Piranhas, realmente, eu as vezes quando escutava isso, mais nova, eu dizia, mas gente, é a mesma cidade, porque vocês assim, e, é, eu li um artigo que vinha dizendo que teve uma época que realmente Piranhas ficou quase em segundo plano por causa disso, e, é bom ver que de um jeito ou de outro, deu pra unificar e Piranhas ficou novamente, porque a cidade é o Centro Histórico.

I.L: Mas eu queria fazer uma colocação aqui interessante (inaudível); você sabe que Piranhas passou por dez anos teve um nome diferente? Chamava-se Marechal Floriano.

M.B: Não, eu sabia que antes de ser Piranhas, é, separadamente como município, ela era chamada de Tapera, mas eu não sabia disso não.

I.L: Através de uma lei federal 1686, no dia 17 e outubro de 1939, Piranhas passou a se chamar Marechal Floriano,..., uma homenagem, nós tínhamos Marechal Deodoro e nós tínhamos que prestar homenagem a Marechal Floriano, como a palavra Piranhas era um termo pejorativo, se entendia, piranha quer dizer na região Sul e Sudeste é mulher que vive de prostituição, essas

coisas todas, então, ela passou a se chamar Marechal Floriano, mas a sociedade piranhense nunca aceitou isso, nunca aceitou isso, e não se obrigava a você nascer, você optava se colocava ou Marechal Floriano ou Piranhas, mas tem uma filha, uma tia de Augusto César - que é o diretor do hospital nosso - que ela nasceu aqui e o registro dela é como Marechal Floriano.

M.B: Gente (risos).

*IL:* Dez anos depois, através de uma lei número 473, de 17 de setembro de 1949, ou seja, dez anos depois, o município de Piranhas volta a sua antiga denominação, que foi Piranhas, e nessa mesma lei, foi criado o distrito de Olho D'água do Casado, que Olho D'água do Casado pertencia à Piranhas.

M.B: Gente, eu não sabia. É, só pra gente começar a finalizar, alguma coisa que você vê de positivo e muito negativo da, eu só um pouco negativo, a construção da usina, da Chesf aqui em Piranhas, qual a, o potencial da Chesf de positivo e negativo?

*IL:* (inaudível). Nós não podemos deixar de reconhecer que a hidrelétrica de Xingó veio tornar Piranhas conhecida mundialmente, teve uma importância muito grande, não podemos deixar de reconhecer, a hidrelétrica de Xingó é uma das mais modernas do mundo, ela exatamente a maior do complexo Chesf, ela teve, ela tem uma visibilidade enorme Piranhas, Piranhas já tinha suas potencialidades, mas exatamente com a construção da hidrelétrica de Xingó, Piranhas ficou na vitrine. O que de negativo existe, é exatamente, maior problema que o Nordeste enfrenta, é a degradação do rio São Francisco. O rio São Francisco está morrendo, e as autoridades estão todas caladas; o maior problema que nós vamos enfrentar nesse século, o que o mundo vai enfrentar é a questão hídrica, a CIA, que é a agência de inteligência dos Estados Unidos, pode não entender de nada, agora, na história da humanidade ninguém entende mais de guerra do que a CIA, e a CIA vem dizendo que o, o grande problema desse século, um dos grandes conflitos, as grandes guerras vão TR como causa a falta de água; e o São Francisco, o São Francisco pra o Nordeste, é o rio Nilo pra o Egito, por conta dessa construção de hidrelétricas por conta da Chesf, a cada dia se agrava a situação do rio São Francisco, no meu entendimento, volto a repetir, o maior problema do Nordeste é a degradação do rio São Francisco, e eu venho com essa luta em defesa do São Francisco desde 1976, por que 1976 Inácio? Porque quando eu comecei a cursar agronomia, e despertei pra o mundo para o meio ambiente, eu digo que as duas ciências desse século são ecologia e economia, MS vocês vejam o que é que acontece, o São Francisco foi morrendo, o IBAMA diz que, muitas vezes você ouve e, quantos milhões de litros d'água são jogados no mar sem serventia, e na maioria (?) isso é verdade, nenhum rio joga água no mar sem serventia, a saúde de um rio é testada pela quantidade de água que chega no mar, é a lei da natureza, o rio quando não tem água pra adentrar o mar, o mar é que adentra

no rio, eu disse a você que em 1501, quando Américo Vespúcio descobriu o rio São Francisco, o rio São Francisco invadia o mar 12 léguas, ou seja, 60 quilômetros, hoje, o mar já ta entrando no rio São Francisco, já que tem influência do mar em Penedo, então, nenhum rio joga água no mar sem serventia, pelo contrário, hoje o rio São Francisco não tem mais água suficiente pra peitar, invadir o mar, o mar ta exatamente entrando nele, só pra vocês terem uma ideia, você ter uma ideia, o rio São Francisco, que é o maior rio nacional, ele nasci e morre no Brasil, ele nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, em São Roque de Minas e deságua no mar aqui entre os Estados de Alagoas e Sergipe, ele tem aproximadamente 2.700 quilômetros, ou seja, o rio São Francisco corta os Estados de Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas Sergipe, o rio São Francisco representa, representa 75% do potencial hídrico do Nordeste, o rio São Francisco é responsável por 95% da geração de energia gerada pela Chesf, o rio São Francisco é responsável pela, por trezentos mil hectares de projetos de irrigação ao longo de sua bacia hidrográfica, o rio São Francisco é responsável pelo transporte de grande parte da produção, produzida ao longo da sua bacia hidrográfica, o rio São Francisco é responsável por inúmero projetos de piscicultura que nós temos ao longo dos seus 2.700 quilômetros e o rio São Francisco tem um papel importantíssimo na indústria de turismo, aí eu faço a pergunta, se o rio São Francisco desaparecer, desaparece totalmente do Nordeste e o governo ainda coloca o projeto mais criminoso da história do Brasil, que é um projeto enganoso, que é o projeto de transposição das águas do rio São Francisco, não sou contra a transposição, mas nós não podemos fazer de um paciente que está na UTI, ele doador, o São Francisco é um paciente que ta (sic) na UTI, esse é um tema que a gente levaria o dia todo discutindo.

M.B: Com certeza. Pra finalizar, eu queria saber se você tem alguma coisa a mais pra acrescentar sobre o assunto.

IL: Eu tenho um projeto intitulado “As potencialidades dos lagos do São Francisco”, ou seja, o lago de Xingó, os lagos de Paulo Afonso e o lago e Itaparica, eu disse que tivemos duas oportunidades de a nossa região ser a mais desenvolvida do Nordeste, primeiro, se fosse concluído esse projeto da transferrovia na época de D. Pedro III, o segundo momento foi em 1945, quando se fundou a Chesf, se a sede da Chesf tem ficado entre os Estados de Alagoas e da Bahia, ou seja, Paulo Afonso, Delmiro, aqui na nossa região, perdemos essa oportunidade, a terceira oportunidade é agora, por conta de que Inácio? Esse projeto é de minha autoria; eu disse a você que os grandes conflitos e guerras que nós vamos ter nesse século é por conta da falta de quê?

M.B: De água.

*I.L.*: De água. De cada 100 litros de água que se consome no mundo, 80 é destinado pra produção de alimentos, irrigação, 80 litros; 15 é destinado ao consumo industrial e 5 apenas pra o consumo humano e animal. Apesar,..., primeiro, toda região se desenvolve com esse tripé: água, estrada e energia, se você tiver água, estrada e energia uma região se desenvolve, sem isso La não vai pra canto nenhum, as grandes cidades do interior do Nordeste do Brasil pararam de crescer por falta de água, Feira de Santana na Bahia, Itabaiana e Lagarto em Sergipe, Arapiraca em Alagoas, Palmeira dos Índios em Alagoas, Garanhuns em Pernambuco, Campina Grande na Paraíba, Patos na Paraíba, Juazeiro do Norte pararam de crescer por falta de água, e você não tem como resolver de uma hora pra outra, apesar a degradação do rio São Francisco, nós temos água, principalmente o Estado de Alagoas. Nós temos do lado direito o rio São Francisco e do lado esquerdo o canal do sertão, nós temos energia, porque a maior concentração de hidrelétrica que o mundo tem é aqui na nossa região, como eu disse no início dessa entrevista, você saindo de Xingó numa linha reta pra Itaparica – não mais de 50, 60 quilômetros -, nós temos 7 hidrelétricas, sem levar em consideração as potencialidades que nós temos pra gerar energia solar e energia eólica, então temos água, temos energia e temos estrada pra qualquer parte do país. Deus foi tão generoso com a gente, que nós temos uma região, aqui no sertão de Alagoas, que é a região de microclima mais privilegiada que o Nordeste tem, é aquela região serrana de Água Branca e Mata Grande, aquilo pode ser uma região extremamente produtora de frutas, de produtos frutihorti granjeiros (?), Deus foi generoso, nós temos inclusive até um aeroporto, aqui em Paulo Afonso, aí eu pergunto a vocês, qual é a região do Nordeste que tem isso que a gente tem? Aliado a isso, a região, o município que mais cresceu turisticamente no Brasil nesses últimos 16 anos foi a região nossa; temos água, temos energia, temos estrada, temos aeroporto, temos região de microclima, temos um potencial turístico enorme, volto a repetir a você, qual é a região que tem isso no Nordeste? Então, nós vivemos uma crise política e econômica no Brasil, essa crise política e econômica passa, quando ela passar o Brasil não pode parar, se o Brasil parar não pode parar, tem abrir investimentos (sic), e a região do Nordeste que tem tudo isso que as outras não tem, essa região que eu batizei do nome de Potencialidades dos lagos do São Francisco (sic), Piranhas será o carro chefe desse projeto, esse projeto é de minha autoria, eu vejo aqui o futuro do Nordeste, perdemos com a transferrovia, perdemos quando foi fundada a Chesf, mas não podemos perder agora, por conta disso eu vejo nessa região, o futuro do Nordeste.

*M.B.*: Ok, obrigada Inácio.

*I.L.*: De nada.

**Transcrição da entrevista realizada com J.G Oliveira em 25 de março de 2017, em Piranhas – AL, como pesquisa complementar.**

M.B – Boa tarde.

J.G – Boa tarde.

M.B – Pra começar, qual o seu nome completo?

J.G – João Gomes de Oliveira.

M.B – E a sua idade?

J.G – Tenho 67 anos.

M.B – O senhor nasceu aqui na região mesmo?

J.G – Nasci no município de Piranhas.

M.B – O senhor sempre residiu aqui?

J.G – Me criei em Canavieiras, e hoje, a Chesf nos indenizou está com 180 metros de profundidade aonde justamente eu me criei, era nossas casas.

M.B – Era um povoado muito grande?

J.G – Um povoadozinho com 13 famílias.

M.B – E, como foi, assim, quando vocês receberam a notícia, foi a Chesf mesmo que foi lá falar com vocês?

J.G – Foi a Chesf mesmo, quando ela fez a pesquisa e deu tudo, analisou tudo direitinho, que, deu a rocha aqui pra fazerem a barragem, eles começaram a entrar em contato com a gente, eles mesmo desciam, abriram estrada na serra, e desciam pra lá, pro berço do rio e lá entrava em contato, sentava e conversava...

M.B – E conversava de família por família,...

J.G – Exatamente, sempre explicando que quando chegasse a data determinada, já tava se aproximando, e até que um dia chegou mesmo, e, a gente assinando alguns documentos, e através da indenização.

M.B – Houve alguma resistência das famílias que (es) tavam lá, de querer sair, alguma coisa?

J.G – Não, esperamos até o momento, e, de qualquer maneira tinha que sair mesmo, e aí, de qualquer maneira, não ficou todo mundo junto, sabe como é, quando acontece uma coisa assim a gente tem que se espalhar, nunca fica num local só, muito embora que justamente a Chesf fez, porque, uma indenização como justamente a Chesf fez, não só de Canavieiras, foi a última indenização, que é a última barragem de Xingó, mas, tem várias aí de cabeça acima, e eles fizeram praticamente umas vilazinha (sic) pras família né, tudo umas casas perto da outra, como nós fiquemo (sic) lá era casa de (inaudível) mas aí também faltou o que?, lábia, cabeça que num

tem, como diz a história, cabeça que não pensa, corpo que padece, então, nós não tivemos uma praticamente pra nos orientar na época determinada pra dizer, ói (sic), vocês assinando assim, assim e assado, e aí a gente sem saber, tudo leigo na época, aí, e aí se espalharam, uns pra Delmiro, outros pra Canindé, uns (inaudível), e tão aqui, o Xingó a metade, o resto espalharam. M.B – E, assim, como posso dizer, o processo da mudança, quando começou a indenização, demorou muito tempo, ou a hidrelétrica já (es)tava começando a ser construída?

J.G – Não, não demorou não, quando eles foram, resolveram a gente levantar acampamento (sic) eles já levaram carro grande já pra carregar bagagem, desmontar o que quisesse desmontar das casa (sic), quisesse... Como, ia tirar o que, pra que, que não tinha nem em que carregar, se quisessem trazer alguma telha, uma madeira e uma coisa, mas não,...., pegar numa serra daquela, depois ele dizia, nem adianta também porque de qualquer maneira a gente ta, tem carro a disposição pra isso que a Chesf tem, só que a Chesf vai dá outras casas de alvenaria, que hoje a gente se encontra com vocês aqui com casa de taipa, na beira do rio, e a gente vai dá um terreno cercado do jeito que encontramos aqui de vocês, que cada um tinha, a gente vai dá lá na beira do rio, por baixo da barragem e as casas de alvenaria, aí a gente concordou, e hoje, justamente, a gente conta que fizeram esse galpão aqui pra os pescadores, pra gente guardar os aviamentos, que hoje mora uma, um dos meus filhos lá na beira do rio, lado de cima da ponte, onde era a antiga bomba, e nós ficamos, me deram essa casa aqui no mutirão, que aqui nós estamos aqui no mutirão (sic) da Chesf na época, e hoje inda né, eu acho que não passou ainda pra prefeitura de Piranhas ainda não isso aqui não, e por sinal até hoje nunca me entregaram nem o documento original dessa casa, vinte e tantos anos, eu corri cinco anos até quando parei, também não pago o IPV...

M.B – IPTU.

J.G – O IPTU, porque é por conta deles, não me entregaram documento, a casa não é minha é deles, eu já conversei com o fiscal da prefeitura, e ele me explicou; você corra atrás porque isso aqui, se a Chesf quiser, desocupe a casa, é minha, só que pelo documento de Canavieiras através da barragem de Xingó, eles não podem mexer em nada, então tamos (sic) assim até hoje, por sinal, todas as casas pertencentes a Chesf aqui dentro, não só no mutirão, a de Lurdes, da Evilane e de várias pessoas de Nova Piranhas e até hoje não deram o documento original, deram o provisório, que não vale nada, mas também, voltando atrás a gente não tem (**outra pessoa: não tem como mexer**), não e outra, não tenho pensamento em vender, mudar, como eu, na minha idade, pra onde eu vou mais, daqui, faz que nem diz a história, só pra casa nossa né, que é a certa.

M.B – E, hoje em dia, quando você olha, você vê que foi, ... foi o melhor a si fazer, você sair de Canavieiras, tá morando aqui, não ter feito nenhuma resistência pra continuar no povoado?

*J.G* – Minha amiguinha, pra melhor lhe dizer, foi a pior coisa que aconteceu no mundo, pra nós de Canavieiras, não só pra nós, talvez pra todos os reassentados da beira do rio que a Chesf indenizou, muito embora que ela deu direito a uns e não deu a outros, aquele que é analfabeto, que não entende de outra coisa, como nós, fiquemo (sic) quieto e perdemo isso aqui<sup>205</sup>, então de qualquer maneira, você sabe o que é a senhora nascer e se criar no seu setor com pai e mãe irmã e irmão e tudo, e ser levantado, ver a água chegar na sua casa de uma hora pra outra, e o lazer que nós tinha dentro de Canavieiras, que esse conhece demais, em peixe, saia daqui pra ali, dois ou três (inaudível) nós ia pegar o saco de peixe, era muito importante, pra hoje se vê não (?), descemos pra cá e encontrar as consequências que nós enfrentamos, porque quando chegamos aqui, o peixe começou já a fracassar, quando fecharam a barragem pronto, a tendência foi que o peixe só vinha e voltava, ficava que nem (sic) uma balança (?) e a tendência foi nós cair, até hoje,... sem pegar peixe porque justamente, e o pior é que ainda fechavam e botaram uma regra aí de mil e tantos metros pra gente não chegar no pé da barragem por fato que é arriscado, a Chesf não aceitava, e nem a Marinha, e ficamo (sic) nessa, aonde justamente se localiza o peixe no pedal da comporta o caba não pode ir lá pra pegar, pescador vai, prejudicou demais, pescador vai porque o pescador é bicho teimoso e arriscando a vida, mais, é, por lei ele não aceitam isso, pra isso botam as praca (sic) né...

M.B – No caso se acontecesse alguma coisa, eles não se responsabilizam.

*J.G* – Exatamente, eles não se responsabilizam, e a coisa foi assim, quero dizer, enquanto, até enquanto eu não me aposentei, eu sofri muito aqui embaixo pra arrumar o pão de cada dia, de uma pescaria, de um peixe espantado por dia e noite com tanta gente localizando rede e tarrafa e (inaudível) e até hoje que justamente acabaram, e hoje nós se encontra com esse rio praticamente, abriu falência praticamente entre água e peixe, ta só o riachinho, essa situação da a gente, mas fazer o que? Isso é a companhia hidrelétrica do São Francisco faz isso né, porque justamente, eles mantem, querem manter uma parte no largo (?) no nível alto e soltava pra cá Deus o livre (?), quer dizer, enquanto num tem esse pensamento que tem milhares e milhares de pescadores que vive da pesca e cria seus filhos e outros criando do rio porque, se você correr atrás de emprego hoje num encontra, a dificuldade é grande, e mais, olhando o outro lado, eles falam que eu não entendo bem porque não tenho leitura, mas, sempre tem o raciocínio claro, e entendo muito da coisa, que foi ruim pra uma parte, justamente pra pesca, pra o pescador aqui

---

<sup>205</sup> Sinalizou que perderam dinheiro.

por baixo da barragem até embaixo mas foi muito bom pra o lago que encheu, pra muita gente também, e, pra começar abriram o canal do sertão, como chama aí, já “esbrandeu” água pra muito canto, lugares secos, justamente, muita gente se acabando de sede, pra isso, uma parte foi boa, mas, as coisas não são iguais né, quando é um lado bom sempre tem um lado ruim, num tem jeito.

M.B – Pra completar, só se você tiver mais alguma coisa a acrescentar sobre a história de Canavieiras que você queira dizer?

J.G – Canavieiras é como eu to lhe dizendo, a coisa foi assim, de repente nós ficamos até, praticamente até hoje desse jeito, todo mundo se espalhou, todo mundo pegou sua casinha, outros pegou por aqui, vendeu e comprou outra lá (vila Sergipe), e, lá, todo mundo espalhado, os mais velhos já morreram um bocado, como teve o de Sergipe ali que morreu, que morava (inaudível) como esse conhece, um bocado deles né, meu pai também, que já morreu, e assim, a Maria né, os meninos, a véia (sic) morreu, os mais velhos vão morrendo né, não tem jeito diz que morre novo todos os dias porque procuro, e os velho, que chaga a idade, os ossos enfraquecem e a doença mata, se não morrer de acidente nós morre porque ninguém nasceu pra cimento (?) né.

M.B – Muito bem então, obrigada viu Seu João.

J.G – Obrigado você, porque é tão bom quando chega as pessoas da família pra se encontrar e bater papo.